

Das Raízes do Campo ao Hip Hop nas Escolas

Um anarquista sobrevivendo na terra do latifúndio

Sinopse:

Como nasce a consciência em um chão marcado pelo peso do passado? Para o Mano ordai, a história não é apenas o que se estuda nos livros, mas o que se sente na pele. Vindo do barro do João Arregui na sua ancestralidade, ele carregou consigo a herança da família e a força da sua avó para enfrentar o cenário mais rígido da fronteira gaúcha: o império do latifúndio, do clientelismo e de um conservadorismo que tenta ditar destinos antes mesmo do nascimento.

Neste relato visceral, o asfalto surge como o primeiro campo de batalha. Entre o shape do Skate e os acordes do Punk/Hardcore, ele não encontrou apenas um estilo de vida, mas uma filosofia de negação às correntes impostas. Foi no grito anarquista que aprendeu a sobreviver em uma terra onde o poder é herança de poucos e o silêncio é a regra para os demais.

A trajetória, porém, atravessou vales sombreados. Da privação de liberdade no cárcere ao despertar para a Filosofia e a História, cada queda foi transformada em teoria e cada cicatriz em ferramenta de libertação. Ali, onde o sistema tentou o isolamento, nasceu a urgência do encontro.

Se o Punk foi o grito de revolta, o Hip Hop tornou-se a estratégia de ocupação e cura. Hoje, como educador social e professor, Mano Ordai ocupa as salas de aula com a premissa de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho: os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. No projeto Hip Hop nas Escolas, o monólogo da autoridade dá lugar à pedagogia do diálogo, e o microfone torna-se o instrumento para que cada jovem pronuncie sua própria palavra e reivindique seu lugar no mundo.

"Das Raízes do Campo ao Hip Hop nas Escolas" é o manifesto de um sobrevivente que prova que a educação, quando compartilhada e horizontal, é a manobra mais radical de todas.

O Autor

Mano ordai nasceu na zona urbana de Uruguaiana, mas carrega no DNA a força de seus ancestrais que vieram do barro do João Arregui da colônia das rosas. Filho da cidade, construiu sua identidade no asfalto, entre o shape do Skate e a urgência do Punk.

Mais do que um estilo de vida, assumiu a postura anarquista como forma de sobrevivência e resistência. Em uma região marcada pelo poder do latifúndio, pelo coronelismo e pelo clientelismo, sua trajetória é um ato de coragem contra as cercas que tentam limitar o pensamento e a cultura.

Sobrevivente das engrenagens do cárcere, transformou a vivência em saber. Hoje, como Professor de História e Filosofia, Educador Social e Produtor Cultural, transita pelas linguagens do cinema, do Rap e da fotografia para democratizar o acesso à arte. Através da cultura Hip Hop, ele prova que a educação é um ato de liberdade e que, mesmo na terra dos latifundiários, o diálogo e a criação coletiva são as manobras mais revolucionárias para transformar a realidade da juventude.

PREFÁCIO: O SANGUE, O ASFALTO E A GRADE

O que você tem em mãos não é apenas um livro de memórias; é o manifesto de uma vida forjada no calor da fronteira e nas contradições de um Brasil que insiste em apagar os seus. Esta é a cartografia de uma resistência que começou muito antes do meu primeiro par de rodas tocar o chão.

Esta jornada tem raízes no barro do campo. Começa com o apito de um trem que trouxe minha família do interior para a cidade, carregando pouco na bagagem, mas muito na alma. Sou fruto de um regime matriarcal de ferro e afeto, erguido pelos braços de uma avó negra, Maria Virgínia a dona mulata, que me ensinou a ler o mundo antes mesmo que eu conhecesse as letras. Cresci no final da ditadura militar, em uma década de 80 onde o silêncio era a regra, mas o grito já estava pronto para sair.

Nas páginas que seguem, você caminhará comigo pelos percalços de uma juventude elétrica e perigosa. O skate Punk não foi um hobby; foi meu passaporte para a liberdade e meu escudo contra o destino óbvio reservado aos pobres. Você conhecerá o submundo das ruas, o caos do movimento punk e as sombras das drogas que tentaram, sem sucesso, me engolir. É um relato sem filtros sobre os amores que arderam e se apagaram, os casamentos que não deram certo e as cicatrizes deixadas por uma vida que nunca soube o que é o "morno".

Mas, no meio dessa caminhada de espinhos, floresceram as minhas maiores vitórias: minhas filhas. Por elas, enfrentei a dor da distância e o peso da escassez. Por elas, transformei o guri que "palhava" arroz em um engenho no Bairro Santana no professor de filosofia que ousou desafiar o dogma dentro de um colégio de freiras.

Este livro também abre as cortinas de ferro de um episódio sombrio: o cárcere. Você verá como o sistema se organiza para esmagar um intelectual negro e

anarquista quando ele se torna uma ameaça eleitoral aos donos do poder. Narro aqui a arquitetura de uma perseguição política covarde, a fraude das pesagens e a tortura psicológica de uma noite de março que tentou me apagar, mas que acabou por me lapidar.

Hoje, quem olha para aquela noite de 2010 não imagina o caminho de volta. O homem que eles tentaram rotular como criminoso renasceu como Produtor Cultural, Músico, Compositor e Agente Territorial de Cultura. Através do projeto Hip Hop nas Escolas, transformei minha trajetória em munição para a educação. Minhas palestras não são apenas falas acadêmicas; são alertas viscerais para a juventude negra e periférica sobre as armadilhas que o sistema prepara para eles.

Quem diria que, depois de tudo, eu me tornaria o espelho onde muitos jovens agora buscam a força para não cair? Do pó do engenho ao pó das bibliotecas; do asfalto das ladeiras ao concreto frio da penitenciária, até chegar ao palco da cultura. Aqui jaz a visão filosófica de Mano Ordai: um diplomata libertário que descobriu que a verdadeira liberdade não está na ausência de grades, mas na impossibilidade de ser silenciado.

Prepare-se para um mergulho visceral. Esta é a história de quem caiu, mas nunca se curvou.

Capítulo 1: O Barro de Onde Viemos

A história não começa no asfalto onde as rodas do meu skate deslizaram anos depois. Ela começa no chão batido de uma casa de pau a pique na Colônia das Rosas, em João Arregui. Ali, o horizonte era desenhado pelo latifúndio, mas a realidade dentro de casa era a da sobrevivência nua e crua. Sem luz elétrica, sem geladeira, o tempo era medido pelo sol e a comida era o que a terra e o esforço braçal permitiam.

Minha avó era o pilar desse mundo de privações. Enquanto os homens da família se espalhavam para servir ao sistema que os cercava — uns nas estâncias cuidando do gado dos outros, como meus tios Olavo, Nelson e Jorge, e meu tio Samuel nas lavouras de arroz — a vida seguia um ritmo de resistência.

Havia, porém, o brilho da especialização em meio à escassez. Meu tio Celso, dentro da padaria dos Vepo lá na Colônia, descobriu o segredo da farinha. O que começou como necessidade de subsistência transformou-se em um ofício que, mais tarde, seria sua libertação na cidade grande. Daquela pobreza saía a delicadeza dos folhados e dos doces, uma arte forjada no calor dos fornos de João Arregui.

Mas o preço daquele chão era alto. Meu avô sentiu o peso do latifúndio nos ombros, literalmente. O esforço de carregar fardos de lã em pesados carros de boi até os vagões de trem da estação foi o que lhe roubou o fôlego final. Ele morreu do coração, vencido pelo esforço sobre-humano de carregar a riqueza que nunca seria dele. Foi o transporte daquela lã, que aqueceria outros corpos em outros lugares, que parou o coração de quem a carregava no lombo.

Minha mãe e minha tia assistiam a tudo isso na lida da casa, absorvendo a força de uma linhagem que não tinha nada, mas que se recusava a desaparecer. Eu sou o fruto desse esforço. Eu sou o neto do carro de boi e o filho da resistência.

A Caneta de Sangue e Ritmo: O Sonho de Virgínia em Mim

Há uma justiça poética que o tempo, em sua sabedoria silenciosa, se encarrega de realizar. Quando entro em uma escola pública hoje, carregando o som das ruas, a batida do Hip Hop e o conhecimento da História, não estou sozinho. Comigo entra Dona Virgínia, minha avó.

Em 1900, na vastidão da Estância Califórnia, o mundo dizia "não" para aquela menina negra resgatada de uma sanga. Negaram-lhe o alfabeto para que ela não pudesse ler sua própria importância. Negaram-lhe a escrita para que ela não pudesse registrar suas dores e seus sonhos. O latifúndio queria braços, nunca mentes. O silêncio era a ferramenta de controle daquela elite uruguaianaense.

O que foi negado a ela, tornou-se minha missão.

Hoje, quando ensino um jovem da periferia — um jovem que, como eu, também pode ter vindo do Morro do Piolho ou do Rondon — a articular um pensamento, a escrever uma letra de rap ou a entender as engrenagens da história, estou entregando a caneta que tiraram da mão da minha avó.

O Hip Hop é, em essência, a voz dos que foram silenciados. É a alfabetização política de quem foi marginalizado. Levar essa cultura para dentro das escolas é uma forma de reparação histórica.

Se a Dona Virgínia foi proibida de ler, eu me tornei mestre em ler o mundo.

Se a ela foi imposto o silêncio das senzalas modernas, eu faço o microfone ecoar o grito de liberdade das periferias.

Minha trajetória — da sobrevivência nas ruas e no mundo das drogas até a autoridade acadêmica e artística — é a prova de que o sistema falhou em nos calar. Cada palavra que escrevo, cada aula que dou e cada batida que solto é um recado para o passado: "Vó, eles não conseguiram. Eu aprendi a ler, eu

aprendi a escrever e agora eu ensino o nosso povo a nunca mais baixar a cabeça."

Eu sou a continuidade do sonho de quem foi interrompido. Sou a voz de Virgínia amplificada pelo grave do Hip Hop.

O Saber Interditado: Dona Virgínia e a Herança do Silêncio

No início do século XX, enquanto o Brasil se ensaiava como República, Uruguaiana era um tabuleiro de poder dominado pelos grandes latifúndios. Foi nesse cenário, por volta de 1901, que minha avó, Virgínia — uma menina negra, neta de mulheres que sentiram o peso do grilhão — foi encontrada em uma sanga. A sua adoção pela poderosa família Ferraz, donos da Estância Califórnia, não foi um ato de igualdade, mas sim uma forma de paternalismo oligárquico.

Por que o acesso às letras lhe foi negado?

O sonho da Dona Virgínia de aprender a ler e escrever foi barrado por três pilares invisíveis, mas intransponíveis da época:

A Educação como Instrumento de Poder: Na estrutura das estâncias do Rio Grande do Sul, o saber era um privilégio de classe. Alfabetizar uma mulher negra e neta de escravizados era, na visão dos latifundiários, "desperdiçar" uma mão de obra que deveria ser apenas executora. O domínio das letras trazia consciência, e a consciência era uma ameaça à submissão necessária para o trabalho doméstico e do campo.

O Racismo Estrutural Pós-Abolição: Embora a escravidão tivesse acabado legalmente em 1888, a mentalidade escravocrata permanecia viva. Para a elite da época, o corpo negro era visto apenas como força de trabalho. Negar a instrução à Virgínia era uma forma de mantê-la em uma "escravidão branca", onde ela era "da família", mas nunca com os mesmos direitos dos filhos legítimos.

O Patriarcado Rural: Como mulher no início dos anos 1900, o destino traçado para ela era o silêncio, o serviço e a obediência. Se para muitas mulheres brancas o estudo já era limitado, para uma mulher negra na fronteira, o analfabetismo era uma ferramenta de controle absoluto.

Dona Virgínia carregava o desejo do conhecimento como uma chama acesa, mas as cercas da Estância Califórnia eram mais do que madeira e arame farpado; eram cercas de ignorância imposta. Ela foi acolhida pela família, mas mantida na periferia do entendimento formal.

O PESO DA LÃ E O RITMO DOS TRILHOS

Escrever a própria história é, antes de tudo, um exercício de escavação. Para entender o homem que resistiu às celas de Uruguaiana no século XXI, é preciso primeiro desenterrar o chão de onde ele brotou, décadas antes. Minha história não começa no asfalto, nem no barulho das rodas de um skate, mas no silêncio cortado pelo apito de metal da Maria Fumaça em João Arregui, entre os anos 30 e 40.

Naquela época, o Rio Grande do Sul era um tabuleiro de xadrez onde o destino dos homens era decidido na ponta da faca ou na extensão da terra. João Arregui não era apenas uma parada ferroviária; era um feudo. A estação era o único cordão umbilical que ligava aquele pedaço de pampa ao resto da civilização. Era um lugar de calma aparente, mas sob o sol forte da fronteira, a estrutura de poder era rígida como o ferro dos trilhos.

Meus avós, Dona Maria Virgínia e Seu Adrônico Félix, eram as engrenagens invisíveis no meio da zona rural. Naqueles anos 30, o Brasil ensaiava uma modernização, mas ali o tempo era medieval: o sobrenome dos donos valia mais que o registro civil dos que serviam.

Meu avô Félix carregava no sangue a herança indígena e, nos braços, a força necessária para a lida das ovelhas. Ele era o mestre da tosquia, o homem que despia o gado para vestir a elite. Mas o "ouro branco" da lã nunca ficava com ele. O destino de Félix foi selado em um gesto de esforço bruto, típico de uma era onde a máquina humana não tinha peça de reposição. Ao erguer um fardo pesado de lã — aquele volume imenso que simbolizava a riqueza alheia — seu coração, cansado da exploração, falhou. O ataque cardíaco no meio do galpão foi o ponto final de uma vida dedicada a servir a uma terra que não era sua.

Com a queda do patriarca, a "cultura do medo" da fronteira dos anos 40 mostrou sua face mais fria. Sem o braço do homem para a lida, a família era vista como um peso morto pelo latifúndio.

"Tem certeza de que vai para a cidade, dona Mulata?", perguntavam os capatazes com aquela falsa benevolência que esconde o chicote. "Lá fora o mundo está em guerra, a cidade é um caos. Aqui, você tem o teto do galpão e o rancho garantido."

Era a retórica clássica do coronelismo: vender a servidão como se fosse proteção. Queriam que minha avó, uma mulher negra com sete filhos nos braços, acreditasse que o mundo além da porteira seria seu fim.

Mas Maria Virgínia, em um ato de insubordinação silenciosa, entendeu que o teto oferecido era a tampa de um caixão para o futuro de seus filhos. Ela recolheu o pouco que possuía, a dignidade que restava e a coragem de quem não tem nada a perder, e caminhou em direção à estação.

Quando o trem partiu de João Arregui, cortando a pampa rumo a Uruguaiana, a fumaça negra da locomotiva abandonaria o século XIX. Minha avó não estava apenas mudando de endereço; ela estava desertando de um sistema de castas. Ela trocou a segurança da senzala moderna pela liberdade incerta do asfalto.

Foi naquele vagão de madeira, sentada entre os filhos e o luto, que o meu DNA de resistência foi forjado. Eu ainda não existia, mas a coragem de Maria Virgínia já escrevia as primeiras notas do grito de liberdade que eu soltaria décadas depois.

O Peso da Lã e o Apito do Trem: O Fim da Era Rural

Enquanto meus tios buscavam a cidade — o tio Nelson indo para o rigor do Exército e os outros quatro tentando a sorte na zona urbana — a resistência da minha família ainda estava fincada no barro de João Arregui. Apenas o tio Olavo permaneceu fiel à lida campeira, mantendo viva a tradição do cavalo e do campo.

Meu avô, Adrônico, era o elo que sustentava as mulheres que restaram: minha avó Virgínia, minha tia Fani e minha mãe, a caçula de todos. Mas o sustento vinha com um preço de sangue. Na estação ferroviária de João Arregui, sob o sol forte ou o minuano cortante, o Vô Adrônico enfrentava os gigantescos fardos de lã. Cada fardo que ele erguia para dentro dos vagões era um pedaço da sua saúde que ficava pelo caminho.

A Morte no Trecho e o Êxodo Forçado

Não foi a velhice que levou meu avô, foi o trabalho. O corpo, embora forte como o de um indígena missioneiro, sucumbiu ao esforço de carregar o progresso dos outros nas costas. Com a morte do Vô Adrônico em João Arregui, o mundo rural se fechou para as mulheres da minha vida.

Sem o "arrimo", sem o homem que domava o trabalho pesado na estação, a Estância e o Distrito não tinham mais lugar para uma viúva negra e suas filhas. Foi o silêncio do apito do trem e o luto que empurraram minha avó Virgínia, minha tia Fani e minha mãe para Uruguaiana.

Elas não vieram para a cidade em busca de luxo; vieram em busca de sobrevivência, fugindo do vazio que a morte do meu avô deixou no campo.

A CIDADE E AS MÃOS QUE COSTURAM A VIDA

O desembarque em Uruguaiana não foi cercado de promessas. Quando os pés de Maria Virgínia e suas duas filhas tocaram a plataforma da estação, o que os

esperava não era o conforto, mas a crueza do asfalto. Eles se estabeleceram na Rua 13 de Maio. Ironicamente, a rua que carregava a data da abolição seria o cenário onde minha família teria que lutar, dente por dente, para não ser novamente escravizada pela miséria.

Morar em um bairro de classe média sendo retirante do campo era um exercício diário de resistência. A fome não era uma metáfora; era uma vizinha silenciosa que dormia com eles no mesmo cômodo. Meus tios e minha mãe contam que a privação era o pão de cada dia. Mas, se o latifúndio achou que a cidade os quebraria, subestimou o sangue que corria naquelas veias.

A sobrevivência virou uma operação de guerra dividida em frentes:

Minha mãe e minha tia, com a visão de quem precisava tecer o próprio destino, debruçaram-se sobre as máquinas de costura. Cada ponto dado no tecido, cada curso de costureira concluído, era uma tentativa de remendar uma vida que o sistema insistia em rasgar. Elas não estavam apenas fazendo roupas; estavam construindo a armadura que protegeria a dignidade da família.

Enquanto isso, meus tios se espalhavam pelas engrenagens da cidade. O tio Olavo, que trazia na alma a sabedoria da lida bruta, voltou para o campo. Ele era homem de estância, conhecia o segredo das ovelhas e do gado, e aceitou o exílio do interior para enviar o sustento para a casa na 13 de maio. O tio Nelson tornou-se o zelador da cidade foi trabalhar na limpeza Urbana. Com a enxada e o rastilho nas mãos, ele limpava as ruas por onde a elite passava, transformando o trabalho pesado na Secretaria de Obras no alicerce que mantinha a família em pé.

O tio Jorge fincou raízes na cidade, enquanto o tio Samuel, o mais novo, equilibrava-se na incerteza dos pequenos trabalhos, os "freelances" da sobrevivência. E o tio Celso, movido por um desejo de horizonte que a fronteira talvez não pudesse mais conter, partiu para Porto Alegre — a grande metrópole que prometia outros mundos.

Essa era a Saga dos Ordai. Uma família fragmentada pelo esforço da sobrevivência, mas unida por um pacto silencioso de nunca mais baixar a cabeça. Naquela casa da Rua 13 de Maio, entre o barulho das máquinas de costura e o cansaço dos que voltavam do trabalho braçal, eu estava sendo gestado. Não no ventre, mas na memória.

O DESTINO TECIDO EM LÃ: A REDENÇÃO PELO CONHECIMENTO

Mas a história, esse rio sinuoso que eu mais tarde aprenderia a estudar com o rigor do historiador, guarda ironias que desafiam o próprio tempo. Se nos anos 30 o fardo bruto da lã havia sido o carrasco do meu avô Félix em João Arregui, décadas depois, a mesma lã seria o pedestal de um dos seus filhos.

Meu Tio Samuel, meu padrinho e guia, não permitiu que a nossa história se repetisse como tragédia. Ele pegou o trauma da família e o transformou em maestria. Samuel não aceitou o destino de ser apenas mais um braço na lida; ele tornou-se o intelecto que o sistema foi obrigado a reverenciar. Especializou-se na classificação de lã, transformando o olhar em uma ferramenta de precisão técnica.

Havia uma justiça poética em vê-lo ascender dentro da Cooperativa Vale do Uruguai — o próprio coração econômico da elite de Uruguaiana. Ali, onde os grandes produtores decidiam os rumos da economia, Samuel tornou-se uma autoridade. Ele não era apenas um funcionário; era o mestre. Sua competência era tamanha que as fronteiras da nossa cidade ficaram pequenas. Ele passou a cruzar o Rio Grande do Sul e a viajar para fora do estado, levando o seu saber e dando cursos para aqueles que queriam aprender a arte de classificar a fibra.

Onde o avô deixou o suor e a vida no chão batido da estância, o filho impôs o saber técnico sob as luzes da Cooperativa. A vitória do Tio Samuel era, em última análise, a vitória da coragem de Maria Virgínia. Era a prova de que a "insubordinação" de abandonar o latifúndio havia frutificado na forma de soberania intelectual.

Foi sob esse teto — entre o barulho das máquinas de costura da minha mãe e o prestígio das viagens do meu padrinho — que eu começaria a entender o mundo anos mais tarde.

O CLÃ DE MARIA VIRGÍNIA E A AUSÊNCIA PRESENTE

Eu sou fruto de um tempo em que a honra era medida pelo fio da faca e pelo cano do revólver. Minha chegada ao mundo, em 1973, não foi apenas o nascimento de uma criança; foi o epicentro de uma tempestade familiar. Meu pai, Carlos Alberto, vinha de Alegrete. O amor entre ele e minha mãe esbarrou na moralidade implacável daquela década. Nos anos 70, uma gravidez fora do casamento não era um fato privado, era uma "mancha" que o código de honra da fronteira exigia limpar.

Meus tios, criados sob a rigidez da pampa Gaúcho, não aceitaram. O Tio Nelson, homem de têmpera forte e que sempre andava armado, viu naquela situação uma afronta que só o sangue ou o exílio poderiam resolver. Sob a mira da arma e da pressão familiar, meu pai teve que bater em retirada para Alegrete. Não foi abandono por desamor; foi uma fuga pela sobrevivência.

Assim, eu cresci em um universo majoritariamente feminino matriarcal, mas protegido por um escudo de aço. Se o meu pai biológico era uma sombra distante — alguém que eu só viria a conhecer face a face aos 37 anos de idade —, o vazio da sua ausência foi preenchido por um gigante.

Tio Samuel.

Meu padrinho, o classificador de lã respeitado, foi quem assumiu o papel de pai. Foi ele quem me deu a mão quando o mundo parecia grande demais. As mãos que classificavam a fibra mais finas do estado foram as mesmas que seguraram o guidão da minha primeira Monareta, ensinando-me que o equilíbrio era a chave para seguir em frente. Samuel foi o meu "pai de alma", o homem que transformou a ausência de Carlos Alberto em presença de cuidado.

Ao meu redor, formou-se um clã de resistência: minha avó Maria Virgínia, minha tia Fani e minha mãe. Três mulheres negras que enfrentaram o preconceito de uma Uruguaiana conservadora, onde ser mãe solo e negra era carregar um alvo nas costas. Elas me deram o que o sistema tentou me tirar: dignidade.

Minha mãe sofreu o peso de uma sociedade que não perdoava a independência feminina, mas ela nunca deixou que aquela dor chegasse até mim como amargura. Eu fui criado no amor, no silêncio resiliente daquele chalé, enquanto a escola Marechal Cândido Rondon subia lá fora no fundo de casa.

Eu não culpo meu pai, nem culpo meus tios. Entendo hoje, como historiador e filósofo, que eles eram prisioneiros de uma educação brutal. Mas foi essa configuração familiar — esse clã de mulheres fortes e o suporte técnico e afetivo do Tio Samuel — que me deu a base para que, mais tarde, eu pudesse desafiar as grades de qualquer sistema. Eu já nasci aprendendo que a família não é apenas sangue; é quem fica ao seu lado quando o tiro está prestes a sair da arma.

Os Trilhos do Destino: O Trem Húngaro e a Descoberta do Mundo

A Viagem no Trem Húngaro (1978): Aos cinco anos, embarquei com minha avó Virgínia, minha tia Fani e meu tio Samuel em uma jornada que mudaria minha percepção de distância. Saímos de Uruguaiana às 19h no lendário Trem Húngaro da RFFSA. O luxo daquela época era fascinante: o jantar servido na saída, o café da manhã na chegada às 8h30 em Porto Alegre, e o balanço constante sobre os trilhos que pareciam contar histórias.

O Bailão Sobre Rodas: O que mais me marcou foi o movimento dentro do próprio trem. Havia um espaço onde a música não parava; o pessoal sacava a gaita e o violão e transformava a viagem em um baile improvisado. Ver a música acontecendo ali, entre os vagões, reforçou em mim a ideia de que a arte é companhia, é celebração e é, acima de tudo, identidade em movimento.

O Fascínio pela Capital: Porto Alegre me conquistou de imediato. O Parque da Redenção, a grandiosidade das ruas, a energia da metrópole... para um guri

de Uruguaiana, aquilo era um universo novo. Eu mal sabia que aquela cidade, que me recebeu com o som do saxofone do Tio Celso no bairro Teresópolis, se tornaria minha casa definitiva vinte anos depois, em 1998.

A Simbologia dos Trilhos: Olhando para trás, percebo como os trilhos da linha férrea acompanham a saga da minha família. Foi por eles que saímos do campo (João Arregui) para a cidade, e foi por eles que vislumbrei, pela primeira vez, que o mundo era vasto. A ferrovia não levava apenas pessoas; levava sonhos, instrumentos musicais e a coragem de buscar uma vida nova.

DO CENTRO AO BROOKLYN: O REINO DOS ROUXINÓIS

Antes do chalé, houve o asfalto do Centro. Minhas primeiras memórias, ou melhor, as memórias que minha mãe guardou para mim, vêm da Rua General Câmara. Naquele início dos anos 70, Uruguaiana respirava uma modernidade de vitrine. Eu cresci vendo o brilho dos carros da Chevrolet estacionados na concessionária da GM, um cenário que parecia saído de um filme americano, mas a minha realidade era muito mais pulsante e perigosa para uma criança "sapeco".

Minha mãe conta que o mundo era pequeno para mim. Eu via os ônibus da Vila Júlia passando e, num impulso de liberdade que já dava sinais, tentava embarcar neles para descobrir onde a cidade terminava. Quem me resgatava era o Vovô Ritter. O bar dele, na esquina, era o meu porto seguro e a minha primeira tentação gastronômica. Entre o balcão e o cheiro de pastel e linguiça, o Vovô Ritter me acalmava e me devolvia aos braços de minha mãe. Ali, eu era apenas o menino da General Câmara.

Mas em 1976, aos três anos, o meu destino mudou de endereço e de cor. Mudamos para a General Vitorino, o bairro que a minha geração apelidaria carinhosamente de Brooklyn.

O apelido não era por acaso. Se o Centro era a vitrine branca e comercial, a General Vitorino era o coração pulsante da negritude de Uruguaiana. Era o território dos Fuzileiros Navais, dos trabalhadores braçais e, acima de tudo, dos artistas do povo. Minha família já era realza ali antes mesmo de eu nascer.

Minha mãe, uma mulher de beleza e garra ímpares, havia sido a segunda Rainha d'Os Rouxinóis, em 1953, logo na fundação da escola. Minha avó e ela ajudaram a costurar as primeiras bandeiras daquele pavilhão. O Carnaval não era apenas uma festa para nós; era o nosso momento de soberania. Nossa linhagem passava pelos salões do Clube B.U. (Beneficência União – Filhos do Trabalho), um dos primeiros clubes negros da cidade, que mais tarde seria presidido pelo meu Tio Samuel.

Morar no "Brooklyn" gaúcho era estar cercado por referências de poder negro. Enquanto a escola Marechal Cândido Rondon subia na minha frente, o som dos tamborins d'Os Rouxinóis entrava pelas frestas do nosso chalé. Eu cresci entre a educação formal que o Estado me oferecia e a educação ancestral que o samba e os clubes negros me ensinavam.

Eu não sabia na época, mas estar naquele bairro, sendo filho de uma rainha e sobrinho de um presidente de clube negro, me dava um escudo invisível. Eu estava aprendendo que a nossa história não era feita apenas de servidão nas estâncias de João Arregui, mas de luxo, ritmo e comando na General Vitorino.

O CHALÉ DA GENERAL VITORINO – A FORJA DO OLHAR

O ano era 1978. Em Uruguaiana, o inverno não pede licença; ele atravessa as frestas das janelas e gela o pensamento. Eu tinha três anos de idade e habitava um universo que, visto hoje, parece um quadro de realismo fantástico encravado no Pampa. Nossa morada era um chalé de madeira na Rua General Vitorino, um lugar onde o tempo era medido pelo ritmo das agulhas e pelo aroma da terra molhada.

Ali, o silêncio era preenchido pela sinfonia das máquinas Singer. Minha mãe e minha tia, em uma especialização quase sagrada na arte da costura, transformavam tecidos sobre uma grande mesa de madeira que parecia o centro do mundo. Aquelas máquinas não apenas uniam panos; elas costuravam a dignidade da nossa família.

À frente, um muro baixo nos separava da rua. Mas era nos fundos que a mágica acontecia. O terreno era um latifúndio de descobertas que terminava onde o Colégio Marechal Cândido Rondon ainda ganhava suas formas finais de concreto. Aquele quintal era uma lição viva de autonomia — o que hoje eu entendo como o germe do pensamento anarquista e livre. Havia uma parreira de uvas que desenhava sombras no chão, pés de goiaba, ameixa, laranja e limão. O pão que comíamos não vinha de prateleiras impessoais; ele nascia do fogo de chão, pelas mãos de minha avó, que também cultivava uma farmácia viva. Alecrim para a alma, marcela para o estômago, confrei para as feridas. Minha avó trocava mudas com as amigas como quem troca segredos preciosos, curando o corpo com o que a terra oferecia.

Minha infância era delimitada por dois mundos distintos. À direita, o muro da casa do Marques da Cunha, o radialista cuja voz ecoava em toda a cidade. Em uma casa de sete filhas, eu era o único menino autorizado a romper a fronteira e brincar naquele reduto feminino. À esquerda, a simplicidade rústica do Seu Brites. Lembro-me do balanço da sua charrete — ou carroça, como queiram — cruzando o caminho em direção ao Bairro Cabo Luiz Quevedo. Eu ia ao seu lado, orgulhoso, buscar o leite na leitaria, sentindo o cheiro do couro e ouvindo

o casco dos cavalos no asfalto. O Seu Brites e a Dona Carminha me olhavam com um afeto que o dinheiro não compra.

Foi nesse cenário de contrastes que o historiador começou a ser alfabetizado. No Jardim de Infância Domingo José de Almeida, o lúdico me abraçou. Mas o rigor veio de casa, através da Tia Ieda, da Tia Miroca e da Tia Bete. Enquanto o sol teimava em não aquecer as manhãs de dois graus negativos, elas me guiavam pelo universo das revistinhas do Tio Patinhas, da Disney e da Turma da Mônica.

Ali, naquele chalé, aprendi que as palavras têm poder e que a gramática é uma ferramenta de resistência. Em uma Uruguaiana onde o plural muitas vezes se perdia no sotaque da fronteira, elas me ensinaram a conjugar a vida corretamente. "Nós fomos", "nós estudamos", "nós somos". Elas me deram a norma culta não para que eu fosse superior, mas para que eu nunca fosse silenciado por falta de vocabulário. Anos depois, no front da injustiça, quando tentaram me reduzir a um número de processo, foi o português dessas mulheres e o conhecimento das ervas da minha avó que mantiveram minha mente erguida.

Eu não era apenas um menino brincando em um quintal. Eu era um Outrider em formação, aprendendo que o pão se assa no fogo, a doença se cura no mato e a liberdade se escreve com todas as letras, sem omitir o plural de uma dignidade que ninguém poderia me tirar.

O CESTO DE PASTÉIS E A VANGUARDA DO BROOKLYN

O meu "Brooklyn" não era feito apenas de silêncios e pedagogia; era um canteiro de obras da alma. Aos pés do chalé, a música não era um disco que se ouvia, era um processo que se testemunhava. Vi o Grupo Parceria e o João Quintana polindo versos no violão, e guardo na memória a tarde em que, no antigo Supermercado Tóquio, ouvi a passagem da música Vento Louco, Oristela Alves, João Quintana e o gigante César Passarinho que estava por lá. Ali, entre as prateleiras e o eco do galpão, eu entendi que a arte era o nosso grito de liberdade.

Mas a rua também me ensinou a crueza da classe social. Meus amigos de infância, o Luciano (Dedeco) e o Gringo, viviam o limite da sobrevivência. Filhos da Beth, a pasteleira que trabalhava para a Dona Deuzina, eles moravam em uma pequena peça cedida na própria pastelaria. Para que eles pudessem brincar comigo, havia um pedágio: o trabalho.

Foi assim que eu, o neto da Maria Virgínia e sobrinho do Samuel, peguei meu primeiro cesto de vime. Saíamos pelas ruas rumo ao Centro — eles com seus

uniformes humildes, a camisa branca, a calça de tergal e o lendário tênis Conga. Eu ia junto, carregando o cesto e a incerteza. Ali, nos anos 80, eu sentia o peso do olhar da cidade. O que as pessoas pensavam ao ver aquele menino negro com um cesto de pastéis? Ali eu senti, pela primeira vez, que para o centro da cidade, eu era apenas mais um corpo invisível servindo à fome alheia.

Mas quando voltávamos para a General Vitorino, a invisibilidade dava lugar ao protagonismo. Eu vivia em uma irmandade de aço e couro com o Dado e o Ricardo Panela. Enquanto eles estreavam suas primeiras Caloi Cross e eu os acompanhava na minha fiel Monareta, nós éramos os donos do asfalto. E quando o sol caía, o asfalto virava passarela na época de carnaval.

Pegávamos os restos de couro dos tambores d'Os Rouxinóis e montávamos nossos próprios bloquinhos de carnaval. Eu era um filho do samba; aos dez anos, minhas mãos já conheciam o segredo de todos os instrumentos de percussão. Estávamos cercados de prodígios: o Dedeco, que anos mais tarde levaria seu traço para o estúdio de Maurício de Sousa, e o José Mauro, um desenhista exímio e músico autodidata que brilharia em Porto Alegre e no Correio do Povo antes de nos deixar cedo demais.

Crescer na General Vitorino foi ser educado por gigantes invisíveis. Entre o cesto de pastéis no Centro e a baqueta de tamborim no bairro, eu estava aprendendo a transitar entre a dor da exclusão e a glória da criação. Eu estava pronto para qualquer guerra, porque minha infância tinha sido um ensaio geral de resistência e arte.

O MURO INVISÍVEL E O RODAR DO BANDEIRANTES 1985

No Brooklyn de Uruguaiana, a convivência era um exercício de contrastes. Na quadra de baixo da General Vitorino, a vizinhança mudava de tom: ali moravam os Arend, as famílias que dominavam o arroz e traziam para a nossa rua o que havia de mais moderno. Enquanto nós, do chalé, improvisávamos a vida, eles desfilavam com as tecnológicas Caloi 10, as Caloi Cross e as delicadas Caloi Ceci. Seus pais chegavam nas imponentes caminhonetes Ford, símbolos de um poder que vinha da terra, mas que não era a nossa terra.

Foi nesse cenário, entre o privilégio deles e a nossa curiosidade, que o Skate Bandeirantes apareceu. Enquanto as meninas deslizavam em patins de metal, nós, os guris, descobrimos o equilíbrio precário daquele shape de madeira e rodinhas duras. Aquele primeiro contato foi o meu "batismo". Eu sentia que, em cima daquelas quatro rodas, eu podia ser tão rápido quanto as bicicletas dos filhos dos arrozeiros.

Mas havia uma sombra que me acompanhava: o cesto de pastéis.

Caminhar pelo Centro com aquele peso nas mãos gerava em mim um conflito que me moldaria para sempre. Havia uma vergonha que queimava, mas era uma vergonha que logo se transformava em pergunta. Eu via as meninas dos colégios de elite — as estudantes do Santana, do Laura Vicunha, do Horto — com seus uniformes impecáveis e olhares que oscilavam entre a curiosidade e o distanciamento. Elas eram o "fruto proibido" de uma sociedade de castas. Mesmo quando havia um brilho de interesse, os pais logo impunham o silêncio: "Esse tipo de gente não é para vocês".

Eu não precisava que eles falassem; os olhos da elite de Uruguaiana gritavam. Aquele olhar de descarte, que virava o rosto diante do menino negro que vendia pastel, foi o que me empurrou para o pensamento anarquista. Ali, no asfalto quente, eu comecei a questionar: Por que esse muro? Quem decidiu que eu sou 'esse tipo de gente'?

O skate, então, deixou de ser uma brincadeira de vizinhança. Ele se tornou a minha resposta política. Se o sistema queria que eu andasse devagar, de cabeça baixa, carregando o cesto, o skate me permitia voar. Eu descobri que, se eu não podia entrar nos colégios de freira pela porta da frente, eu podia dominar as ruas que levavam até eles. O ódio ao preconceito e a paixão pela velocidade se fundiram. Eu estava deixando de ser o menino sapeca para me tornar o rebelde consciente, usando o asfalto para derrubar, centímetro a centímetro, o muro que a elite tentava construir ao meu redor.

A ARENA DO RONDON: ONDE O BROOKLYN SE ENCONTRAVA

Se o chalé era o meu refúgio e a General Vitorino era o meu palco, a Escola Marechal Cândido Rondon foi a minha arena. Eu não apenas estudei ali; eu vivi a escola como uma extensão da minha própria casa. Ter visto os tijolos sendo assentados e o teto sendo erguido deu àquele lugar um sentido de pertencimento que poucos alunos tinham. Eu sentia que o Rondon era nosso.

Ali, no ensino fundamental, a vizinhança do Brooklyn se reunia. Meus amigos de infância, os parceiros de futebol na rua, os companheiros de pedalada na Monareta e, mais tarde, os primeiros cúmplices do skate — todos cruzávamos o mesmo portão. O Rondon era o grande caldeirão onde a nossa realidade se misturava ao conhecimento dos livros.

Enquanto as pedagogas da frente de casa haviam polido a minha fala, a escola me deu as ferramentas para entender o mundo de forma mais ampla. Mas o aprendizado mais valioso não estava só nos quadros verdes de giz. Estava no pátio. Era ali que a gente media forças, que a gente trocava as primeiras ideias de contestação e que a "irmandade" se solidificava. Estávamos todos no

mesmo barco: os filhos das costureiras, os sobrinhos dos funcionários da cooperativa, os amigos humildes da pastelaria as filhas do Radialista Marques da Cunha.

Estudar no Rondon, para a gurizada da General Vitorino, era uma afirmação de território. A gente não precisava atravessar a cidade para ir aos colégios da elite; a nossa escola estava ali, crescendo junto com a gente.

No entanto, mesmo dentro da escola pública, as marcas da sociedade de Uruguaiana se faziam presentes. Eu já não era mais apenas o menino sapeca; eu era o aluno que observava. Eu olhava para os meus professores e para os meus colegas e começava a notar quem tinha voz e quem era silenciado. O Rondon foi o lugar onde comecei a transformar a minha percepção da rua em pensamento crítico. A cada ano letivo, a vontade de romper com o que era "esperado" de um jovem negro da periferia só aumentava. O ensino fundamental foi o meu treinamento para a vida adulta, e a escola Marechal Cândido Rondon foi o quartel-general de onde eu sairia, em breve, para conquistar o asfalto com as quatro rodinhas do skate.

RONDON: O CALDEIRÃO DOS "INDESEJADOS"

A Escola Marechal Cândido Rondon era o refúgio de tudo o que a elite de Uruguaiana tentava esconder sob o tapete. Enquanto as famílias tradicionais desfilavam seu falso moralismo, o Rondon carregava o peso de um slogan cruel e preconceituoso: "Entra burro e sai ladrão". Esse estigma não era por acaso; era o medo que a "sociedade de bem" tinha da nossa mistura.

O Rondon foi pioneiro. Foi a primeira escola a abrir as portas para a educação especial, acolhendo aqueles que vinham da APAE e que o sistema tratava como invisíveis. Ali, no mesmo pátio, cruzavam-se os destinos: a comunidade palestina — os "turcos" de narizes e orelhas marcantes que traziam o cheiro do comércio e do Oriente; a gurizada da periferia pesada, vinda da Vila do Marduque, da Vila Tarragó e da Rua 24; e nós, os negros e negras do Brooklyn.

A ironia final era o "descarte" da elite. Os filhos dos ricos que eram expulsos por indisciplina dos colégios de padres e freiras vinham parar no Rondon. Ali, o privilégio deles se dissolvia na nossa realidade. O Rondon não era uma fábrica de "burros ou ladrões"; era um laboratório de sobrevivência onde todas as culturas se chocavam. Foi nesse ambiente de resistência e "imperfeição" que eu fui forjado.

A escola era o cenário ideal para o nascimento do meu espírito contestador. Enquanto a cidade nos olhava de cima para baixo, eu e meu colega de classe, o Paulo César, começamos a desenhar a nossa fuga. O Paulo comprou uma das primeiras revistas de skate do Brasil, a Yeah! e aquelas páginas coloridas foram como um portal para outra dimensão.

Pelas frestas do preconceito do Rondon, o som do Punk Rock começou a invadir meus ouvidos. Não eram canções de amor; eram os gritos de Garotos Podres e a agressividade dos Ratos de Porão. Aquelas letras falavam da nossa lama, da nossa revolta, do nosso asfalto. O skate deixava de ser o brinquedo da Bandeirantes para se tornar um instrumento de guerra urbana.

Ali, entre o estigma de uma escola "marginal" e a descoberta do uretano e do Power Chord, eu entendi: se o mundo nos via como os "ladrões" do Rondon, eu seria o ladrão de espaços. Eu usaria o skate e o punk para roubar o direito de ser quem eu quisesse, longe das etiquetas que a elite de Uruguiana tentava nos impor.

O RISO QUE CORTA: O RACISMO RECREATIVO NO RONDON

Dentro dos portões do Rondon, a minha irmandade de asfalto encontrou outro pilar: o Rudinei Pinto. O Rudi era da numerosa "família dos 29", irmão da Elizete e do Kenny Anderson. Ele era retinto, um negro de pele escura e presença forte, enquanto eu carregava no meu tom de pele a mistura das raízes negras com as indígenas. Éramos inseparáveis. Éramos os guris que não conheciam o ócio; enquanto os outros brincavam, o Rudi colhia limões para vender e eu carregava o meu cesto de pastéis.

Mas o trabalho precoce e a nossa cor nos tornavam alvos de uma crueldade que, na época, vinha disfarçada de "piada".

Hoje, como historiador, entendo que vivíamos sob o domínio do racismo recreativo e do racismo institucional. Mas, nos anos 80, não existia a palavra bullying. O que existia era um bombardeio cultural vindo da televisão que nos ensinava a aceitar a nossa própria humilhação. Crescemos vendo o Didi ridicularizar o Mussum nos Trapalhões; víamos o Chico Anysio, o Agildo Ribeiro e o Jô Soares usarem o racismo recreativo, o gordo, o gay e o negro como o "alívio cômico" da nação.

O reflexo disso no pátio do Rondon era brutal.

"Sabe por que o Rudinei não pode comer bolo de chocolate? Porque senão ele come os próprios dedos."

Ouvíamos essa e tantas outras. Chamavam o Rudi de "picolé de piche". Diziam que o cabelo da Elizete era "Bombriil" ou "ruim". E o mais doloroso de lembrar é que, muitas vezes, nós ríamos junto. Éramos condicionados a achar natural. Se você usava óculos, era "quatro-olhos". Se era gordinha, era "baleia". Se vinha da classe especial da APAE, era "louco".

Nossa identidade estava sendo forjada em um ambiente onde o diferente era defeito. Nós não tínhamos as ferramentas intelectuais para dizer "isso é crime".

A gente apenas engolia seco e seguia em frente, vendendo nossos limões e nossos pastéis, sem saber que aquelas piadas eram as correntes invisíveis que tentavam nos manter no "nosso lugar".

Foi nesse cenário de risos perversos que a minha consciência começou a despertar. O skate e o punk, que chegariam logo depois, foram a minha forma de parar de rir da piada dos outros. O barulho do Ratos de Porão e a velocidade do skate no asfalto foram o meu "chega". Eu não queria mais ser o menino que ria do próprio racismo; eu queria ser o homem que viraria o tabuleiro.

A ESCOLA RONDON E A ESTÉTICA DA REBELDIA

A escola Marechal Cândido Rondon ficava logo ali, dobrando a esquina de casa. Mas o que parecia ser apenas o início da minha jornada acadêmica era, na verdade, o meu primeiro confronto com as engrenagens do sistema. Estudávamos sob a sombra de uma educação que eu hoje, como historiador, classifico como puramente positivista e mecânica.

Eram tempos de Educação Moral e Cívica (EMC) e OSPB. Tentavam nos inculcar um patriotismo de símbolos vazios e hinos cantados sem reflexão, uma estratégia clara de uma educação militarizada que preferia o silêncio ao pensamento crítico. O objetivo era transparente: formar mão de obra barata para o capitalismo através das "técnicas comerciais" e "domésticas". Hoje, vejo saudosistas ultraconservadores defendendo esse modelo, alegando que a juventude atual "não sabe fazer nada". O que eles não entendem — ou fingem não entender — é que aquela escola não queria formar cidadãos, queria formar engrenagens obedientes.

Mas em mim, o tiro saiu pela culatra.

Enquanto o sistema tentava me padronizar, o DNA de costura e moda que eu trazia do chalé da General Vitorino falava mais alto. Por volta da quarta série, comecei a entender que a roupa não era apenas pano; era um manifesto. Minha consciência estética despertava junto com a descoberta do skate e do movimento Punk. O skate, para mim, nunca foi só um esporte; foi a vanguarda que ditou a música, a arte e a moda, muito antes de as grandes grifes tentarem se apropriar das calças cargo.

Lembro-me do Marcelo Brum, um amigo que o tempo levou, mas cuja imagem ficou gravada. Ele usava tênis Topper trazidos da Argentina, calças Levi's e camisetas com as cores vibrantes da cultura New Wave e Surf como Raízes, Novo Sol, OP, Hang Loose, Pychulin, Arachane, Ligthinbolt, Sundek — rosa choque, roxo — tons que desafiavam o cinza daquele período militar. Aquilo me fascinava. Eu queria aquela diferenciação.

Foi então que o meu desejo de contestação encontrou a técnica. Vi Arnaldo Antunes, dos Titãs, usando uma camisa com uma gola que eu nunca tinha visto. Minha tia, com seu olhar clínico de costureira, sentenciou: "Isso é gola de padre, Luciano". Mas camisas não eram a especialidade dela.

Fui enviado, então, ao Negrinho — um camiseiro de mão cheia, figura icônica e um dos fundadores da escola de samba "Os Rouxinóis". Ele era amigo íntimo do meu tio Samuel. Levei a ideia, e o Negrinho, com sua maestria, costurou para mim aquela camisa preta de gola de padre. Quando a vesti, eu não estava apenas usando uma roupa nova; eu estava vestindo a minha identidade. Em um mundo que pregava o uniforme, eu escolhi a estética do estranhamento. Ali, entre o skate, o punk e a gola de padre feita por um mestre do samba, eu declarava minha independência da "manada". Eu não seria uma engrenagem. Eu seria o historiador que escreve sua própria moda.

Entre a Vogue e o Gabinete: A Estética e a Transição de Montserrat

Estilistas da Elite: Minha mãe e minha tia não eram apenas famosas; elas eram essenciais para a alta sociedade de Uruguaiana. Enquanto as famílias tradicionais, como os Bastos e os Tarragó, buscavam na Europa as últimas tendências, era nas mãos da minha mãe e da minha tia (que era estilista de moda formada) que as revistas Vogue ganhavam vida. Elas manipulavam tecidos importados e interpretavam modelos à frente do tempo, sendo as verdadeiras arquitetas da imagem da elite local.

O Chalé como Centro de Moda: Nosso chalé na General Vitorino era um ponto de convergência. Ali, o luxo europeu se encontrava com a perícia das mulheres negras. Eu cresci vendo esse desfile de tecidos, bordados e pedrarias que mais tarde se transformariam nas fantasias monumentais do Carnaval. Esse universo me deu uma compreensão profunda sobre acabamento, estética e a importância do detalhe na criação.

A Transição de Montserrat: No final dos anos 80, o ritmo mudou. Minha mãe, Montserrat, começou a abandonar as agulhas para iniciar uma nova jornada como secretária e auxiliar do Dr. Eli Tarragó. Foi uma mudança drástica de cenário: do ateliê de costura para o consultório odontológico.

O Aprendizado no Consultório: Eu acompanhava minha mãe nas manhãs de trabalho. Ali, vi outra faceta dela: a precisão técnica ao ajudar em cirurgias e ao bater radiografias. Eu era o guri que circulava entre o cheiro de tecido novo em casa e o cheiro de consultório médico, dividindo o dia entre o apoio ao trabalho da minha mãe e os estudos na parte da tarde. Essa vivência multidisciplinar foi fundamental para formar o homem que eu viria a ser.

A Partida de Samuel e o Refúgio no Ferro Carril

A Ruptura Familiar: Por volta de 1978, vivi meu primeiro grande abalo emocional. Meu tio Samuel, que eu tinha como pai e padrinho, casou-se com a Tia Dinorá e saiu do nosso chalé na General Vitorino. Aquela saída deixou um vazio imenso no cotidiano que eu dividia com minha mãe, minha avó Virgínia e minha tia Fani. Parecia que uma parte da minha estrutura tinha se desfeito.

Os Fins de Semana de Liberdade: Para amenizar a saudade, eu passava os fins de semana na casa dele. Era o meu momento de liberdade: era quando eu podia usar a Monareta dele (seu veículo de trabalho) para dar minhas primeiras pedaladas. Aquela bicicleta era o meu passaporte para explorar os arredores da nova casa dele.

O Prodígio do Ritmo no Ferro Carril: O Samuel morava bem na frente do Esporte Clube Ferro Carril. Nos dias de jogo, o som da charanga e dos tambores me atraía como um ímã. Ali, no meio da torcida, eu deixava de ser apenas um guri de sete ou oito anos para me tornar um músico.

O Sangue do Samba: Como eu já trazia o berço dos Rouxinóis no sangue, o pessoal dos jogos ficava impressionado. Eu pegava a caixa, passava para o tamborim e logo estava na marcação, tocando os sucessos da Alcione e da Clara Nunes com uma facilidade que espantava os adultos. O ritmo era a minha linguagem natural; era onde eu me sentia seguro e poderoso.

A Dor do Domingo: Apesar da alegria dos sábados, o entardecer de domingo era terrível. Ter que deixar a casa do meu "pai" Samuel e voltar para o centro da cidade era uma agonia constante. Aquele trajeto de volta era marcado pelo silêncio da falta que ele me fazia, uma dor que nem a música conseguia apagar completamente naquela época.

O Quintal da Fronteira: Entre Fogueiras e Picadeiros

A vida na cidade trouxe novos sabores e outras paisagens. Lembro com nitidez dos finais de semana quando cruzava a distância entre a rotina e o encantamento para visitar meu pai e minha madrinha, a tia Dinorah. O cenário era um chalé laranja, bem na esquina da General Câmara com o Esporte Clube Ferro Carril. Ali, a rua ainda era de chão batido, mas para uma criança, aquele barro era o palco de grandes descobertas.

Foi nessa época que conheci o "luxo" das pequenas coisas. Ir ao Rispoli comprar queijo e presunto fresco para fazer uma torrada era um ritual que eu não conhecia na casa da vó. Era o gosto da cidade se apresentando para mim.

Naquela vizinhança, o mundo era povoado por personagens que pareciam saídos de um filme de época. Tinha o José, cunhado do pai, conhecido como "Galinha Preta" por causa de sua paixão pelas rinhas de galo. Com meus

primos Ricardo e Flodoardo, eu gastava as energias jogando bola na poeira, alheio às durezas que a vida adulta reservava.

As noites de São João ficaram gravadas pelo calor das fogueiras imensas que o pessoal montava na calçada do Ferro Carril. Eram montanhas de pneus velhos com um pau no meio, lançando chamas que desafiavam o frio minuído da fronteira, enquanto a gente comia pipoca e assistia ao espetáculo do fogo.

Mas o meu verdadeiro reino era o fundo do pátio na General Vitorino, na casa da vó. Aquele terreno era um universo: tinha os pomares, as parreiras e o canteiro de ervas medicinais que a vó cuidava com um saber ancestral. Foi ali, entre o cheiro de arruda e o gosto da fruta colhida no pé, que construí minha primeira pista de bicicross. O pátio da vó foi o meu primeiro laboratório de liberdade.

E, de vez em quando, o fantástico estacionava na nossa porta. O pátio do Ferro Carril recebia os parques de diversão e o lendário Circo Orlando Orfei. Eu fui um privilegiado por viver o crepúsculo daquela era: o cheiro da serragem, o Globo da Morte que fazia o coração disparar e as feras nas jaulas — elefantes, leões e chimpanzés que pareciam trazer o mundo inteiro para a nossa Uruguiana.

Mesmo sendo uma família de poucos recursos, eu tive acesso a um imaginário que muitos não tiveram. Eu tive a sorte de ser criança no tempo em que a rua era nossa e o circo era a prova de que o impossível existia.

AS DESPEDIDAS E O LIVRO DAS AUSÊNCIAS

A vida, às vezes, se comporta como a biblioteca da escola: nem sempre conseguimos ler o livro que escolhemos. Eu queria "Xisto no Espaço", queria a aventura, o foguete, a fuga da realidade. Mas o que sobrou na prateleira para aquele menino de quarta série no Rondon foi "Era uma Vez". Não era um conto de fadas; era uma narrativa de perdas, de pessoas que iam partindo, uma a uma.

Naquele momento, a ficção e a minha realidade na General Vitorino começaram a se espelhar.

Primeiro, foi o meu tio Samuel que se casou e partiu. Depois, em 1984, veio a ruptura que silenciou metade das máquinas de costura da casa: minha tia e madrinha Fani casou-se com o tio Delci. Ela levou consigo seu arsenal de linhas e agulhas para viver a nova vida dentro da estrutura industrial de um engenho de arroz. O chalé, que antes era uma colmeia de vozes e trabalho coletivo, começou a ecoar o vazio.

Éramos agora apenas três: eu, minha mãe e minha avó.

Minha mãe, em um movimento de reinvenção, trocou os tecidos pelo consultório odontológico. Pela manhã, ela auxiliava o Dr. Eli Tarragô — entre raios-X e extrações, ela aprendia a precisão da saúde. À tarde, voltava para a costura como freelancer, mantendo a tradição que nos sustentava. Mas o ar da Vitorino já não era o mesmo. O "Era uma Vez" da minha vida estava virando a página para um capítulo mais duro.

Logo, deixamos o chalé. Cruzamos a cidade para morar na Marechal Deodoro, nas proximidades da sanga, no reduto que hoje conhecem como "Morro do Piolho". Ali, a poeira era outra. Saímos da vizinhança do radialista famoso para o convívio com os invisíveis de Uruguaiana: os latoeiros que moldavam chaminés em folhas de flandres, os carroceiros que carregavam o peso da cidade, as domésticas e os pedreiros.

Muitos chamariam aquele lugar de "comunidade humilde", mas o historiador em mim já sabia a diferença: humildade é virtude de caráter; o que víamos ali era a pobreza imposta pelo sistema. Era um bairro periférico, marcado pela sobrevivência no limite e pela sombra da criminalidade que rondava a sanga. Eu já não era mais o menino do pão caseiro da avó; eu estava me tornando o jovem que precisaria de olhos atentos para sobreviver em um território onde a vida valia pouco e a luta era diária.

A gola de padre que o Negrinho costurou para mim agora desfilava por ruas de chão batido. Eu estava, definitivamente, entrando no meu front.

A RAMPAGEM E O VOO SOBRE O PRECONCEITO

A rede das costureiras do Brooklin tecia mais do que roupas; tecia o suporte para a nossa vanguarda. Ao lado da sede dos Rouxinóis, vivia o José Mauro (Zé Mauro). Sua mãe, a Dona Bem mar, compartilhava com a minha o ofício da costura, mas o Zé Mauro compartilhava comigo o vício da adrenalina e da criação.

O Zé Mauro era um "expert", um autodidata nato que não aceitava os limites do chão. Enquanto a gente se batia com os shapes de compensado, ele foi além: projetou e construiu a primeira rampa de skate que conhecemos. Aquele pedaço de madeira inclinada, erguido ali ao lado da escola Marechal Cândido Rondon, era o nosso monumento à liberdade.

Andar de skate ao lado do Rondon tinha um simbolismo forte. A escola, que a elite tentava apelidar de lugar de "burros e ladrões", tornou-se o nosso centro de treinamento de elite urbana. O Zé Mauro e o César fizeram uma rampa de madeira, e nós íamos atrás. Ali, o barulho das rodinhas no compensado da rampa se misturava ao som das máquinas de costura da Dona Bem mar e da

minha mãe. Duas gerações, dois ritmos: o estalo das agulhas e o estalo do ollie.

Aquela rampa era o nosso laboratório de física e de coragem. Foi ali, entre os tombos e os acertos sob o olhar atento do Zé Mauro, Diran, Paulo César que eu entendi que a gravidade — assim como o preconceito da elite de Uruguaiana — existia para ser desafiada. O Zé Mauro, que mais tarde seria um músico brilhante em Porto Alegre, já mostrava ali que a nossa estética era a da superação.

Nós não éramos apenas skatistas; éramos os filhos das costureiras ocupando o espaço público, construindo nossas próprias rampas e trilhando caminhos que os donos das caminhonetes Ford jamais conseguiriam entender. O Brooklin estava pronto para ganhar o mundo, e o Rondon era o nosso ponto de decolagem.

A Universidade do Brooklyn: Letras, Ritmo e o Despertar do Avesso

Minha verdadeira formação não começou nos bancos da universidade, mas na banca de jornais do Seu Catarino, pai do meu grande amigo José Mauro. Como nós dois éramos filhos únicos, a vida nos deu um ao outro como irmãos de escolha. Na casa humilde do Zé Mauro, sob o olhar zeloso de sua mãe, a Dona Bem-mar, construímos um mundo próprio para preencher o silêncio de sermos sós em casa. O lanche era sagrado: pão d'água com manteiga e um café preto passado na hora, saboreado antes de partirmos para o nosso verdadeiro templo: Os Rouxinóis.

Dentro da escola de samba, eu e o Zé Mauro nos tornamos polivalentes. Aprendemos a linguagem do couro e do metal, dominando cada instrumento de percussão. Mas enquanto o Zé Mauro refinava seu traço como um desenhista fora de série, eu mergulhava nas pilhas de revistas que o Seu Catarino trazia da banca. Foi ali que nasceu meu domínio das palavras e, curiosamente, minha primeira lição de resistência política.

Eu nunca consegui me identificar com os super-heróis "certinhos". O Capitão América, o Homem-Aranha ou o Super-Homem me pareciam distantes, defensores de uma ordem que eu já começava a questionar. Meu olhar sempre se voltava para o "lado de lá". Se tinha o Batman, eu torcia pelo Coringa ou pelo Pinguim. Se o Super-Homem aparecia, eu estava do lado do Lex Luthor. Eu sabia que, na última página, eles sempre perderiam — o sistema sempre vence o rebelde no gibi — mas era naquela derrota que eu via a humanidade e a inteligência de quem se atrevia a desafiar o roteiro oficial.

E a banca do Seu Catarino escondia ainda outros roteiros. Foi ali, entre os quadrinhos e as notícias, que o mundo dos adultos começou a vazar para mim

através das "revistas proibidas". Nos anos 80, a nudez tinha uma mística diferente; não era um clique, era uma busca. Eu e o Zé Mauro, ou através de irmãos mais velhos de conhecidos, conseguíamos folhear aquelas páginas escondidas debaixo do colchão.

Entre as curvas daquelas mulheres que a televisão da época exibia com uma liberdade hoje impensável, eu sentia meu próprio despertar. O olhar que antes buscava o traço do vilão, agora observava as meninas do bairro com um novo brilho. Era uma fase de descobertas sensoriais completas: o cheiro da tinta da revista, o som do surdo nos Rouxinóis e a pulsação de um corpo que começava a entender que o mundo era muito mais instigante do que as cercas da fronteira queriam deixar transparecer.

DO IT YOURSELF: SHAPES DE COMPENSADO E PELE RISCADA

No Brooklin, a falta de recursos nunca foi falta de criatividade. Pelo contrário, a carência era a mãe da nossa invenção. Quando a febre do skate subiu a temperatura, não fomos às lojas; fomos para o fundo do quintal do Paulo César. Com as páginas das revistas Overall e Yeah! servindo de guia, o Paulo transformou-se no nosso primeiro "shaper". Compramos compensado, riscamos o molde e recortamos o que seria o meu primeiro skate de verdade pós-Bandeirantes. Até o par de patins que ganhamos de uma colega serviu de matéria-prima. Estávamos criando a nossa própria liberdade com as mãos sujas de serragem.

Mas o skate era apenas o veículo; o combustível era o som que vinha de Porto Alegre e de São Paulo. Minha mãe e minha tia, costureiras da elite, tinham uma rede de amizades que atravessava classes. Foi assim que o Juju, filho da Dona Ana, entrou na roda. O pai dele, o famosíssimo Pai de Santo Aílton Albuquerque, vivia na capital. Quando o Juju vinha passar férias, ele trazia o tesouro: os vinis pretos e pesados de bandas que mudariam a minha vida.

Ali, no silêncio de Uruguaiana, as agulhas dos toca-discos gritavam Garotos Podres, Cólera, Inocentes, Ratos de Porão e a ironia ácida d'Os Replicantes. O punk não era só música; era um manual de instruções para ser diferente. Comecei a recusar o figurino que a sociedade esperava de um jovem negro. Eu queria o estilo, o corte, a atitude que desafiava a ordem.

Aos 13 anos, essa rebeldia ganhou a marca definitiva. O Paulo César, usando um motor de barbeador adaptado, fez a minha primeira tatuagem. Naquela época, tatuagem em Uruguaiana era coisa de marinheiro ou de preso, e em um menino de 13 anos, era um escândalo. Raspei meu cabelo por baixo deixei uma franja enorme e furei minhas orelhas para colocar duas argolas.

Agora, a perseguição era dupla. Se antes eu sentia o racismo pelo meu tom de pele, agora eu sentia o preconceito social pela minha estética. Éramos os "skatistas marginais". A polícia e a "gente de bem" olhavam para aquele grupo de negros e brancos pobres, com cabelos estranhos, roupas rasgadas e skates feitos em casa, e viam uma ameaça. Eles não entendiam que o que eles chamavam de marginalidade, nós chamávamos de identidade. Estávamos fundindo o asfalto com o punk, criando uma vanguarda que Uruguaiana nunca tinha visto. O Mano Ordai não estava mais apenas nascendo; ele já estava na rua, riscando o chão e a própria pele.

O HÍBRIDO DO ASFALTO: PUNK, SKATE E BREAK

Ao chegar na 8ª série no Rondon, aos 15 anos, minha identidade já era um mosaico que desafiava qualquer rótulo simples. Eu não era apenas um skatista, nem apenas um punk, nem apenas um espectador da cultura que nascia. Eu era um pioneiro da mistura.

Enquanto o mundo assistia ao eclipse de Michael Jackson, eu estava ali, no epicentro daquela onda em Uruguaiana. De um lado, eu carregava a agressividade e o protesto do punk rock, com o som do Ratos de Porão e as ideias de contestação. Do outro, eu era o parceiro de primeira hora do Rudinei e do Kenny Anderson, acompanhando de perto a glória deles nos palcos do Clube dos Motoristas.

Ver o Rude e o Kenny sendo coroados pelo Seu Vilmar no programa Pirilampo era, para mim, uma vitória coletiva. Eu fazia parte daquela massa que estava inventando o Hip Hop na fronteira através do Breaking. Eu era o punk que sabia o valor de um Moonwalk; o skatista que entendia o ritmo do bumbo legüero e a batida do Punk Hardcore.

Eu encerrava o ensino fundamental no Rondon não como o "aluno de classe especial" que o preconceito da elite sugeria, mas como um intelectual das ruas. Eu já tinha a pele marcada pela agulha caseira e a mente blindada pelas dificuldades. Eu era o resultado de todas as influências do Brooklin: a disciplina do meu tio, a resiliência da minha mãe e a audácia dos meus amigos.

Eu estava pronto. O Rondon tinha me dado o que podia, e a rua tinha me dado o que restava. Agora, aos 16 anos, a porta da Cooperativa Vale do Uruguai se abria. Eu ia deixar de ser o menino que vendia pastéis para entrar no coração do sistema produtivo da cidade, carregando comigo toda essa bagagem explosiva de punk, break e skate. O "Mano Ordai" estava prestes a enfrentar o seu maior desafio: manter a sua essência dentro das engrenagens do trabalho formal.

O LIMBO DA DEODORO: ENTRE O ENTULHO E A SOBREVIVÊNCIA

Nos anos 80, minha geografia mudou drasticamente. Saímos do Brooklin e fomos morar na Rua Marechal Deodoro, um lugar que hoje muitos conhecem como o Morro do Piolho, mas que na época era um cenário de terra batida, matagal denso e o cheiro forte da sanga que carregava o esgoto da cidade em direção ao Rio Uruguai.

Ali não existia asfalto, existiam os morros de entulho. Eram restos de construções trazidos por carroças, pilhas de restos que serviam de esconderijo para o crime. Era ali que as peças de motos roubadas e os frutos de furtos desapareciam em meio ao mato. Eu fui morar ao lado da casa do meu Tio Nelson, um seleiro de mão cheia, cuja oficina e a lida com o couro talvez tenham sido o meu primeiro contato com a rítmica e com a influência musical que eu viria a desenvolver.

Viver na Deodoro, perto da 24 e da Tarragó, foi o período mais difícil da minha identidade. Eu vivia um embate de duplo sentido: para a malandragem do bairro, eu era o "Playboy", o menino que vinha do centro, com outros modos e outra fala. Para a elite do centro, eu era o "Marginal", o preto que morava no lixão, no meio da violência. Eu não pertencia a lugar nenhum, e ao mesmo tempo, precisava pertencer a mim mesmo para não ser engolido.

A violência era explícita. Assaltos aconteciam em plena luz do dia. Mas, estranhamente, eu circulava. Não me assaltavam, talvez pelo respeito que a minha família já impunha ou pela minha postura de não dar muita conversa, de estar sempre na minha. Sair do relativo conforto da classe média e cair naquele lugar de exclusão radical foi o que me deu a "casca" necessária.

Foi na poeira da Marechal Deodoro que eu aprendi que a cidade te julga pelo endereço, mas a rua te respeita pela atitude. Eu via o crime de perto, via a carência do estado e sentia o preconceito da elite que nos empurrava para as margens da sanga. Se o Brooklin me deu a cultura, a Deodoro me deu a sobrevivência. Eu estava sendo forjado no fogo: de um lado a arte das costureiras e do seleiro Tio Nelson, do outro, a realidade crua de um bairro que a cidade preferia fingir que não existia.

O Desmonte do Chalé: O Caminho para a Sanga

A Segunda Ruptura: Se a saída do Tio Samuel já tinha sido um golpe, o casamento da minha tia e madrinha Fany com o Tio Delcir, no início dos anos 80, foi o golpe final na estrutura do nosso chalé na General Vitorino. Fany era uma das bases daquele matriarcado de estilistas, e a sua partida para formar um novo lar desestabilizou o nosso cotidiano.

O Exílio do Centro: Com a saída dela, houve uma mudança drástica. Eu, minha mãe Montserrat e minha avó Virgínia deixamos a segurança do centro e fomos morar na região da Marechal Deodoro, ali perto da Sanga, no entorno do que chamavam de Morro do Piolho.

O Choque Geográfico e Social: Sair da vizinhança das pedagogas e dos músicos nativistas para cair em um bairro marcado pela violência e pelo preconceito foi um trauma geográfico. Foi ali que o medo da "Sanga" e dos assaltos com os revólveres trazidos da fronteira começou a fazer parte do meu dia a dia.

A Solidão do Novo Endereço: Essa transição marcou o fim da minha infância protegida. Eu não era mais o menino que circulava entre as máquinas de costura e o consultório do dentista com a mesma leveza. Agora, eu precisava aprender a ler as ruas de um jeito diferente, onde a música e o ritmo continuariam sendo meus aliados, mas agora como uma forma de sobrevivência e escudo contra a dureza do novo bairro.

O Contraste da Marechal Deodoro: Entre o Medo e a Criação

O Choque de Realidade: A transição do Centro (General Vitorino) para a Marechal Deodoro foi um divisor de águas. Saí de um ambiente familiar para conviver com a face mais dura de Uruguiana. O bairro era marcado pela violência da região da Sanga e do "Império", onde o crime era alimentado pela facilidade de atravessar a Ponte Internacional e trazer os revólveres calibre 32 (os famosos "Bagual e Doberman").

O Clima de Insegurança: A violência era palpável. Lembro de ver pessoas morrendo ao atravessar a Sanga e o medo constante dos assaltos praticados por figuras como a turma do Tampinha e do Chopim, Gololô, Burro Branco, Nego Felipe. Esse medo era tão real que eu evitava voltar para casa à noite, preferindo "pousar" na casa de amigos no centro, como o Dado e o Ricardo Panela, para escapar daquela exposição.

O Refúgio no Chalé: Enquanto a rua era perigosa, o chalé da minha mãe e da minha avó (Dona Virgínia/Mulata) era o meu porto seguro. Ao lado, vivia meu Tio Nelson. Foi nesse ambiente, dividindo o tempo entre as obrigações da catequese e a vida doméstica, que minha identidade começou a se fortalecer.

A Herança Compositora do Tio Nelson: A influência mais profunda veio de observar meu tio tocar gaita. O diferencial é que ele não se limitava a reproduzir clássicos gaúchos; ele tocava suas próprias criações. Ver aquela expressão de autoria foi o que me moldou como artista. Entendi ali que eu não queria ser um intérprete de covers, mas sim um compositor.

A SAGRADA FRONTEIRA DA SANGA

Cruzar a sanga em direção à Marechal Deodoro foi o meu verdadeiro choque de realidade, mas não da forma negativa que os manuais de sociologia descrevem. Ao lado da casa do meu Tio Nelson, descobri que a periferia — aquele lugar que muitos olhavam com medo ou desprezo — era, na verdade, um território pulsante de vida, vento e lealdade.

Foi ali que conheci a minha primeira "manada" real, mas uma manada de resistência. Fiz amizade com o Pilo, o Chaulo, o Coco e o Tampinha. Vivíamos em um limiar perigoso e fascinante. O Tampinha, irmão do Chaulo e do coco, era um dos maiores assaltantes do bairro, braço direito de figuras como o Gololô e o Chupim. Para a polícia, eram alvos; para mim, eram os guris com quem eu jogava bola no barro e montava em burros soltos no campo da chirca, fugindo dos donos em uma correria que era a nossa própria forma de liberdade.

Naquele tempo, ainda não tinha o nome de o "Morro do Piolho" fazia jus ao nome. Os morros eram montanhas de entulho e memória, despejadas pelas carroças que formavam o exército de transporte da nossa rua. No meio daquela poeira de tijolos quebrados e restos de grama, o céu era o nosso refúgio.

Meu Tio Nelson foi o meu mentor na engenharia da liberdade: ensinou-me a cortar a taquara seca, a moldar o "marimbondo" (nossa pandorga de guerra) e a usar o grude de farinha que minha avó preparava com maestria. Eu usava os retalhos de tecido que sobravam da costura da minha mãe para dar peso à rabiola da pandorga. O papel de seda vinha do armazém do Hélder — o mesmo Hélder que, anos depois, seria vítima de um tiro de 12 em um assalto dessa mesma turma que eu conhecia. A vida na fronteira não filtrava a tragédia, mas também não impedia a beleza.

Se hoje sou um anarquista, devo isso à Dona Virgínia. Minha avó era uma anarquista nata, embora nunca tenha lido Bakunin ou Kropotkin. Ela praticava a política da partilha. Quando ela fazia o café da tarde, o Chaulo e o Márcio Pilo estavam lá. Naquela mesa, não havia diferença entre o neto da costureira e o irmão do assaltante; havia apenas café preto, bolacha com mortadela e o respeito humano que o asfalto do centro muitas vezes desconhecia. Ela me ensinou que não se grita com mulheres e que o pouco que se tem, se divide.

Eu conciliava esses dois mundos. De manhã, os primeiros passos no skate artesanal de compensado, feito no fundo da casa do César com rodas de patins que a Elisandra nos dera; à tarde, o chimarrão com o Tio Nelson, ouvindo as histórias da lida campeira e aprendendo o que era ser gaúcho na raiz.

Na Marechal Deodoro, eu entendi que o sistema pode criar cercas, mas o vento da fronteira e a solidariedade de uma avó anarquista são capazes de derrubar qualquer muro. Eu estava aprendendo que a cultura não está nos museus, mas na mão que corta a taquara e na voz que chama o vizinho para o café.

O OÁSIS DO TIO NELSON: A GAITA E A DIGNIDADE NA ENXADA

Enquanto o mundo lá fora, na Marechal Deodoro, era feito de entulho e violência, o terreno do meu Tio Nelson era um oásis. Ele morava em um chalé clássico, cercado por pomares carregados de frutas, onde o tempo parecia correr mais devagar. Casado com a Tia Leda, que dedicava seus dias a servir na Santa Casa de Caridade, o Tio Nelson era a imagem da retidão.

Mesmo trabalhando no pesado na Secretaria de Obras — limpando a cidade com a enxada e o rastilho, cuidando do que os outros sujavam — ele nunca perdia a doçura e a autoridade de um verdadeiro patriarca da fronteira. No bairro, ninguém mexia com ele; era o "Seu Nelson", um homem respeitado pela sua amabilidade e presteza.

Foi com ele, sentado na varanda do chalé, que eu recebi o meu letramento na cultura gaúcha de raiz. Eu ficava ali, hipnotizado, vendo-o tocar gaita. Aquele som, misturado ao cheiro da carne assando na brasa, na trempe, me ensinou que o gauchismo não era o desfile de roupas caras do centro, mas sim a hospitalidade, o valor da palavra e a conexão com a terra.

O Tio Nelson era o elo entre o campo que ele deixou e a periferia onde ele lutava. Ele me ensinou os valores da "cultura gaúcha de verdade": a resiliência de quem trabalha no sol e a alegria de quem sabe celebrar a vida com o pouco que tem.

Esse contraste era a minha realidade: eu saía daquele quintal cheio de frutas e do som da gaita do meu tio para enfrentar a poeira e o esgoto da Deodoro. Mas eu levava comigo a coluna ereta dele. Se o Tio Nelson limpava a cidade com orgulho, eu ia conquistar meu espaço com a mesma firmeza. Ele me deu a base do "homem do campo" que se adapta à cidade sem perder a essência, uma lição que eu usaria anos depois quando, em meio ao punk e ao skate, eu ainda sabia exatamente quem eu era e de onde vinha a minha força.

O Professor de Virgínia e as Pregações de Rua

A Fé Sob Suspeito: Nos anos 80, acompanhei o nascimento de um movimento religioso que, na época, era visto com muito preconceito: a Igreja

do Evangelho Quadrangular fundada pelo Mário de Oliveira. Antes de terem templos, o Solon Soares e posteriormente o Reverendo Benedito Batista pregavam em cima de caixas de madeira nas esquinas de Uruguaiana. Eu e minha avó estávamos lá, no meio daquela multidão, ouvindo palavras de esperança em um tempo em que ser "crente" era quase um estigma social.

A Grande Expedição aos Sábados: Meus sábados eram dedicados à Dona Virgínia. Saíamos do Centro, fazíamos a nossa "parada obrigatória" na casa do meu pai Samuel para beber água e seguimos a pé para as vilas distantes, como a Vila Júlia. Atravessar a cidade de manhã e voltar só à noite me deu um "mapa social" de Uruguaiana; eu conhecia o luxo das vitrines e a poeira das vilas.

O Sonho Negado pelo Latifúndio: Minha avó carregava uma ferida silenciosa: o analfabetismo imposto. Criada pela família Ferraz, latifundiários que lhe negaram o direito de estudar, ela cresceu com o desejo reprimido de ler e escrever. A mesma mão que cozinhava com perfeição nas estâncias era proibida de segurar uma caneta.

O Aluno que Virou Mestre: O jogo virou quando ela entrou para o Mobral, funcionando dentro da própria igreja. Foi ali que eu, ainda menino de escola, me tornei o mestre da minha avó. Lembro com uma clareza absurda do dia em que ensinei a ela o alfabeto. Quando ela, pela primeira vez, conseguiu "desenhar" o próprio nome — Virgínia — a felicidade no rosto dela foi a maior lição de vitória que recebi na vida. Eu estava ajudando a libertar a minha avó de séculos de silenciamento.

O Matriarcado e a Ética da Flor: Lições de Dona Virgínia

A Quebra do Machismo: Crescer em um ambiente dominado pelo machismo tradicional gaúcho poderia ter me moldado de outra forma, mas fui salvo pelo regime matriarcal em que vivi. Fui criado por três mulheres: minha mãe Montserrat, minha tia Fani e, acima de tudo, minha avó Virgínia. Delas, herdei uma visão de mundo onde o respeito e a empatia prevalecem sobre a força.

A Ética da Rosa: Minha avó me ensinou a base do que hoje chamamos de cavalheirismo e respeito profundo: "Meu filho, em uma mulher não se bate nem com uma rosa". Essa frase ecoou em mim a vida toda, impedindo que eu me tornasse o homem agressivo que o sistema muitas vezes espera que um homem negro seja.

A Solidariedade da Água e do Sal: A Dona Virgínia tinha uma bondade que incomodava o egoísmo dos vizinhos. Enquanto muitos negavam ajuda, ela abria a porta. "Não se nega água a ninguém", ela dizia. Vi muitas vezes o

milagre da partilha acontecer: o açúcar ou o arroz que ela doava voltava dias depois em forma de um pedaço de bolo e de um agradecimento sincero.

O Legado de Maria Virgínia: Minha humildade, minha perseverança e minha capacidade de me colocar no lugar do outro (a empatia) não vieram dos livros de filosofia, mas do exemplo prático da Dona Maria Virgínia. Ela me ensinou que a verdadeira grandeza está na simplicidade e na coragem de ser bom em um mundo que, muitas vezes, é cruel. Sou o homem que sou graças a ela.

O Altar de Todas as Crenças: O Sincretismo de Dona Virgínia

A Fé sem Fronteiras: Minha avó Virgínia era o próprio retrato do sincretismo religioso. Em um tempo em que as religiões afro eram fortemente demonizadas, ela mantinha suas amizades com benzedeiras e frequentava terreiros, ao mesmo tempo em que ia à Igreja do Evangelho Quadrangular e convivia com católicos. Ela me ensinou que o sagrado não cabe em uma única caixa.

O Respeito como Base: Esse trânsito entre diferentes crenças me deu uma base de respeito inabalável. Ela me mostrou que, acima do dogma, o que importa é a força espiritual e o auxílio ao próximo. Foi com ela que aprendi a respeitar a caminhada religiosa de cada um, uma lição que carreguei por todos os ambientes onde passei.

A Força que Vem de Dentro: Embora hoje eu me considere agnóstico, ou talvez ateu, fruto das minhas experiências e do meu senso crítico, reconheço que existe em mim uma força que não sei explicar, mas que sinto. É uma energia de sobrevivência e de crença em algo maior, herdada das preces e dos benzimentos da minha avó.

A Preparação para o Sobrenatural: Essa abertura espiritual que ela me deu foi o que me permitiu processar experiências que desafiam a lógica, como o evento sobrenatural que vivi em 21 de março de 2010, dentro da Penitenciária Modulada. Se eu não tivesse tido essa base sincrética e aberta com a Dona Virgínia, talvez eu não tivesse tido a estrutura mental para suportar o que aconteceu no cárcere.

A Cozinha como Altar: As Ervas e o Legado Gastronômico

O Primeiro Laboratório: Minha formação como artista e pesquisador começou no pé do fogão, observando as mãos da Dona Virgínia. Se hoje domino a gastronomia, ou a "baixa gastronomia", devo tudo a ela. A cozinha não era apenas o lugar de preparar o alimento; era um espaço de transmissão de saber onde eu aprendi a alquimia dos sabores.

O Segredo das Ervas e Temperos: Com minha avó, aprendi que cada folha tem um propósito. Ela me ensinou a ler as ervas, a sentir o tempo de cada tempero e a entender que a comida é, acima de tudo, afeto e resistência. Esse conhecimento prático, vindo de uma mulher que dominava as cozinhas das estâncias, me deu uma sensibilidade sensorial que carrego até hoje.

A Dignidade no Simples: A "baixa gastronomia" que pratico é a celebração do que é autêntico. Minha avó me mostrou que não é preciso luxo para ter excelência; é preciso técnica, respeito ao ingrediente e amor pelo que se faz. Cada prato que eu cozinho hoje tem um pouco do cheiro da cozinha do nosso chalé na General Vitorino.

A Cozinha como Herança Matriarcal: Enquanto o mundo lá fora tentava me dizer qual era o meu lugar, dentro de casa, ao lado da minha avó, eu aprendia que o domínio do fogo e do sabor era uma forma de autonomia. Ser um homem que sabe cozinhar, que conhece a terra e o tempero, é mais uma das barreiras que quebrei contra o machismo tradicional, graças ao ensinamento dela.

O Asfalto Sagrado do Brooklin: A Gênese do Skate em Uruguaiana

O ano era 1985. No bairro do Brooklin, entre a General Vitorino e a Rua Doutor Maia, o som que ecoava não era apenas o do vento, mas o do uretano e da madeira batendo no asfalto. Ali nascia o que hoje podemos registrar como uma das primeiras gerações de skatistas de Uruguaiana. Nossa Crew era formada por mim, pelo Diran, pelo Paulo César, Luciano Piçinha e por dois grandes amigos que, infelizmente, hoje já não estão mais entre nós: o José Mauro e o Nicola.

Naquela época, a necessidade era a mãe da nossa criatividade. Nossos primeiros skates foram verdadeiras obras de engenharia caseira. O César, inspirado pelas páginas da revista Yeah! usou seu talento para recortar shapes em compensado marítimo. A tração vinha de um gesto de amizade: uma colega do Rondon, a Elisângela, nos presenteou com seus patins. Dividimos as bases, adaptamos as rodas e, ali mesmo, na Rua Doutor Maia — perto da antiga Santa Casa de Caridade —, começamos a desafiar a gravidade.

O divisor de águas teve nome e sobrenome: Nicola. Ele foi o primeiro de nós a aparecer com um skate profissional "de verdade", um Canyon equipado com as icônicas rodinhas Canyon Black, comprado na Incosul. O Nicola era o elo; sua mãe era professora da classe especial no Rondon, e o skate nos apresentou. Anos mais tarde, em 1998, o destino nos levaria a dividir um apartamento em Porto Alegre, selando uma amizade que começou no asfalto.

Nossa identidade era um mosaico cultural. O Brooklin era o ponto de encontro de tribos que, em qualquer outro lugar, talvez não se cruzassem. Eu trazia a estética e a fúria do Punk; o Marcelo Feto (primo do Nicola, que vinha de Paso de los Libres com seus skates importados da Torlay) representava o movimento Dark. O José Mauro, que já mostrava seu talento artístico no asfalto, era nosso braço na Black Music, conectado ao Hip Hop e ao Break. Mauro era um desenhista brilhante, talento que mais tarde o levaria a Porto Alegre para trabalhar nas páginas do jornal Correio do Povo.

Enquanto nós dominávamos o Brooklin, outros núcleos surgiam. Na Baixada, na Rua João Manoel, nomes como Rafael Bira, João Jacaré, Mano Geferson e Leonardo Pré-Histórico traçavam suas linhas. Do outro lado da cidade, perto da Chesini, havia a elite: a UISC "Uruguaiana Invert Skate Clube", formada por filhos de famílias abastadas que tentavam criar um clube fechado.

Mas a explosão definitiva veio entre 1987 e 1988. O Chico da Triathlon teve a visão do "boom" alimentado pelas revistas Yeah! e Overall. Ele fundou a Triathlon Skate e nos deu a primeira pista: uma rampa de concreto com transições que tinha um Canyon, um Half Pipe de madeira com cerca de 3 metros de altura e obstáculos rústicos, como trilhos de trem adaptados para boardslides e jump ramps.

Aqueles dias no Brooklin não foram apenas sobre andar de skate; foram sobre fundar uma cultura. Olhando para trás, a saudade do Nicola e do José Mauro se mistura ao barulho das rodinhas. Eles partiram, mas deixaram seus nomes marcados na história do skate gaúcho, uma história que pretendo detalhar mais adiante, honrando a memória de como eles nos deixaram.

A SEGUNDA ONDA: O CONCRETO E O SANTUÁRIO DA BAIXADA

No final dos anos 80, entre 1988 e 1989, a cena do skate em Uruguaiana sofreu uma metamorfose definitiva. Se no Brooklin nós éramos a força bruta e o improvisado, na Baixada começamos a erguer os templos do esporte. Foi ali que estreitei laços com uma linhagem de mentes inquietas: o Leonardo "Pré-Histórico", o João Jacaré, Mano Jeferson, o Kleber, Nelson, Pampeana e a família que já pulsava arte e atitude — o Rafa Constant (Rafael) e seu irmão Felipe sequinho, filhos do Seu Ubirajara poeta e artesão.

O Rafa Constant já trazia na alma a música nativista herdada pelo pai e o seu irmão Felipe o viés de poeta e artista plástico do pai. Essa convivência entre a minha raiz punk do Brooklyn e a veia artística daquela gurizada da Baixada dava à nossa cena uma profundidade que ia muito além das manobras.

Mas o grande marco arquitetônico dessa época foi a Triathlon. O Chico Dedeco, dono da loja, foi o visionário que materializou o nosso sonho. Ele

fundou a Triathlon Skate Shop e Skate Park, nos dando a primeira pista de skate de concreto da cidade e o primeiro Half Pipe de madeira profissional. Aquilo era o futuro batendo à porta. Ter uma estrutura daquelas em Uruguaiana era como ter uma nave espacial estacionada na esquina; era o nosso santuário, onde o suor e a adrenalina encontravam o suporte técnico que nunca tínhamos tido.

Minha concepção de sociedade se expandia. Eu, o punk do chalé, circulava agora entre poetas e empreendedores do esporte. Eu era bem aceito não porque tentasse me integrar à elite, mas porque o skate e a atitude eram as línguas universais que todos falávamos.

Eu estava encerrando uma fase. Saía do ensino fundamental no Rondon com a pele marcada e a mente aberta. Eu estava pronto para o olho do furacão: o mundo do trabalho na Cooperativa Vale do Uruguai, mas levava comigo, o barulho do punk rock e a vibração das rodas estalando no concreto do Chico Dedeco.

O Portal da Capital: O Batismo no Asfalto de Porto Alegre (1987)

Existem pessoas que parecem já nascer predestinadas a carregar a história de uma cultura. Eu fui um desses abençoados. Enquanto o movimento no Brooklin ganhava corpo com o César e o Nicola, eu mantinha meus laços de irmandade com o Ricardo Panela. O Ricardo era mais que um amigo; era um irmão de criação. E foi através dessa conexão que o skate, que já tinha ganhado meu corpo, tomou conta da minha alma.

Em 1987, abandonei as lembranças do trem húngaro da infância e embarquei na minha primeira viagem de ônibus rumo à capital. Fomos para a casa do Vicente, primo do Ricardo, que morava na Barão do Triunfo no bairro Menino Deus. Mal sabia eu que aquela viagem selaria meu destino definitivamente.

Porto Alegre vivia uma efervescência visceral. Fui apresentado à Eucaliptos Skate Park, um dos templos sagrados da época, onde a loja Pandemônio ditava as regras e o patrocínio. Ali, eu vi o mundo Skate Punk de perto. Fiquei hipnotizado. Depois, o impacto se repetiu no Parque Marinha do Brasil na primeira pista de skate do RS. Eu não estava apenas andando de skate; eu estava absorvendo uma nova forma de existir.

Na casa do Vicente, a cultura me invadiu pelos ouvidos e pelos olhos. O primo do Ricardo era surfista e tinha uma coleção de discos que mudou minha cabeça. Foi lá que o som dos Ramones e de outras bandas de Hardcore se tornaram a trilha sonora da minha vida. O skate proporcionava essa troca: era esporte, era música, era o intercâmbio de uma Porto Alegre que respirava liberdade.

Essa conexão espiritual com a capital e com Santa Maria é algo que transcende o tempo. É um eixo que sempre esteve presente: da avó que me levava pela mão, passando pela separação que me levou a Santa Maria, até hoje, quando volto a esses palcos para fazer meus shows. Tudo parece conectado por uma força maior.

Quando retornei para Uruguaiana, eu não era mais o mesmo. Eu trazia na bagagem a novidade, a estética e o espírito da "Capital do Skate". Voltei hipnotizado, com o Hardcore na mente e o desejo de voar no coração. Coincidentemente — ou por um alinhamento do destino —, esse era o exato momento em que o Chico da Triathlon levantava a pista na nossa cidade.

Em uma Uruguaiana dominada pelo conservadorismo dos grandes latifundiários e arrozeiros, eu comecei a escrever meu nome. Eu era um dos poucos privilegiados do interior que tinha bebido direto na fonte da cena punk hardcore. Ali, eu deixava de ser apenas um menino que andava de skate para me tornar um agente daquela cultura, um "diferenciado" que trazia o fogo da capital para as ruas da fronteira.

O BUNKER DA 13 DE MAIO E A CONEXÃO GLÓRIA

A vida na General Vitorino era tecida por fios que se cruzavam muito além das máquinas de costura. Minha mãe e minha tia eram os pilares da agulha na escola Os Rouxinóis, mas o destino nos conectou à Dona Ana, mãe do meu grande amigo Ailton Albuquerque Júnior, o Juju. Dona Ana era uma costureira de mão cheia, mas da escola dissidente, a Cova da Onça. Na minha casa, a única que dividia essa paixão pela Cova era minha tia Fani. Foi nesse "elo das costureiras", entre recortes de fantasias e reuniões de Carnaval, que minha amizade com o Juju nasceu.

O Juju era a nossa ponte com o que fervia na capital. Após a separação dos pais, ele foi morar em Porto Alegre com o pai, de quem herdou o nome — Ailton Albuquerque, um dos mais renomados pais de santo da capital, figura central na religiosidade do bairro da Glória, uma periferia vibrante e pesada da Zona Sul de Porto Alegre. Quando o Juju vinha passar as férias em Uruguaiana, ele não trazia apenas saudades; ele trazia o futuro.

Enquanto eu já trazia em mim o anarquismo orgânico herdado da minha avó e vivia o punk na prática das ruas, o Juju trazia a trilha sonora definitiva. Ele desembarcava com os últimos lançamentos em vinil: o grito gaúcho dos Replicantes, a urgência do Cólera, a agressividade do Ratos de Porão e o deboche dos Garotos Podres. Se no Colégio Rondon eu já tinha tido os primeiros contatos com essas bandas através do Nicola, com o Juju eu recebia a carga completa de Porto Alegre, incluindo as manobras e o estilo lapidados no Parque Marinha do Brasil.

O nosso quartel-general era o Bunker, um espaço no fundo da casa do Juju, na Rua 13 de Maio — paralela à General Vitorino, a apenas uma quadra do que chamávamos de Brooklyn. Ali, as paredes eram adornadas com placas de "PARE" e a atmosfera era de pura experimentação. Eu já adotava o estilo Oi! e hardcore, mantendo a cabeça raspada, enquanto o Juju usava o nosso amigo Roney como tela para seus experimentos estéticos, erguendo moicanos monumentais moldados com sabão.

O Bunker era o epicentro de uma fusão rara. Ali não havia gueto. Recebíamos o Frank "Bicudo" e o baterista Márcio, da banda de Thrash Metal Suicídio. Representando o movimento Black Leopoldino o nego come. Éramos punks, carecas e cabeludos debatendo política, trocando discos e planejando a vida. Foi nesse reduto de troca de ideias que também vivi meus primeiros amores; tornei-me cunhado do Juju ao namorar a Dedé (Andreia), uma fase marcante que selou nossa irmandade.

Naquele fundo de casa, a gente não estava apenas ouvindo música ou fugindo do mundo. Estávamos construindo uma consciência. Enquanto as máquinas das nossas mãos preparavam o Carnaval na rua de cima, nós, no Bunker da 13 de maio, preparávamos a nossa própria revolução cultural, armados com skate, vinil e o desejo inabalável de ser quem éramos, longe das amarras do sistema.

O INTERCÂMBIO DO ASFALTO E O PASSAPORTE PARA A COOPERATIVA

No final dos anos 80, a Triathlon Skate Park transformou Uruguaiana em um território sagrado. Deixamos de ser o fim da linha para nos tornarmos passagem obrigatória. Através do Juju — aquele meu amigo de infância, filho da Dona Ana, que trazia os vinis de Punk de Porto Alegre —, estreitamos os laços com a elite do skate gaúcho.

De repente, figuras lendárias como Mendonça, Chocolate e Tomate estavam ali, no nosso quintal. Ver esses caras andando era como beber direto da fonte. Ali, o Mano Ordai consolidou-se como um skatista overall: eu andava em tudo, do street ao Half Pipe, com a agressividade que a rua me ensinou e a técnica que os profissionais me mostravam. Eu passava a ser reconhecido não só na fronteira, mas como uma peça importante do tabuleiro do skate gaúcho.

Viver o skate naquela época era viver a economia da troca. Como o material profissional era raro e caro, a gente sobrevivia de escambo. Cada visita de alguém de fora era uma oportunidade: trocávamos um shape por um vinil raro, um par de rodas por um tênis, revistas por informações. Não era apenas uma

troca de objetos, era uma riqueza cultural absurda. Absorvíamos as gírias de Porto Alegre, a estética de Buenos Aires e a resistência de Montevideú.

Mas a evolução tinha um preço. Aos 16 anos, a vontade de ter meu próprio equipamento — sem depender apenas de trocas ou da generosidade dos amigos da Baixada — e o desejo de bancar minhas próprias viagens de campeonato falaram mais alto. Eu precisava de autonomia.

Foi com essa mentalidade — a de um skatista premiado em Artigas, um punk consciente e um jovem que já conhecia o valor do suor — que cruzei os portões da Cooperativa de Lãs Vale do Uruguai em 1990. Eu entrava ali para trabalhar, mas não entrava sozinho. Comigo, entrava o Mano Ordai, com a pele tatuada, a mente cheia de referências internacionais e a certeza de que, para voar mais alto no skate, eu precisaria primeiro fincar os pés no chão duro do trabalho formal.

A TRIATHLON: O QUILOMBO DO CONCRETO E DA RODA DE METAL

Embora a Triathlon Skate Park trouxesse a modernidade do concreto e do Half Pipe profissional, o que realmente a tornou sagrada foi a irmandade que nasceu ali. O skate, para nós, era o grande equalizador. No topo da rampa, não importava se o seu rolamento era um NSK importado ou um All Star adquirido através de um escambo.

Foi ali que firmei laços com o Coquine e o Batatinha. Eles eram os sobreviventes do centro, guris que passavam o dia engraxando sapatos para ganhar uns trocados. Eles não tinham os skates das revistas; tinham shapes de madeira bruta com rodas de rolamento de metal, que faziam um barulho ensurdecedor e exigiam uma coragem absurda para manobrar. Mas ali, na Triathlon, eles eram nossos iguais. A pobreza deles não era um limite, era o combustível da nossa camaradagem.

E foi nesse caldeirão que conheci o Antônio Gerson, o Jason. Ele foi uma visão: o primeiro negro de Uruguaiana a ostentar as tranças e o estilo Rastafari. O Jason trazia uma estética de resistência africana que a gente ainda estava tasteando. O mais curioso é que o destino já tinha traçado nossos caminhos: a mãe dele era merendeira lá no Rondon, e ele também estudava lá. Mas foi preciso o concreto da Triathlon para que dois negros do Rondon finalmente se encontrassem e entendessem que faziam parte da mesma linhagem.

Essa "Irmandade da Triathlon" foi a minha base moral. Ali, aprendi que a cultura de rua é feita de acolhimento. A gente dividia o skate, dividia o espaço e dividia a vida. O Gerson, com suas tranças, e o Coquine e Batatinha, com seus

rolamentos de metal, me mostraram que o skate era muito mais do que um esporte — era uma ferramenta de unificação racial e social.

Com essa irmandade nas costas e a força dessa diversidade no sangue, eu estava pronto para o próximo passo. Aos 16 anos, em 1990, eu cruzava os portões da Cooperativa Vale do Uruguai. Mas eu não entrava apenas como um funcionário; eu entrava com a proteção dessa irmandade, com a visão Rasta do Gerson e a fibra dos guris engraxates. O Mano Ordai agora era coletivo.

A Diplomacia do Carrinho: Léo Zago e a Triathlon Skate Park

Até então, o skate em Uruguiana parecia dividido por uma linha invisível. De um lado, a gurizada da "UISC" do "Inverte Skate Club" — filhos de advogados e grandes arroteiros com seus equipamentos de ponta. Do outro, nós, do Brooklyn, com o que tínhamos à mão. Mas essa linha foi atropelada quando conheci o Leocir, o Léo Zago.

Nos encontramos na frente do Chesini, montados em nossas Caloi Cross. O Léo era diferente. Embora viesse de uma família de produtores de arroz, ele tinha o "espírito da rua" correndo nas veias. Ele era o mais novo dos irmãos, um gringo que não tinha medo de voar. Enquanto eu andava com o César, o Zé Mauro e o Nicola (que tinha um Canyon que mal encostava no chão), o Léo trazia uma energia de revolução. Ele tinha apenas uns 12 ou 13 anos, mas já voava no vertical e no street style com uma audácia que nos deixava boquiabertos.

A parceria se afirmou ali, na poeira da General Câmara. O diferencial do Léo não era o dinheiro, era a partilha. Ele foi o cara que revolucionou o skate em Uruguiana porque transformou sua condição em oportunidade para os outros. Enquanto os outros ricos voltavam da Disney com moletons de marca, o Léo voltava com o futuro: videogames, bonés de times de beisebol e, principalmente, o "ouro" do skate — rolamentos, rodas da Bones e da Santa Cruz, shapes da Powell Peralta.

E o que ele fazia com o que sobrava? Ele adotava a galera. O Léo abriu as portas da casa dele, onde a Dona Maria, uma mulher de uma humildade e bondade ímpares, nos recebia com café e acolhimento. Foi ali que o Coquine e o Batatinha, guris que viviam na batalha como engraxates, encontraram um porto seguro. O Léo "adotou" o Batatinha, que passou a morar com eles, tendo acesso ao videocassete para estudar as manobras dos vídeos gringos e herdando as peças que o Léo já não usava.

Na Triathlon Skate Park, a gente consolidou essa irmandade. Ali não existia o filho do arroteiro e o menino do Brooklyn; existia a nossa Crew. Dividíamos o guaraná, o pão com mortadela e o sonho de ocupar a cidade. O Léo Zago foi o

diplomata que uniu esses mundos, mostrando que o skate era muito mais que um esporte: era uma ferramenta de justiça social e sobrevivência coletiva.

A IRMANDADE SE TORNA INSTITUIÇÃO: A ASU E O SOM DA REVOLTA

Na Triathlon, a nossa irmandade ganhou a sua mente pensante e o seu curador musical: o saudoso Fabrício "Baby". Se o Juju nos apresentou o Punk, foi o Baby quem explodiu os nossos horizontes. Através do irmão dele, que era jornalista no Correio do Povo em Porto Alegre e formado pela Famecos, o Baby trazia para Uruguaiana o que havia de mais visceral no som mundial.

Graças a ele, o nosso repertório saltou do punk básico para o Hardcore, o Trash Metal e o Ska. O Baby era a nossa conexão com a capital e com o ambiente acadêmico da PUC. Ele trazia os vinis, as informações e a sofisticação estética que faltava. Foi dessa união entre ordai, Joel Façanha, o Baby, o Gerson (Jason), o Coquine e o Batatinha que nasceu algo maior do que apenas "andar de skate".

Nós decidimos que não seríamos apenas figurantes da cidade. Com o histórico de luta que eu já trazia do Brooklin e a visão organizada do Baby, fundamos a primeira Associação dos Skatistas de Uruguaiana (ASU) Junto com o Joel Façanha outra figura importante na construção do street skate.

AASU nasceu com o DNA da inclusão. Ela não era uma associação de elite; era o lugar onde o skatista profissional de Porto Alegre, o negro Rasta do Rondon e o engraxate de roda de metal tinham o mesmo peso. Nós promovíamos o skate como ferramenta social. A gente não queria apenas pistas; a gente queria o reconhecimento da nossa cultura como um território de resistência.

Dessa efervescência, a música transbordou do walkman para os instrumentos. Foi com o Baby que começamos a ensaiar o que viria a ser, em 1992, a primeira banda de Skate Punk da fronteira: a Street Noise. Mas antes do palco, havia o asfalto. E antes do microfone, havia a atitude.

Em 1990, aos 16 anos, eu levava toda essa estrutura da ASU e essa biblioteca musical do Baby na mochila para o meu primeiro dia na Cooperativa Vale do Uruguai. Eu entrava lá como um operário, mas por dentro eu era o presidente de uma associação de skatistas e um músico em gestação. O sistema não tinha ideia do "vírus" cultural que estava contratando.

A CONEXÃO GUSTAVO POA: O SOM DO GUETO GLOBAL

Se o Baby era o nosso parceiro de rampa, o irmão dele, o Gustavo, era o nosso portal para o mundo. Com um pé na Famecos e outro nas redações de

Porto Alegre, o Gustavo trazia na bagagem os discos que ditariam o ritmo da nossa revolução. Foi através dele que o Hip Hop deixou de ser apenas a dança do Break para se tornar uma filosofia sonora completa.

O Gustavo nos apresentou a "santíssima Trindade" daquela época. De um lado, os Beastie Boys, que nos mostravam que era possível fundir a energia do punk com a batida do rap — era a trilha sonora perfeita para quem andava de skate. De outro, a voz grave e perigosa do Ice-T, que trazia a realidade das ruas, o protesto político e a crônica do cotidiano negro.

Esses discos eram tesouros. A gente se reunia para ouvir, traduzir as letras e entender a estética. A ASU (Associação dos Skatistas de Uruguaiana) não se alimentava apenas de manobras; ela se alimentava de informação. O Gustavo, com sua visão de jornalista e sua vivência na capital, nos deu as ferramentas para entender que o que a gente fazia em Uruguaiana era parte de um movimento mundial de resistência urbana.

Com essa biblioteca mental — do Punk ao Hardcore, do Skate-Punk dos Beastie Boys ao Rap consciente do Ice-T — eu me sentia um cidadão do mundo. Eu tinha 16 anos, era um skatista premiado, presidente de associação e um ouvinte atento das vozes das ruas americanas e brasileiras.

Foi com esse "fardamento" invisível, feito de cultura e atitude, que eu finalmente me apresentei para o meu primeiro emprego formal. Em 1990, a Cooperativa Vale do Uruguai abria as portas para um jovem negro que carregava o mundo na mochila. Eles esperavam um empacotador silencioso; receberam um Mano Ordai que já sabia que o silêncio nunca foi o nosso forte.

O SKATE COMO CURADORIA: DA OVERALL À BOLSOM

Se a minha base rítmica nasceu no Samba e no Nativismo, a minha universidade musical foi o Skate. Ele foi o fio condutor que costurou todos os gêneros que hoje formam a identidade do Mano Ordai. O processo era quase um ritual: a gente devorava as páginas da revista Overall, vinda de São Paulo, e ali descobria o que os skatistas do mundo estavam ouvindo.

Com as referências na mão, o caminho era um só. Ou a gente esperava o Fabrício Baby voltar de Porto Alegre com as preciosidades que o Gustavo garimpava na capital, ou a gente corria para a Bolsom, a loja de discos em Uruguaiana. Eu chegava para o Marquinhos e, com a autoridade de quem sabia o que estava buscando, encomendava os vinis que iam forjar a minha consciência.

Foi através das rodinhas de uretano que eu descobri que o Hip Hop falava a minha língua, que o Reggae trazia a minha espiritualidade, que o Ska era o ritmo da amizade e que o Trash Metal, o Hardcore e o Metal eram o grito de ódio necessário contra o sistema. O skate me deu um universo musical gigante; ele me ensinou que não existem fronteiras para quem tem um vinil na mão e um objetivo na mente.

Em 1990, aos 16 anos, essa enciclopédia sonora pulsava dentro de mim. Eu não era mais um menino que apenas "ouvia rádio". Eu era um jovem com uma formação musical de vanguarda. E foi com essa trilha sonora — um crossover explosivo de Beastie Boys, Ice-T e o punk nacional — que eu finalmente encarei o portão da Cooperativa Vale do Uruguai.

Eu precisava do dinheiro para sustentar essa cultura: para comprar o shape novo, para encomendar o próximo vinil na Bolsom e para viajar. Mas, ao entrar naquela Cooperativa, eu percebi que o meu maior patrimônio não estava no bolso, mas na cabeça. Eu entrava ali pronto para o trabalho, mas com a certeza de que a música e o skate já tinham me libertado muito antes do meu primeiro salário.

O CHOQUE DE MUNDOS: ENTRE O FARDO DE LÃ E O SHAPE DE MADEIRA

Em 1990, minha rotina virou um exercício de resistência e dualidade. Pela manhã, eu cursava o ensino médio na Escola Uruguaiana; à tarde, cruzava os portões da Cooperativa Vale do Uruguai. O trabalho não era barbada. Mas o peso maior não estava nos fardos de lã, e sim no olhar torto de quem trabalhava ao lado, na forrageira, e no entorno da construção civil.

Eu era o "corpo estranho" no sistema. Chegava para bater o ponto com o skate na mão e a mochila nas costas, pronto para voar na pista do Parcão — que ficava a meros 50 metros dali — assim que o expediente acabasse. Para aquele pessoal criado na cultura machista do gauchismo bruto, eu era um enigma irritante.

Se eu raspava a cabeça, a piada era que eu estava com piolho. Eles não alcançavam a estética Punk. Se eu usava as calças largas, o comentário era que eu estava cagado. Eles não entendiam que ali nascia a estética do Street. O racismo estrutural e institucional se manifestava nessas "piadinhas" que tentavam deslegitimar minha existência.

"Vai botar um serviço nesse corpo!", gritavam os operários das obras quando me viam passar com a "tábua de quatro rodinhas". O choque vinha semanas depois, quando me viam lá dentro, pegando no pesado na Cooperativa. Aí o

discurso mudava, mas o preconceito permanecia: "Vai arrumar uma mulher para esse corpo! O que tu queres com esse brinquedo?". E se eu aparecia com uma namorada, o julgamento continuava. Nada era suficiente para uma sociedade que se sente ameaçada por quem é livre.

Eu incomodava porque eu quebrava o padrão. Eu era um homem negro, trabalhador, estudante e skatista. Eu não era o estereótipo de "vagabundo" que eles queriam que eu fosse para justificar o ódio deles. Eu estava ali, ocupando o espaço deles, trabalhando ao lado do meu Tio Samuel, mas mantendo minha alma intacta. Aquelas piadas que a gente acabava "se acostumando" eram, na verdade, as fronteiras de um mundo que não aceitava que um jovem do Brooklin pudesse ser, ao mesmo tempo, um operário exemplar e um revolucionário das pistas.

A Cooperativa me dava o salário, mas o skate e a rua me davam a dignidade. E foi aguentando esse "olhar de cima para baixo" dos machões da forrageira que eu fortaleci ainda mais o meu caráter. Se eles queriam que eu me enquadrasse, eu respondia com mais manobras e mais convicção.

A Travessia e o Baque das drogas

A minha porta de entrada no mundo das drogas não foi um salto no escuro, mas uma sucessão de passos que pareciam naturais no cenário de Uruguaiana e Porto Alegre. Tudo começou nas "reuniões dançantes", aquelas festinhas caseiras regadas a vinhos e luzes baixas, onde o som ditava o ritmo e a curiosidade ditava o resto. Mas o combustível mesmo vinha de fora.

A nossa logística era quase um rito de passagem. Atravessávamos a ponte rumo a Paso de los Libres, na Argentina. Lá, o lança-perfume era acessível. O esquema era clássico: prendíamos os frascos na cintura, por dentro da calça, e subíamos no ônibus de volta. O trajeto era um mix torturante de adrenalina e pânico; o medo de ser pego pela fiscalização gelava o estômago, mas a vontade de usar era maior.

Lembro exatamente da primeira vez que cheirei o lança. Foi o meu primeiro "teto". O mundo simplesmente apagou. Caí no chão, bati a cabeça com força em uma porta e, na escuridão absoluta que tomou minha visão, o desespero bateu. Comecei a gritar por Deus. "Deus, nunca mais eu vou fazer isso!", eu berrava, achando que estava morrendo. Mas o efeito das drogas é trapaceiro: assim que a imagem começou a voltar e o coração acalmou, eu já estava ali, no meio da gurizada, usando de novo.

Poucos meses depois, o cenário mudou para os fundos do Colégio Rondon. O ponto de encontro era atrás de um muro, perto de um gerador de eletricidade. Ali, a gente improvisava: fumava maconha até com folha de caderno. No início,

era só risada, fome e sono. Até que chegou em Uruguaiana o lendário "Verão da Lata". Aquela erva que veio do mar, uma terra preta e forte que mudou o conceito de "ficar chapado".

A partir dali a droga começou a cobrar o preço no que eu mais amava: o skate. Eu era bom, competia, mas a moleza e a preguiça começaram a vencer as manobras. Nos campeonatos, eu via o pessoal que vinha de Porto Alegre ou dos países vizinhos com aquela cultura do "baseadinho antes de andar". Eu entrava na onda, mas o rendimento nos estudos e nas pistas só caía.

A minha trajetória, porém, teve um desvio mais sombrio que a da maioria. Enquanto muitos passavam anos apenas cheirando, eu pulei etapas. Conheci o Marcelo, o "Feto", também do skate, e fomos juntos para a cocaína injetável. Fomos até a casa de um amigo, o Madeira, perto do Rio Uruguai. Naquela época, a droga era pura, vendida em grama e cotada em dólar. Como eu sempre tive esse trânsito livre entre o centro e a periferia, eu era o "diplomata" que buscava a mercadoria na boca.

O medo de agulha que eu carregava — uma ironia para quem hoje tem o corpo quase todo tatuado — era vencido pela necessidade do baque. Eu nunca me aplicava; sempre tinha um amigo que fazia o serviço. Por puro instinto de sobrevivência ou para manter a fachada de bom rapaz em casa, eu carregava sempre quatro seringas novas no bolso. Eu sabia que a ponta da agulha entortava e castigava a veia; usando várias, eu garantia que meus braços ficassem limpos, sem marcas que pudessem denunciar o que eu estava fazendo com a minha própria vida.

Naquela colher misturada com água destilada, eu não estava apenas dissolvendo um pó; estava dissolvendo o meu futuro de atleta e de estudante, um furo de cada vez.

O Punk e o Dark no Colégio Marista

A vida tem dessas ironias que parecem escritas por um roteirista criativo. O skate me deu irmãos, e o Marcelo, o "Feto", foi um dos mais importantes. Nossa conexão era profunda e tinha raízes curiosas: assim como na minha família, o mundo da costura estava no DNA dele; a avó e a tia também ganhavam a vida entre tecidos e agulhas. Foi através dele que minha rota mudou drasticamente. Saí do Rondon e fui parar no Colégio Santana, uma instituição Marista, de padres, para cursar o primeiro ano do Ensino Médio.

Para um garoto preto e pobre, vindo da Marechal Deodoro, aquilo foi mais do que uma mudança de escola; foi um choque térmico de realidade.

Éramos uma dupla improvável naquele cenário de elite: eu, com meu espírito anarquista e visual Punk; o Feto, mergulhado no movimento Dark. Dois

skatistas marginais circulando pelos corredores de um colégio onde os sobrenomes dos colegas eram os mesmos que estampavam as placas das grandes estâncias e latifúndios da região. Estávamos no coração do privilégio.

Ali, conheci o lado perverso da desigualdade. O racismo estrutural e o preconceito não eram sutis; eles estavam no olhar, no distanciamento, no silêncio. As meninas, lindas e sofisticadas, até se encantavam pelo nosso estilo autêntico, pelo "exótico" que representávamos naquele ambiente rígido. Havia um flerte, um fascínio, mas ele parava na barreira invisível da classe social. Elas podiam até andar com a gente, mas namorar era outra história — a família jamais aceitaria um "estranho" como eu no jantar de domingo.

Apesar da hostilidade velada, fizemos amizades que duram até hoje. O Santana me deu esse contraste: ao mesmo tempo que eu via a discriminação de perto, eu aprendia a transitar entre os extremos. O Marcelo continua sendo esse cara multifacetado — cineasta, músico, homem da literatura.

Naquela época, porém, éramos apenas dois jovens tentando encontrar o nosso lugar em um mundo que nos olhava de cima para baixo. E foi nesse cenário de repressão religiosa e ostentação de riqueza que a nossa rebeldia encontrou um terreno fértil para se perder ainda mais nos excessos.

O Sacrifício da Mãe e o Estigma das Rodas

Estudar no Colégio Santana não era apenas um desafio social; era, para a minha mãe, o auge de um sonho. Ela fazia o impossível, pagando mensalidades que fugiam completamente do nosso orçamento, acreditando que aquele colégio de padres seria o passaporte para o meu futuro. Mas, enquanto ela investia o que não tinha, eu vivia uma montanha-russa.

Aquele foi o período em que eu mais me destaquei no skate, mas também foi o momento em que a droga começou a fincar o pé. Minha rotina era um paradoxo: eu viajava para competições fora de Uruguaiana e, por vezes, encontrava cenas em que o skate era "limpo". Nessas cidades, eu ficava sem usar, recuperava o fôlego e sentia meu corpo responder; eu voltava a andar bem, a acertar as manobras, a sentir a força da performance. Mas era uma ilusão temporária. Bastava pisar de volta em Uruguaiana, ou chegar em uma cidade onde o uso era liberado, que meu rendimento desabava. A produtividade dava lugar à moleza, e o foco se perdia no próximo "baque".

Dentro do Santana, eu sentia o peso do estigma. Em 1989, 1990, ser skatista não era "cool" como é hoje; era ser alvo de preconceito. Eu e o Marcelo Feto éramos as ovelhas negras. Eu circulava com minhas camisetas de bandas de punk, como Garotos Podres, Ratos de Porão, Ramones e Bad Religion. O Marcelo, fiel ao movimento Dark, era uma mancha preta nos corredores claros

do colégio, escutando The Cure. Nós éramos a personificação do que aquela elite temia: o cabelo raspado, as calças largas, o visual contestador.

Eu via de perto o que os filhos dos latifundiários desfrutavam e, ao mesmo tempo, sentia o que eles pensavam de nós — os pobres lá da "sanga", os pretos, os marginais do Morro do Piolho do bairro Santana. Esse choque de realidade me fazia sentir que eu não pertencia àquele lugar, e talvez por isso eu tenha usado o skate como rota de fuga.

O preço dessa fuga foi alto. Entre uma viagem e outra para os campeonatos, e o tempo perdido no uso da droga, as aulas ficaram em segundo plano. Eu "rodei" por faltas. Sacrifiquei o esforço financeiro da minha mãe e não aproveitei o ensino da elite. No fim das contas, o Colégio Santana não me deu um diploma naquele ano, mas me deu um aprendizado brutal e vivo sobre a pele: eu senti como a cidade era dividida e como o preconceito tentava nos empurrar para a margem, mesmo quando estávamos dentro das melhores salas de aula.

O SANTANA E O APARTHEID DE SALÃO

O Colégio Santana era um universo à parte. Entrar ali foi como cruzar um portal para uma Uruguaiana que eu só via de longe. O esforço da minha mãe para me manter naquele colégio marista era hercúleo, mas o que encontrei lá dentro foi muito além das lições dos padres. Encontrei o choque estético e o abismo social.

É impossível não admitir: as meninas eram deslumbrantes. Filhas de grandes arrozeiros, com seus olhos claros e uma postura que exalava o conforto da herança. Mas, para além da beleza, o Santana me abriu os olhos para uma patologia local: o clubismo. Foi ali que entendi que Uruguaiana era fatiada por muros invisíveis chamados Clubes Sociais.

Havia uma hierarquia cruel que ditava quem era quem na cidade. No topo da pirâmide, o Tênis Clube, o reduto da alta elite, onde o sobrenome valia mais que o caráter. Logo abaixo, o Caixeiral, o clube da classe média comercial. E então, começava o estigma. O Tiradentes, frequentado por sargentos, era alvo de piadas elitistas, chamado de lugar de "chinelo e lama". No degrau mais baixo, segundo esse olhar preconceituoso, estava o Grêmio Luiz Quevedo, o clube da periferia, estigmatizado como reduto de marginais e violência.

O que me causava repulsa não era apenas a elite, mas o que eu chamo de "piolhos de rico". Eu via colegas que não tinham condições de estar ali, mas que faziam o impossível — endividavam-se, fingiam, humilhavam-se — para orbitar em volta dos sobrenomes de peso, mendigando um convite para uma

piscina no verão ou uma mesa no baile de debutantes. Era um teatro de aparências onde eu nunca consegui, nem quis, um papel.

Minha mãe nunca teve dinheiro para joias ou títulos de sócio. Minha cultura era a da General Vitorino, a do "bunker" e a da 13 de maio. Enquanto o povo brigava por ingressos para bailes de Natal em clubes que os desprezavam, eu me sentia um estrangeiro. Eu preferia ficar do lado de fora, com os poucos que não tinham dinheiro para entrar ou com os raros filhos da elite — como o André — que, apesar da riqueza, tinham a lucidez de desprezar aquele Apartheid social.

No Santana, eu confirmei minha natureza anarquista. Se o clube era feito para unir os iguais e excluir os diferentes, eu preferia a rua. Na rua, o skate não pedia sobrenome e o punk não exigia título de sócio. Eu estava no Santana, via as meninas bonitas, respirava a estrutura marista, mas meu coração continuava "passando a sanga", onde a dignidade não precisava de crachá de clube para existir.

O Retorno ao Chão: Do Santana ao Colégio Uruguaiana

O tombo no Santana foi o primeiro grande sinal de que eu estava perdendo o controle dos trilhos. Rodar por faltas não foi apenas uma falha acadêmica; foi o desmoronamento de uma expectativa familiar. O ano seguinte chegou com um gosto amargo de recomeço e uma mudança de cenário: saí da redoma dos padres e fui para o Colégio Uruguaiana.

Se no Santana eu era o "estranho" infiltrado na elite, no Colégio Uruguaiana eu já entrava com o rótulo de quem tinha passado pelo colégio caro e não tinha dado conta. Mas a verdade era outra. Eu não levava comigo a derrota nos estudos, eu levava a dependência química, que a essa altura já não era mais uma experiência de fim de semana. A agulha e a colher tinham se tornado companheiras silenciosas, e o ambiente escolar, qualquer que fosse ele, passava a ser apenas um intervalo entre um uso e outro.

Nessa transição, a minha identidade como skatista ainda era o que me segurava na superfície, mas o brilho estava mudando. Eu já não era mais apenas o garoto punk que queria revolucionar o mundo com um shape na mão; eu era o cara que precisava manter as aparências de "braços limpos" enquanto a mente já estava totalmente cauterizada pela rotina do centro, da periferia e das seringas.

O Colégio Uruguaiana representava o pé no chão, a realidade nua e crua da cidade, longe do luxo dos filhos dos estancieiros. Ali, o asfalto era mais quente,

a vigilância era menor e as tentações pareciam estar em cada esquina daquela região.

O ENGENHO, O TRABALHISMO E O LUTO: A FORJA NO BAIRRO SANTANA (1987)

O ano de 1987 ficou marcado como uma cicatriz profunda na nossa história familiar. No Dia das Mães, o destino foi cruel: meu tio Delci saiu de moto para comprar carne e, em um acidente trágico na Avenida Presidente Vargas, a moto escorregou e ele foi atropelado por uma caminhonete. Ele nos deixou ali, naquele asfalto, e a dor da minha tia foi imensurável.

Diante desse luto, houve uma mudança necessária. Minha mãe permaneceu no nosso chalé na Rua Marechal Deodoro, ao lado da casa do tio Nelson. Já eu e minha avó, Maria Virgínia, fomos morar com minha tia no bairro Santana para lhe dar suporte. Morávamos em uma das casas que ficavam dentro de um grande pátio industrial, onde funcionava um engenho com um enorme silo de armazenamento e um secador de arroz.

Diferente do que o julgamento raso das pessoas supunha — que por ser skatista eu era "vagabundo" —, eu conheci ali o peso do trabalho bruto. Meu posto era no secador, onde os caminhões chegavam abarrotados de arroz. Minha função era "palhar" o arroz para dentro de uma moenda que o levava até a peneira. Eu era o cara da peneira: ali, no pó e no barulho, eu separava o grão da sujeira e das sementinhas. Era um trabalho repetitivo, duro, mas que me deu a casca necessária para entender o valor do suor.

O tio Delci, antes de partir, foi meu mentor nessa lida. Filho de uma indígena dona Matilde com um negro o seu José e criado pelo seu Quintino, ele me ensinou sobre a "vida dura" e me explicou, com a sabedoria de quem sente na pele, as engrenagens da pobreza e da miséria.

No fundo daquele pátio, atrás do engenho, havia uma peça que todos chamavam carinhosamente de "CTG". Não era um CTG oficial, mas um espaço de resistência e convivência onde, aos finais de semana, o churrasco nunca faltava. Ali, entre uma rodada de truco e outra, o ambiente era dominado pelo Trabalhismo e pelo PDT.

Tive a honra de presenciar, ainda menino, Leonel Brizola visitando aquele espaço para debater com os trabalhadores. Eu ficava ali, quieto, em um canto, comendo meu churrasco e observando as discussões inflamadas de Brizola, do seu Quintino e de outros militantes. Enquanto o skate e o anarquismo já me davam a base da contestação social, foi naquele pátio do Santana, entre o pó da peneira de arroz e os discursos trabalhistas, que minha consciência política

de classe foi forjada. Eu não era apenas um rebelde; eu estava aprendendo a ler o mundo através dos olhos de quem trabalha e de quem luta.

1990-1993: O VÍRUS URBANO – PATERNIDADE, SKATE E REVOLUÇÃO SONORA

Sair do Supermercado da Cooperativa era como tirar um peso das costas. Eu atravessava os 50 metros que me separavam da Pista do Parcão e ali o operário morria para o Mano Ordai renascer. Eu andava até altas horas, sob a luz dos refletores, limpando a mente de cada sacola empacotada. Naquela época, já não morávamos mais no Brooklin; tínhamos nos mudado para o Bairro Santana, e o trajeto da pista para casa era o meu momento de reflexão.

A vida acelerava. No Colégio Uruguaiana, o amor cruzou o meu caminho. Conheci a Mônica, que se tornaria minha primeira companheira e mãe da minha primeira filha. Em 1992, celebramos o que foi, provavelmente, o primeiro casamento "Skate-Punk" da cidade. Imagina a cena: Uruguaiana, conservadora e tradicionalista, assistindo a um casamento com temática de skate, cercado por amigos punks e metaleiros. Era um manifesto de amor e de rebeldia.

Dessa união, em 1993, nasceu a Maria Luiza, a Maluzinha. A paternidade aos 19 anos não me parou; ela me deu um novo propósito. Ao mesmo tempo que eu trocava fraldas, eu empunhava instrumentos e microfones. 1992 foi o ano em que o barulho saiu das ruas e foi para os amplificadores com a Street Noise, a primeira banda de Skate Punk da cidade. Mas a inquietude não parava ali. Em 1993, com o Jason (Gerson) e o Baby, fundamos a Dirty Rap, uma das pioneiras do Rap em Uruguaiana, bebendo direto da fonte que o Gustavo tinha nos mostrado.

O ápice dessa fase aconteceu em Santa Cruz do Sul, em 1993. Fomos para o nosso primeiro Campeonato Brasileiro da UBS (União Brasileira de Skate). Ali, o Mano Ordai de Uruguaiana apertou a mão dos deuses do skate nacional. Foi o meu contato direto com os profissionais que eu via nas revistas. Lá, firmei um laço histórico com o Eduardo da Drop Dead.

Eu não voltei daquele campeonato apenas com manobras novas na bagagem; voltei com uma visão de negócio. Eu percebi que Uruguaiana precisava de mais do que uma associação; precisava de acesso direto ao material. Foi o embrião para 1993, quando deixaria de ser apenas o empacotador da elite para me tornar o representante de grandes marcas e abrir minha própria distribuidora de peças. O Mano Ordai estava transformando a paixão em profissão e a revolta em arte.

O Intelecto Sob a Névoa: O Colégio Uruguaiana

Em 1991, o Colégio Uruguaiana ainda não tinha sua sede própria; as aulas funcionavam improvisadas no prédio do Senac enquanto a construção avançava. Foi nesse cenário de transição que eu tentei me restabelecer. Eu nunca fui o que chamam de aluno "burro" ou ignorante. Pelo contrário. Desde o ensino fundamental, eu tinha uma facilidade fora do comum: bastava ouvir o professor para que o conteúdo se fixasse na minha mente. Raramente eu precisava abrir um livro em casa para estudar para uma prova.

Eu trazia comigo uma base sólida, forjada lá atrás, no chalé da General Vitorino, com as minhas tias pedagógicas — Tia Ieda e Tia Bete. Fui alfabetizado cedo pela Professora Alba Tarragô no Jardim de Infância Domingos José de Almeida e, desde pequeno, devorei tudo o que era papel. Enquanto a maioria dos guris se perdia em futilidades ou apenas no futebol, eu lia as colunas de política e economia dos jornais. Minha mente era alimentada pelas revistas de skate, mas também por uma curiosidade crítica sobre como o mundo funcionava.

No Colégio Uruguaiana, essa inteligência não passou despercebida. Lembro com carinho da professora Tânia, de Filosofia. Ela sempre me elogiava, porque nas aulas de Sociologia e História, o meu lado crítico florescia. Eu já era um anarquista de berço, um questionador nato.

Mas havia uma barreira invisível que a inteligência não conseguia transpor: a química. O ensino médio exigia uma constância que o meu corpo, castigado pelas drogas, já não conseguia entregar. Eu vivia em um fuso horário particular. A cocaína roubava as minhas noites, me deixando em um estado de alerta artificial e exaustivo; depois, vinha a maconha para tentar forçar um sono que nunca era reparador. Eu acordava cedo, mas minha mente ainda estava em algum lugar entre o "baque" da noite anterior e a névoa do baseadinho da manhã.

Eu era um cara inteligente operando com baixa produtividade. Um crítico social que entendia a estrutura do sistema, mas que estava preso em uma estrutura química muito mais implacável. Foi nesse período de dualidade — entre os elogios da professora de Filosofia e o cansaço crônico do vício — que a vida começou a ganhar novos contornos. No meio daquela construção inacabada do colégio, eu não buscava apenas respostas nos livros; eu também buscava afeto. Foi ali que os meus primeiros namoros sérios começaram a surgir.

O Casamento como Refúgio: Entre a Pista e o Altar

Em 1992, o Colégio Uruguaiana finalmente inaugurou sua sede própria na Avenida Presidente Vargas. Eu chegava ali carregando o peso de duas

repetências consecutivas no primeiro ano do Ensino Médio. A primeira, no Santana, e a segunda, no Senac. O motivo era sempre o mesmo: a evasão. O skate era uma paixão absoluta que me arrancava da sala de aula; eu passava quinze, trinta dias longe, percorrendo o interior do Rio Grande do Sul ou cruzando a fronteira até Artigas, no Uruguai. Eu vivia na estrada, mas, no fundo, também estava fugindo de algo.

Foi naquele novo endereço escolar que o meu destino cruzou com o da Mônica. O que começou como um namoro de colégio rapidamente se transformou em algo muito mais urgente. Hoje, olhando pelo retrovisor da vida, percebo que o meu pedido de casamento — feito ainda naquele mesmo ano de 1992 — não foi apenas um gesto de amor juvenil, mas uma tentativa desesperada de fuga.

Eu sentia o cerco fechando. O grupo com quem eu compartilhava os picos de cocaína estava mergulhando em um caminho sem volta. Eu via a degradação de perto e, num lampejo de lucidez, enxerguei na Mônica e na constituição de uma família a única saída para não ser tragado de vez. O amor era o meu bote de salvamento.

Daquele grupo que usava drogas injetáveis em Uruguaiana, a morte fez uma colheita pesada. A grande maioria foi levada pelo HIV, pela AIDS ou pela hepatite. Daquela turma, restamos apenas dois sobreviventes para contar a história: eu e o hoje Pastor Carlos, da Igreja Batista. Ver-me vivo hoje é entender que o casamento foi a barreira que me impediu de continuar dividindo agulhas.

Casamo-nos no final de 1992 e, em 1993, veio ao mundo a nossa primogênita, a Maria Luiza — a Maluzinha. Naquele momento, parecia que eu tinha vencido o monstro. Consegui abandonar as seringas, o que por si só já era uma vitória hercúlea. No entanto, a droga é traiçoeira; ela não aceita uma derrota total tão facilmente. Eu tinha saído do "pico", mas ainda não tinha saído da droga. O vício apenas mudou de forma: a agulha deu lugar ao pó, e eu passei a cheirar, tentando equilibrar a vida de pai de família e recém-casado com a dependência que ainda corria nas minhas veias, agora de um jeito mais silencioso, mas igualmente perigoso.

Smoking, Skate e o Altar: O Sim de um Punk

O meu casamento com a Mônica foi o ápice de um surrealismo que só a fronteira sabe produzir. Se de um lado eu buscava a sobrevivência, do outro eu mergulhava em um cenário de filme. A família dela era o pilar do Bairro

Santana, liderada pela matriarca Dona Itália Blanco — a Vó Tina. Uma linhagem italiana tradicional, de raízes fortes e costumes sólidos.

A festa foi pomposa, daquelas com fartura de comida e bebida que pareciam não ter fim, realizada na casa dos meus sogros, o Toco e a Dirce, bem ao lado da casa da bisavó. Eu, o menino da Marechal Deodoro, estava lá, vestindo um smoking impecável, cercado por um luxo que eu só via nas revistas de política que lia.

Mas a minha essência não estava sob o terno. O casamento foi, oficialmente, o primeiro "casamento skatista" de Uruguiana. A cena era inédita: entrei na igreja com o skate debaixo do braço. No altar, o juramento; na saída, o shape no chão. Partimos para a vida nova em um Opalão clássico, com o barulho das latas amarradas no para-choque anunciando para a cidade inteira que o skatista punk agora era um homem casado.

A plateia daquele evento era o retrato da minha vida: uma mistura explosiva de herdeiros latifundiários e a minha tribo — o pessoal do skate, do punk, do hip hop e do Trash metal. Estavam todos ali, testemunhando o improvável.

No entanto, por trás daquela imagem de "festa de cinema", a ansiedade me corroía. Para encarar o peso daquela responsabilidade, o olhar daquela elite e o frio no estômago de entrar na igreja, precisei de um "combustível". Antes de subir os degraus, fumei um baseado. Entrei na igreja completamente chapado, flutuando em uma euforia que misturava a fumaça da maconha com o perfume das flores do altar.

Eu estava dando o passo mais importante da minha vida, tentando fugir da morte e abraçar o amor, mas ainda precisava de uma substância para conseguir olhar nos olhos do padre e dizer "sim". Foi uma festa de luxo, de alegria e de união, mas para mim, era também o início de uma nova jornada: a de tentar ser o homem que a Mônica merecia enquanto o "monstro" do vício ainda sussurrava no meu ouvido, mesmo sob as bênçãos da Vó Tina.

O Retorno à Rua Santana: Entre Patriarcas e Fantasmas

A vida de casado começou no coração do Bairro Santana. Por uma dessas ironias que o destino reserva, fomos morar na mesma rua dos meus sogros, a poucos metros de onde viviam minha tia Fani, meu tio Delci e, acima de tudo, a minha avó. Naquela época, ela já era uma fortaleza de 92 anos de idade, uma presença que impunha respeito e resgatava memórias de um tempo antes de qualquer sombra química cruzar o meu caminho.

Eu estava cercado por todos os lados. De um lado, a tradição italiana da família da Mônica; do outro, o olhar atento da minha própria árvore genealógica. Era o

cenário perfeito para a redenção. A Rua Santana se tornou o palco da minha tentativa de normalidade.

Eu saía de casa pela manhã com a responsabilidade de quem tinha uma esposa e, logo em seguida, a pequena Maluzinha nos braços. Para quem olhava de fora, eu era o jovem que tinha "tomado jeito". Mas o vício é um inquilino que não aceita o despejo tão facilmente. Morar ali, tão perto de pessoas que eu amava e respeitava, criava uma tensão constante. Cada vez que eu me trancava no banheiro ou buscava um canto escuro para cheirar, o peso da traição era dobrado pelo fato de que, a poucos metros dali minha avó quase centenária e meus tios representavam uma vida de integridade.

Eu vivia em uma corda bamba emocional. O bairro Santana, com suas casas sólidas e famílias tradicionais, era o meu porto seguro, mas eu ainda carregava o mar agitado dentro de mim. Eu tentava ser o marido presente, o genro prestativo e o neto atencioso, mas o "corre" para conseguir a cocaína continuava acontecendo nas sombras. Eu já não era mais o garoto que injetava com o Feto, mas era um homem que vivia um segredo corrosivo bem debaixo do nariz de quem mais queria o meu bem.

O DESCANSO DA MENTORA: O LEGADO DA DONA MULATA

Existem datas que não marcam apenas o tempo, mas rasgam a alma. Em 1993, o meu mundo, tal como eu o conhecia, desabou. Minha avó, Dona Virgínia — popularmente conhecida em toda Uruguaiana como a "Dona Mulata" — partiu aos 92 anos.

Encontrá-la gelada, em um sono eterno e sereno, trouxe um conforto amargo ao meu coração. Ela não sofreu; ela simplesmente entregou o fardo de uma vida de quase um século. Mas, para mim, aquele silêncio no quarto era ensurdecedor. Eu estava me despedindo da minha mentora, da mulher que moldou cada centímetro da minha personalidade. Minha avó foi meu chão, minha base, meu pai e minha mãe em um corpo só.

Dona Virgínia foi a prova viva de que a nobreza não vem do sobrenome ou do título de sócio de um clube, mas da capacidade de transcender a dor. Ela, que fora abandonada em uma sanga quando recém-nascida, que teve o direito de ler e escrever negado pela vida, nunca permitiu que o amargor vencesse a sua doçura. Ela foi a minha primeira lição de anarquismo e espiritualidade: "Meu filho, nunca negue água a ninguém. Se você tem, compartilhe".

Hoje, quando as pessoas dizem que eu transito com a mesma facilidade entre o palácio e a favela, entre o intelectual do centro e o catador da vila, eu sei que não sou eu quem está falando. É ela. A facilidade com que as pessoas me

ouvem, o carinho que recebo nas esquinas, o respeito que o povo tem pela minha palavra... tudo isso é o eco da Dona Mulata vivendo em mim.

Eu acredito piamente na ancestralidade. Acredito que a evolução espiritual da minha avó foi tão profunda que ela se tornou o meu porto seguro eterno. Ela deixou um legado que nenhuma herança de arroteiro poderia comprar: o legado do afeto e da dignidade inabalável.

Se hoje eu sou o historiador que dá voz aos invisíveis, é porque fui criado por uma mulher que foi invisibilizada pelo sistema, mas que brilhou como um sol para todos que cruzaram o seu caminho. Dona Virgínia não morreu; ela se impregnou no meu sangue. Cada vez que eu estendo a mão a alguém ou luto contra uma injustiça, é a mão dela que se move através da minha. Eu sou o capítulo que ela não pôde escrever, mas que ela viveu com cada batida do seu coração generoso.

A Farda e o Fogão: O Recruta no Hospital Militar

O meu casamento com a Mônica era visto por muitos como o encontro de um casal "padrão capa de revista", mas com um toque de rebeldia que nos diferenciava. Eu já não era mais aquele garoto liso; carregava nos braços e nas pernas as marcas da tatuagem, uma estética que, em 1992, ainda chocava muita gente em Uruguaiana. Mesmo assim, havia uma harmonia entre nós que os amigos admiravam.

Naquele ano de 1992, logo após o casamento e a mudança para a Rua Santana, a minha vida ganhou um novo uniforme. Por ser filho único, eu tinha o direito de não servir o Exército, mas a minha inquietude me fez pedir o contrário. Implorei para minha mãe falar com o Tenente Antônio; eu queria aquela experiência. Fui selecionado para o Hospital Militar.

A minha passagem pela tropa, na Artilharia, foi breve — três meses de ralação na bateria de serviço. Logo depois, o destino me puxou de volta para o ambiente hospitalar. A ironia começou já na minha designação: inicialmente me colocaram na farmácia, um lugar perigoso para quem ainda lutava contra o vício e conhecia bem o efeito de substâncias químicas. Mas a minha ancestralidade falou mais alto e não demorou para me transferirem para a cozinha.

Ali, no Hospital Militar, o meu talento com os temperos, herdado das mulheres da minha família e da lida no Chalé, floresceu de uma forma institucional. Eu não cozinhava o "rancho" comum da tropa. Minha missão era preparar a comida para os Oficiais e Sargentos. Era uma gastronomia diferenciada, mais fina, elaborada e técnica. Eu era o auxiliar que transformava ingredientes simples em pratos que exigiam um rigor que o Exército apreciava.

Foi um período de disciplina extrema. Eu servia à pátria durante o dia, manipulando panelas e sabores para a elite militar, e voltava para casa à noite para ser o marido da Mônica. Eu estava vivendo uma rotina de homem adulto, com responsabilidades de Estado e de família, enquanto tentava manter o meu "eu" skatista e punk guardado debaixo da farda. Em outubro de 1992, recebi minha primeira baixa, encerrando esse ciclo militar que me deu estrutura, mas que também me mostrou que, não importa onde eu estivesse — na rua, na igreja ou no quartel —, a cozinha sempre seria o meu lugar de destaque.

A Mesa de Vidro e a Engenharia da Mentira

Após a baixa do Exército, em outubro de 1992, a disciplina da farda deu lugar a um vazio que a cocaína rapidamente preencheu. O uso, que antes era controlado pelo rigor do quartel, agora apertava. Eu vivia uma farsa dentro da minha própria casa na Rua Santana. Como eu precisava manter a fachada de "homem regenerado" para a Mônica, criei uma dinâmica perversa com o meu grupo de amigos.

Na nossa sala, havia uma mesa de vidro. Ela se tornou, estrategicamente, o ponto de encontro da gurizada antes das festas. Meus amigos passavam por lá para "preparar o terreno". A Mônica via a movimentação, via o pessoal usando, mas como eu não me expunha ali na frente dela, ela acreditava que eu estava limpo, que eu era apenas o anfitrião que acolhia os amigos de longa data.

A crueldade estava nos detalhes. Antes de irem embora, o recado vinha baixo, quase um sussurro: "Deixei um 'teco' para ti, está escondido lá no banheiro". Assim que eles saíam, eu inventava uma desculpa, corria para o banheiro e cheirava escondido. Era uma sensação horrível; a adrenalina do efeito se misturava com a culpa de estar enganando a mulher que era o meu porto seguro, a poucos metros de distância.

O ano de 1993 passou sob essa névoa de segredos. Maria Luiza, a nossa Maluzinha, crescia e trazia uma luz para a casa que eu já não conseguia refletir. No final daquele ano, a sintonia entre mim e a Mônica já estava desgastada. Não havia como um casamento florescer em um terreno minado pela mentira e pelo uso de drogas.

O aniversário de um ano da Malu, em 1994, foi o nosso último grande ato como uma família unida. Foi uma festa maravilhosa, com o mesmo pessoal que estive no nosso casamento "skatista" presente de novo. Olhando as fotos, parecia tudo perfeito, mas por trás dos sorrisos, o distanciamento era nítido. Eu já não era mais o mesmo homem que subiu ao altar de smoking e skate na mão. Pouco tempo depois daquela festa, em 1994, a separação veio como um veredito inevitável. O amor tinha sido o meu bote de salvamento, mas eu mesmo tinha começado a furar o casco.

O Nó que se Desfez: Ciúme, Carnaval e o Adeus

A minha separação da Mônica não foi um evento de uma nota só. Foi um mix amargo de circunstâncias que sufocaram o que a gente tinha construído. Além do meu uso contínuo de drogas, que eu tentava camuflar nas sombras, o nosso cotidiano se tornou um campo de batalha de inseguranças.

Eu era um skatista tatuado e, na época, esse estilo exercia um fascínio nas meninas da cidade. A Mônica, porém, lidava com um ciúme paralisante. A gravidez mexeu com a autoestima dela; ela se sentia feia, gorda, e projetava isso em mim. O controle era extremo: ela chegava a esconder as chaves de casa para me impedir de sair para andar de skate. O que era para ser meu escape e minha identidade virou motivo de cárcere doméstico.

Para completar o quadro, havia o Carnaval. Eu nasci dentro das escolas de samba de Uruguaiana, mas em 1991 e 1992, o meu encanto tinha morrido. Eu via a branquitude avançando, o capitalismo engolindo o que era popular e o brilho do "povão" se perdendo. Eu queria distância daquilo. Já a Mônica, que estava chegando agora nesse universo, ficou deslumbrada. Enquanto ela queria estar em cada ensaio, eu só via o vazio daquela nova estrutura. Onde ela via festa, eu via a perda de uma essência que era minha por ancestralidade.

Em 1994, o elástico arrebentou. Contra a minha vontade, ela pediu a separação. Foi um golpe brutal. Ter que me afastar da Maluzinha, ainda uma bebê de um ano, me quebrou por dentro. Voltei para a casa da minha mãe com o peso da derrota, mas não consegui ficar parado.

Tentei uma fuga geográfica: fui para Curitiba. Na época, Curitiba era a capital do skate, e eu bati muita roda na pista do Gaúcho e no Parque Ambiental e na Syndicate bem ali na frente do shopping Muller. Mas o clima da cidade não me acolheu. Curitiba era fria — e não falo só da temperatura. Encontrei uma sociedade conservadora, com traços fascistas e pessoas fechadas que não batiam com a minha alma de fronteira. A solidão e o gelo daquela capital me empurraram de volta para Uruguaiana.

Eu voltei, mas já não era o mesmo. Aquela volta era apenas o prelúdio para o meu próximo movimento, o salto que me levaria para Santa Maria, onde a minha história ganharia novos e intensos capítulos.

A ESCALA EM SANTO ÂNGELO: O MAPA DA VIRADA

Antes que Santa Maria se tornasse o meu palco, houve o encontro fundamental em Santo Ângelo. Eu vinha da experiência cinzenta de Curitiba, carregando o

peso de uma cidade que me olhava com o fascismo nos olhos por causa das minhas calças largas e da minha cabeça raspada. Mas foi nas Missões, entre conversas com meus amigos Lalau, Punk Li e Jacu, que o meu destino foi traçado.

Em 1994, sem o luxo da comunicação instantânea, nossa rede era feita de presença e palavra empenhada. Sentados em Santo Ângelo, os guris me lançaram o plano que mudaria tudo: "Luciano, nosso projeto para 95 é Santa Maria. Tu já conheces lá?". Eu não conhecia, mas a descrição deles me fisgou: uma cidade de porte médio, universitária, pulsante, onde o skate ainda era um terreno fértil a ser explorado.

Foi ali, naquele pacto entre amigos, que decidimos: Santa Maria seria o nosso porto. O Lalau, o Punk Li e o Jacu não estavam apenas me convidando para mudar de cidade; eles estavam me convidando para um novo capítulo de protagonismo.

Saí de Santo Ângelo com um mapa mental e uma promessa. Em 1995, cumprimos o combinado. Larguei o que restava de Uruguaiana e o desconforto de Curitiba para me jogar de cabeça no coração do Rio Grande. Se em Santo Ângelo plantamos a ideia, em Santa Maria colhemos a revolução. Fui morar na Professor Braga, ao lado do DCE, e o que era para ser apenas uma moradia com amigos de skate, tornou-se o meu portal para o mundo das artes, da filosofia e da história.

Aquelas conversas em Santo Ângelo foram o prefácio do Luciano que o mundo viria a conhecer: o skatista que, entre um Drop e outro, lia Marilena Chauí e descobria que sua rebeldia tinha fundamento, teoria e voz.

O Ápice nas Ladeiras: Santa Maria e a Cura pelo Asfalto

1995 foi o ano em que o mundo mudou de cor. Em Santa Maria, vivi um fenômeno inverso ao que conhecia: a maconha, que antes me trazia moleza e baixa produtividade, passou a ser o meu combustível de foco. Foi o ano em que mais fumei maconha na vida, mas, curiosamente, foi quando atingi o meu ápice técnico. O skate deixou de ser apenas um hobby para se tornar o meu estado de espírito. Tornei-me um skatista semiprofissional, com o apoio da loja Atrevidas, e minha rotina era uma imersão total na cena urbana.

A minha vida era dividida entre o rodo da serigrafia e o shape. O silk screen era o meu ganha-pão; eu passava o dia entre tintas e telas, imprimindo artes que financiavam a minha liberdade. Mas assim que o expediente acabava, o destino era um só: as ruas de Santa Maria.

A cidade era um labirinto de picos perfeitos. Era a época da transição: as rodas diminuíram drasticamente, as calças ficaram imensas e o visual ganhou cores berrantes, com cabelos tingidos de vermelho e verde. No meu Walkman, a trilha sonora era o hardcore melódico que chegava com força. Bandas como Pennywise embalavam as fitas K7 que eu mesmo gravava a partir de CDs, criando a atmosfera necessária para desbravar as ladeiras e escadarias daquela cidade universitária.

O skate em Santa Maria foi a minha terapia intensiva. Cada manobra acertada, cada sessão que varava a noite, servia para anestesiá-la a ferida aberta da separação e a saudade sufocante da minha filha. Eu era convidado para fazer apresentações, respeitado pelo nível técnico que tinha alcançado, circulando como uma referência naquelas ruas.

Nesse período, consegui um feito que parecia impossível: larguei a cocaína. O "baque" da agulha e a fissura do pó ficaram para trás, enterrados em Uruguiana. Em compensação, eu vivia em uma nuvem constante de maconha. Era o meu equilíbrio precário; eu troquei uma autodestruição acelerada por uma chapadeira funcional que me permitia voar baixo nas ladeiras de Santa Maria, tentando esquecer que, longe dali uma parte de mim crescia sem a minha presença.

O EXÍLIO DO ASFALTO E O PESO DA SAUDADE

Em 1995, minha partida para Santa Maria não foi motivada por um plano acadêmico ou por uma busca universitária — isso viria depois. Naquele momento, eu estava fugindo. Fugi de uma separação que me machucava e busquei no skate o refúgio para não desmoronar. Eu fui para Santa Maria para andar de skate, para me perder nas ladeiras e me reencontrar no estilo de vida que sempre me salvou. Mas o destino tem dessas coisas: foi naquela cidade, enquanto eu buscava o asfalto, que acabei respirando pela primeira vez aquela atmosfera intelectual e vibrante do saber que mudaria meu futuro.

Porém, enquanto eu tentava me reconstruir longe de casa, uma parte vital de mim crescia sem a minha presença: minha filha, Maria Luiza. A Malu já tinha dois anos e a distância era uma tortura silenciosa.

Eu vivia o drama de muitos pais que o discurso atual muitas vezes simplifica: a dor de querer prover e não ter condições. Eu nunca me negaria a dar uma pensão digna, mas a realidade era de escassez. Eu era um jovem negro sem emprego fixo, vivendo a vida dura, e a impossibilidade financeira de cumprir esse papel me doía na alma. Mas, se me faltava o dinheiro, nunca me faltou o esforço para ser presente.

Naquela época, ter um telefone fixo em Uruguaiana era luxo, algo cotado em dólar. Sorte que na casa da minha tia Fani, lá no pátio do engenho, havia um. Era por ali que eu mantinha o vínculo. Eu ligava sempre, queria saber cada detalhe da vida dela. Minha mãe, Montserrat, era a ponte de ouro: ela buscava a Malu na casa da vó Dirce e a levava para o convívio da nossa família. Tia Fani também a acolhia com todo amor. Elas foram as guardiãs da educação da minha filha enquanto eu estava fora.

Cada centavo que eu conseguia juntar era para a passagem de volta. Eu trazia um presente, uma lembrança, mas o que eu trazia de mais valioso era o meu tempo. Nos feriados e finais de semana em que eu conseguia descer para Uruguaiana, eu grudava na Maluzinha. O mundo parava e ela não saía do meu lado.

Santa Maria me apresentou à atmosfera do saber, mas foi a saudade da Malu que me ensinou sobre a responsabilidade e o sacrifício. Eu não era um pai ausente; era um pai em busca de cura e de um caminho, fazendo o impossível para que, mesmo longe, minha filha soubesse que tinha um pai que a amava acima de qualquer distância ou dificuldade financeira.

A República da Rua Professor Braga: O Despertar da Consciência

A nossa irmandade na Rua Professor Braga era um microcosmo de resistência. O Giano, a Bia sua mãe eram os donos da casa e os nossos anfitriões em Santa Maria, enquanto o Lalau e o Punk Li traziam a energia de Santo Ângelo — cidade onde passei alguns dias logo após a frustração em Curitiba e onde selamos o pacto de vivermos juntos. Mas o que realmente mudou a minha vida foi a localização estratégica do nosso lar: morávamos ao lado do Diretório Central dos Estudantes (DCE), a famosa Casa do Estudante na rua professor Braga.

Se o skate me dava a liberdade do corpo, aquele vizinho me deu a liberdade da mente. Foi ali que o meu primeiro contato com a intelectualidade universitária aconteceu de forma orgânica. Eu era o skatista punk que fazia silk screen, mas logo me vi sentado em rodas de conversa com estudantes que me apresentavam livros que eu nunca tinha visto.

Foi um vendaval de ideias. Eu, que já era um crítico por natureza, mergulhei em Marx e Bakunin. Mas o verdadeiro divisor de águas foi ler Marilena Chauí. Quando ela descreveu como os meios de comunicação de massa controlam as pessoas e fabricam consensos, algo dentro de mim deu um estalo. Pela primeira vez, eu tive nomes e conceitos para a desigualdade social, a luta de classes e o racismo estrutural que eu sentia na pele desde a infância na General Vitorino e nos corredores do Colégio Santana.

Naquelas madrugadas de debate, cercado de livros e fumaça, o pessoal da universidade começou a notar algo em mim. "Tu tens perfil para ser filósofo", diziam uns. "Tu levas jeito para historiador", diziam outros. Eles viam em mim um professor de sociologia antes mesmo de eu cogitar um vestibular.

Eu estava ali, em 1995, trocando a cocaína pela literatura russa e francesa, pela sociologia brasileira e pelo hardcore melódico. Eu ainda não sabia, mas aquele ambiente estava pavimentando a estrada que, anos mais tarde, em 2003, me levaria aos portões da PUC para cursar História. Santa Maria não estava apenas me curando da solidão; estava me transformando de um sobrevivente da periferia em um acadêmico em formação. Eu estava descobrindo que o conhecimento era a arma mais potente que eu poderia carregar, muito mais do que qualquer shape ou agulha.

SANTA MARIA: O CALDEIRÃO DO UNDERGROUND E AS CORDAS DO BAIXO (1995)

Em 1995, Santa Maria não foi apenas um refúgio para o meu skate; tornou-se o palco de uma troca cultural frenética que moldou meu lado artístico. Foi lá que firmei um laço de amizade que dura até hoje com o Duda. Hoje, ele é o baixista da banda Fúria Rock Pauleira e um tatuador renomado na cidade, mas naquela época, ele tocava na Cold Turkey e dividíamos o asfalto e as ideias. Nossa troca era pura essência de rua: eu o ensinava a dominar o skate, e ele me ensinava a dominar as quatro cordas do baixo.

Até então, eu era um autodidata completo, tocava de ouvido, sem noção de notas ou teoria. Foi com o Duda que comecei a entender o instrumento que viria a ser minha voz musical. Mas a imersão não parava no rock. Através dessa cena, conheci o Asa, um tatuador carioca que era uma enciclopédia viva da cultura Hip Hop. O Asa tinha um acervo absurdo de vinis e CDs; ele era DJ e respirava tudo o que envolvia o Rap dos anos 80 e 90. Foi na casa dele que bebi direto da fonte do Hip Hop, mergulhando nas batidas e nas letras que falavam da realidade que eu já conhecia tão bem.

Minha rotina em Santa Maria era uma costura entre diferentes tribos do underground. Eu andava com os amigos de Alegrete que tinham migrado para lá Luizele e Fofo, compartilhava vivências com os "Punks da Nonoai" e circulava com o pessoal que, anos mais tarde, formaria a TSF (Tijolo de Seis Furos), banda que se tornou um ícone do underground santa-mariense. Max da GDE foi um amigo que me apresentou o underground de Santa Maria, alguns shows e festas no Panaceia fizeram parte dessa história.

Eu estava no centro de um furacão criativo. Ao mesmo tempo em que a saudade da Malu e de Uruguaiana apertava no peito, eu sentia que minha mente estava expandindo. Entre uma manobra na ladeira, um acorde de baixo

e uma rima de rap, eu percebia que o mundo era muito maior do que eu imaginava. Santa Maria estava me transformando, e esse vínculo com a "Cidade Cultura" seria um fio condutor que eu levaria comigo para sempre, em cada música que eu escrevesse e em cada luta que eu decidisse travar.

O Retorno e a Nova Saga: De Uruguaiana à Capital

No início de 1997, após quase dois anos respirando a efervescência de Santa Maria, decidi que era hora de voltar. Eu trazia na mochila muito mais do que telas de silk screen e shapes gastos; eu trazia a consciência de classe e a sede de estudar que o convívio com o DCE tinha despertado. Voltei para Uruguaiana com uma missão clara: retomar o que eu tinha abandonado nos anos de rebeldia.

Encarei o supletivo e, finalmente, fechei a conta com o Ensino Médio. A meta agora era maior. Junto com o meu irmão do skate Guto, comecei a desenhar um plano audacioso: partir para Porto Alegre. O objetivo era o vestibular para Comunicação — Jornalismo ou Publicidade e Propaganda. Eu queria usar a palavra e a imagem, as ferramentas que eu tinha descoberto nos livros de Marilena Chauí, para atuar no mundo.

Mas, antes da partida para a capital, a vida me apresentou a Simone. Se a Mônica tinha sido o meu porto seguro contra a morte em 1992, a Simone chegou em 1997 para ser a parceira de uma jornada de construção. Começamos a namorar e, mal sabíamos nós, que ficaríamos juntos pelos próximos treze anos. Seriam treze anos de uma saga intensa, que veria o nascimento da nossa Yasmin e a construção de uma vida profissional que eu jamais imaginaria.

A Simone foi a mulher que esteve ao meu lado quando a teoria dos livros de Santa Maria virou a prática dura da vida. Com ela, vivi a experiência de ter loja de roupas, o sucesso das formaturas e, mais tarde, o apoio para que ela também se tornasse professora de Letras.

Mas o destino é um moinho. O que começou com planos de faculdade e publicidade em Porto Alegre em 1998, acabaria me levando para um lugar onde a liberdade é apenas um conceito nos livros de filosofia: o sistema penal. Simone seria a testemunha e a companheira da minha fase mais obscura e desafiadora, segurando a mão de um homem que tentava ser acadêmico, mas que ainda tinha contas a acertar com o sistema.

Porto Alegre: Entre a Praça da Matriz, o Palco e o Balcão

Em 1998, Porto Alegre me recebeu com a promessa de novos horizontes. Eu cheguei na capital com o pacto selado com a Simone: eu iria na frente, e ela, que tinha apenas 14 anos na época — um amor proibido e intenso que desafiava as convenções —, viria dois anos depois, após concluir seus estudos. Se a Mônica foi o meu primeiro despertar, a Simone foi o amor que me atravessou a alma, aquele que a gente acredita que só existe nos livros.

Instalei-me no Edifício Ouvidor, na Rua dos Andradas, dividindo o teto com o meu mano Guto. O Centro Histórico era o meu quintal. Ali, tornamo-nos precursores do skate na Praça da Matriz, desbravando o granito daquele lugar icônico antes mesmo de virar febre nos anos 2000. Mas Porto Alegre não me deu apenas o asfalto; deu-me o palco.

A efervescência da Osvaldo Aranha me trouxe. Fui convidado para tocar baixo na banda Revanche e, logo em seguida, assumi as baquetas da bateria n'Os Resinados, um projeto que unia a força da galera Black com a guitarra do Felipe. Eu vivia a música, o skate e a cultura underground com uma intensidade que só a juventude permite.

No campo acadêmico, a realidade era mais dura. Sem a estrutura de cursinhos ou programas como o Enem e o SisU, encarei o vestibular da UFRGS com a coragem de quem leu muito em Santa Maria, mas sem a técnica necessária para vencer a concorrência da elite. Não passei, mas não parei. A sobrevivência falava mais alto.

Migrei do silk screen para o atendimento ao público, trabalhando em uma das primeiras lojas AMPM, ali no bairro Farrapos, perto da Voluntários da Pátria. Pela primeira vez, comecei a ganhar dinheiro de verdade. Mudei-me para o bairro Menino Deus, na Rua André Belo, em uma república com o Kleber e o Nicola — o saudoso Nicola, que hoje não está mais entre nós. Ali, entre ensaios d'Os Resinados e o trabalho na loja, eu contava os dias para as férias, quando a Simone cruzava o Rio Grande para me encontrar.

Eu estava no centro da cultura gaúcha, ganhando meu espaço, fazendo música e trabalhando duro. Mas, em 2001, o vento mudou de direção. O ciclo em Porto Alegre se encerrava e o caminho de volta para Uruguaiana me chamava, trazendo comigo a Simone e o início de uma nova e perigosa etapa que testaria todos os meus limites.

A Bagagem da Capital e o Banco da PUC: O Renascimento em Uruguaiana

Em Porto Alegre, a droga nunca tinha sumido, mas tinha mudado de face. No círculo social da Osvaldo Aranha, entre o Hip Hop, o Punk e o Hardcore, a maconha era quase uma instituição, algo tão naturalizado que parecia

estarmos na Holanda. Eu vivia naquela nuvem cultural, mas o cansaço da correria da capital começou a pesar. Em 2001, decidi que era hora de voltar para casa. Eu não tinha grandes pretensões, mas Uruguaiana logo se encarregaria de me dar um novo propósito.

Ao pisar novamente na fronteira em 2002, ativei o que Porto Alegre tinha me ensinado. Fundei a banda 100 Neurônios. Era um projeto de atitude, um mix explosivo de Punk, Hardcore, Reggae e Metal. Eu trazia a experiência de ter convivido com a nata dos artistas da capital e despejei tudo isso na cena local. Comecei no baixo, mas logo migrei para as baquetas, assumindo a bateria e o ritmo de uma banda que se tornaria o divisor de águas dos anos 2000 na cidade.

Para me sustentar, voltei às raízes do asfalto. Fui trabalhar na Manos, a loja de skate do Tio Bira. O destino me colocou para trabalhar com o Jefferson, o Mano, o mesmo parceiro de sessões lá dos anos 80 na baixada da Rua João Manoel. Ali, entre shapes e rolamentos, o meu passado e o meu futuro se encontraram.

Foi nesse balcão que surgiu o estalo definitivo. A PUC-RS, no campus de Uruguaiana, abriu um projeto do governo com bolsas de estudo para licenciaturas. Lembrei na hora daquelas madrugadas na Rua Professor Braga, em Santa Maria, e das vozes que diziam que eu nasci para ser historiador. Inscrevi-me para Filosofia, mas a turma não fechou. O destino, então, me empurrou para a minha segunda opção: História.

Em 2002, eu e a Simone — que agora já estava formada no ensino médio e pronta para a vida adulta — entramos juntos na universidade. Eu cursando História, ela cursando Letras. Éramos o casal improvável da academia: o skatista da banda de Hardcore e a futura professora de Letras, desenhando sonhos de formatura, de morar juntos e de mudar o mundo através do conhecimento.

Eu tinha o protagonismo da banda, o respeito da loja de skate e, agora, uma carteira na universidade. Parecia que, finalmente, a vida estava entrando nos eixos. Eu estava usando a bagagem da capital para construir um império de ideias na fronteira. Mal sabia eu que, justamente quando eu começava a subir os degraus da academia, as sombras do passado e as novas tentações da vida de "artista" em Uruguaiana preparariam uma armadilha que testaria até onde a minha resistência poderia ir.

SEM NEURÔNIOS – A REVOLUÇÃO DO SOM AUTORAL

O ano de 2002 marcou o meu retorno definitivo. Eu trazia na bagagem a poeira da Praça da Matriz, o suor dos shows na Garagem Hermética e no Parque

Harmonia, e a vivência de ter tocado em bandas como a Revanche e Os Resinados na capital. Eu não era mais o mesmo. Se em Porto Alegre eu era o baixista do hardcore e o baterista do rap, em Uruguaiana eu seria o catalisador de algo novo.

Uruguaiana sempre sofreu de um "apartheid" musical. O rock da elite era o rock do cover, da cópia fiel, do protagonismo seguro. Ninguém emprestava instrumento para punk; a marginalização era a regra desde os anos 80. Mas eu cheguei disposto a quebrar esse ciclo.

Fui até o estúdio da icônica banda Come on Baby e coleí um pedaço de papel na porta: "Procuro integrantes. Influências: NOFX, Pennywise, Bad Religion, Satanic Surfers". O Luizinho, dono do estúdio, olhou para aquela lista e foi sincero: "Dessas aí, eu só conheço Ramones". Naquele momento, eu soube: eu estava trazendo o futuro para uma cidade que ainda insistia no ontem.

Assim nasceu a 100 Neurônios. Juntei o Lucius Kueros, o Coreano e o Rafael Bira — a velha guarda do skate — e transformamos o caderno de composições que eu carregava desde Porto Alegre em barulho real. Eu assumi as baquetas, trazendo a pegada pesada que desenvolvi nos anos 90.

Nós não queríamos ser o "espelho" de ninguém. Diferente das bandas de classe média que faziam punk, mas mantinham o respeito social, a 100 Neurônios era visceral. Nossas letras eram as minhas vivências, o meu anarquismo, o meu olhar de quem já tinha passado pela sanga, pelo Bunker e pelo asfalto da capital andando de skate.

O divisor de águas foi esse: o protagonismo do autoral. Nós mostramos que era possível ter voz própria na fronteira. Enquanto os outros tocavam o que o público queria ouvir, nós tocávamos o que a gente precisava dizer. A 100 Neurônios não era apenas uma banda; era a continuação do skate por outros meios. Era o grito de quem não pedia licença para existir e que, finalmente, estava de volta para casa para sacudir as estruturas de Uruguaiana.

DO ARROZAL AO HARDCORE: A GÊNESE DA 100 NEURÔNIOS

Para muitos, o rock era um hobby de fim de semana; para mim, era uma conquista de sobrevivência. Quando voltei para Uruguaiana, no início de 2002, fui trabalhar na lavoura de arroz com o Zago, outra lenda do skate local. Enquanto ele e os irmãos operavam os tratores, eu ficava na lida bruta: cortando e abrindo sacos de semente e adubo sob o sol escaldante da fronteira. Cada centavo ganho naquela safra tinha um destino sagrado.

Foi com o suor desse trabalho pesado que eu montei o meu "set" de ataque. Comprei uma guitarra Jennifer e, para garantir que o som teria a alma do que eu vivi em Porto Alegre e Santa Maria, adquiri um cubo Fender e um pedal

DOD importado. O contraste era a minha cara: a simplicidade da Jennifer casada com a potência lendária do Fender e a distorção precisa do DOD. Meu som não vinha de herança; vinha do barro, do esforço físico e da determinação de tirar o meu silêncio daquelas cordas.

Naquela época, eu ainda transitava entre dois mundos. Primeiro, aventurei-me na guitarra com a VDR (Visão da Realidade), ao lado do Feijão, do Padeiro e do Sádico. Eles eram a elite do street punk de Uruguaiiana, caras que usavam moicanos e piercings, enfrentando a discriminação feroz da cidade. Embora eu fosse mais velho e uma influência para eles, eu trazia a estética do skate da Califórnia, enquanto eles carregavam a fúria das ruas.

Mas o meu foco era a 100 Neurônios. Os primeiros ensaios aconteceram na raça, primeiro na casa do Coreano e depois na do Lúcio Cueiro. O início foi uma "dança de cadeiras" até encontrarmos a química que desbravaria a fronteira. A formação que realmente consolidou o nosso protagonismo autoral contava com um "dream team" do underground: Rafael Bira na guitarra, o Mano Ornai na bateria, e uma linha de frente poderosa com Coreano e Lúcio dividindo os vocais. No baixo, o Duga (Douglas) segurava a cozinha com precisão.

E havia o elemento que dava o toque final de impacto: o Sargento Vladimir na outra guitarra. Ali estava o paradoxo perfeito que definia a nossa banda: um sargento da ativa dividindo o palco com skatistas e anarquistas, unidos pelo peso do hardcore, metal, punk e hip-hop. Com a Jennifer plugada no Fender, as composições que eu trouxe na bagagem ganharam vida, e Uruguaiiana finalmente conheceu um rock que não pedia licença nem fazia cover: era a nossa realidade, distorcida e autêntica.

O MIX REVOLUCIONÁRIO: A IDENTIDADE 100 NEURÔNIOS

Eu não voltei para Uruguaiiana para perder tempo com indecisões. Eu conhecia o ser humano e sabia que, se eu esperasse a banda entrar em consenso, nós nunca sairíamos da garagem. Por isso, cheguei com o nome no bolso e o caderno de composições debaixo do braço. O nome 100 Neurônios era o nosso sarcasmo, mas o que saía das caixas de som era puro intelecto e vivência de rua.

Nossa sonoridade era um mix de todas as escolas por onde passei. Diferente das bandas locais que se prendiam a um gênero só, a 100 Neurônios era um organismo vivo. Influenciados pela pegada em português do Dead Fish, nós fazíamos um laboratório rítmico:

Tínhamos o Metal com Ska em "Provinciano";

O Reggae em "Queimando";

E o Rap visceral em "Máquina de Espantar", uma letra que nascia da nossa pele, relatando a violência policial que a gente sofria nas ruas.

Essa riqueza vinha da minha "pós-graduação" nas ruas de Porto Alegre. Morando no Edifício Ouvidor, na Rua dos Andradas, eu mergulhei na efervescência da Osvaldo Aranha e nas oficinas da Casa de Cultura Mario Quintana. Ali, aprendi a cultura Hip Hop de fato, bebendo da fonte de mestres como Nelson Triunfo e Thaíde, e vendo o grafite ganhar vida com os Gêmeos.

Quando juntei essa bagagem com o virtuosismo do Sargento Vladimir, o choque foi elétrico. Ele, um expert da guitarra que amava Rap Metal, mas ainda não conhecia o Hardcore, se apaixonou pela nossa velocidade. O resultado foi explosivo.

Nossa estreia em lugares como a Toca do Lagarto era um evento sociológico. Tocávamos no meio de bandas comerciais que faziam covers perfeitos e "limpinhos". Quando a gente subia no palco com a nossa energia real, verdadeira e caótica, o público ficava deslumbrado. Era algo novo, autoral, que falava a língua da fronteira com o sotaque das metrópoles. A partir dali a 100 Neurônios deixou de ser apenas uma banda para se tornar um protagonismo cultural. Nós não estávamos apenas tocando; estávamos ocupando Uruguaiana.

O ANO EM QUE A FRONTEIRA ESTREMECEU

O ano de 2002 foi o meu Big Bang pessoal. De um lado, eu entrava nos portões da PUC-RS para cursar História. Aquelas leituras foram um baque; elas deram nome aos meus demônios. Eu finalmente entendia as estruturas de poder que me cercavam. De outro lado, esse conhecimento acadêmico escorria direto para as letras da 100 Neurônios, tornando-as potentes como granadas.

Quando eu cantava "Provinciano", eu estava dissecando a Uruguaiana que oprime e divide. Em "Máquina de Espancar", eu denunciava o aparato repressivo que humilhava a nossa pele nas esquinas. Em "Meu Brasil com Z", eu escancarava a nossa realidade distorcida. E quando tocávamos "Skate old School", o show vinha abaixo. Aquilo era o hino da nossa irmandade, a trilha sonora da velha guarda e da nova geração que descobria o asfalto.

O diferencial era a nossa energia vital. Enquanto as bandas locais eram mórbidas, estáticas, meras reprodutoras de sucessos alheios, a 100 Neurônios era um terremoto visual. Estávamos ali com nossas roupas de skate, pretas, carregadas de atitude, pulando e agitando. Nós não estávamos apenas no palco; nós estávamos possuídos pela verdade do que tocávamos.

O divisor de águas definitivo veio com o projeto "Canto em Cada Canto". Lembro-me como se fosse hoje: o show na União das Vilas. Mais de 10 mil pessoas. O palco foi tomado por pagode, sertanejo e pop rock comercial. Mas quando a 100 Neurônios subiu — eu na bateria e fazendo a segunda voz para o Coreano e o Lúcio, Vladimir na guitarra, — a vila veio abaixo. Foi ali que senti a missão cumprida. Ali, o povo da periferia se reconheceu na nossa distorção.

Como bem escreveu anos mais tarde o professor Carlinhos (Coalhada), a 100 Neurônios foi o marco que fez cada adolescente de Uruguaiana sonhar em ter uma banda. Nós mostramos que era possível ser artista na fronteira sem vender a alma para o cover. Éramos o reflexo de uma cena nacional que fervia com Dead Fish e o Hangar 110, mas com o tempero amargo e resistente da nossa própria terra.

Eu não era mais apenas o Luciano da General Vitorino. Eu era o líder de um movimento que provava que a educação e a arte, juntas, são a arma mais poderosa contra a morbidez de uma sociedade provinciana.

Rompendo a Estatística: O Primeiro Diploma da Linhagem

Olhar para trás e me ver sentado nos bancos da PUC era algo surreal. Eu estava ali, mas não estava sozinho; carregava comigo a história da minha avó, da minha mãe e das minhas tias. Na minha família, o teto sempre foi o ensino fundamental incompleto. A sobrevivência imediata sempre atropelou o sonho do estudo. Eu era o primeiro da minha linhagem a desafiar as estatísticas, o menino que cresceu entre os trilhos e a sanga, agora lendo os clássicos e discutindo a estrutura do mundo.

Mas o caminho até a formatura foi pavimentado com dificuldades. No meio do curso, a loja Manos faliu. O Tio Bira, que sempre foi um entusiasta do meu crescimento e um precursor do skate em Uruguaiana ao lado do meu irmão Anderson "Frozo", não tinha como me pagar. Sem salário, as mensalidades da PUC começaram a acumular como uma montanha intransponível.

Foi nesse momento de desespero que a rede de afeto familiar me sustentou. Minha tia e madrinha, Fani, usou suas economias para segurar as pontas das minhas mensalidades. No último semestre, um seguro estudantil que assinei no início do curso foi o que garantiu que eu pudesse, finalmente, colar o grau.

Muitas pessoas me diziam: "Coloca o Tio Bira na justiça! Processa a loja!". Mas eu trazia comigo os ensinamentos da minha avó e a ética da rua. Eu não conseguia apontar o dedo para o homem que me abriu as portas e que me incentivou a entrar na faculdade. Eu sabia que a crise da loja não era má

vontade, era o mercado. Mantive a lealdade e o respeito, e anos depois, já formado, ele honrou cada centavo comigo.

Essa jornada acadêmica foi dolorosa, mas foi o que me permitiu entender que o meu sucesso não era individual; era a vitória de uma classe e de uma família. Eu estava me tornando um intelectual, mas sem nunca perder a humildade e a gratidão por quem me deu a mão quando o chão faltou. Com o diploma na mão e a mente fervendo de ideias críticas, eu estava pronto para ser o professor que Uruguaiana nunca teve. Mas, como todo historiador que mexe em feridas abertas, eu estava prestes a descobrir que o sistema tem formas brutais de tentar silenciar quem aprendeu a ler a realidade além das aparências.

A Formatura de Gabinete: O Diploma como Insurreição

Enquanto meus colegas de turma planejavam festas luxuosas, escolhiam músicas para a entrada triunfal e investiam pequenas fortunas em quadros e vídeos, eu vivia uma realidade paralela. No dia da minha formatura, não houve holofotes. Devido às mensalidades atrasadas e à falta de recursos, formei-me em gabinete. Um ato simples, burocrático e silencioso, que escondia a grandeza de uma vitória épica: eu era o primeiro da minha linhagem a segurar aquele canudo.

As pessoas que me veem hoje, o Professor, o Historiador, o Filósofo, não imaginam o rastro de sangue e suor deixado pelo caminho. Eu não tive o luxo da celebração, mas tive o luxo da integridade.

O meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não foi uma pesquisa comum; foi uma prestação de contas com o meu passado. Recusei-me a escrever sobre os vencedores, sobre a elite latifundiária ou sobre os coronéis que dão nome às ruas de Uruguaiana. Minha bagagem — o Punk, o Skate, o Anarquismo e as noites de debate no DCE de Santa Maria — não permitiria tal traição.

Decidi escancarar as vísceras de Uruguaiana: A Violação dos Direitos Humanos: Um Estudo de Caso. O alvo era o aparato repressivo do Estado. Durante toda a minha vida, o skate me colocou na mira da Brigada Militar. Eu e meu amigo Jerson Jason éramos alvos frequentes: o tapa no rosto, o chute nas pernas, o enquadro humilhante na frente de todos. Vivíamos sob o terror de uma polícia que, eu sabia bem, existia para proteger o patrimônio dos ricos e moer o corpo dos pobres e dos "diferentes".

Escolhi investigar o "Caso Michael Jackson", de 1995. Um episódio de barbárie onde policiais militares executaram cidadãos de forma brutal. Em 2005, dez anos depois do massacre, o silêncio era absoluto; nenhum indiciamento, nenhuma punição, apenas o esquecimento conveniente da elite.

Levar esse tema para dentro da PUC, uma instituição tradicional, foi como detonar uma bomba no meio de um jantar de gala. Eu estava ali, um sobrevivente da periferia, usando o rigor acadêmico para provar o que a história e as estatísticas gritam: que o sistema penal e policial é uma máquina de triturar gente como eu. Eu não estava apenas me formando; eu estava declarando guerra a um sistema que tentou me calar a vida inteira. E foi esse TCC, esse desejo de justiça impresso em papel A4, que colocou o meu nome definitivamente na lista negra daqueles que não aceitam ser questionados.

Entre o Luto e a Cátedra: O Milagre da Resistência

O ano de 2004 foi um campo de batalha emocional. Enquanto eu subia os degraus finais da academia, a vida me impunha o teste mais cruel de todos. A Simone engravidou do nosso primeiro filho, Yuri, mas a alegria durou pouco. Yuri nasceu com uma doença genética rara que impedia o funcionamento dos seus rins. Vivemos dias de agonia pura. Fomos para o Hospital de Clínicas em Porto Alegre, tentamos o impossível, cogitamos transplantes, mas, após 15 dias de luta, o Yuri partiu.

Ali, naquele quarto de hospital, eu vi a Simone ser batizada pela dor que eu já conhecia tão bem. Os médicos, com a frieza das estatísticas, sentenciaram: "Vocês nunca mais poderão ter filhos por causa dessa questão genética". Aquela frase ecoou como um veredito de morte, mas o destino, como eu descobriria em 2006 com a chegada da Yasmin, adora contrariar a ciência.

Em meio a esse luto, a minha vida profissional deu um salto surreal. Meu professor de filosofia na PUC, um homem com doutorado, recebeu um convite para lecionar no tradicional Instituto Laura Vicunha, da rede Salesiana. Para a surpresa de todos, ele recusou e me indicou: "Eu tenho um aluno que está acima da média, ele é o cara para essa vaga".

Em 2004, eu entrei no Instituto Laura Vicunha. Imagine o cenário: um colégio de freiras, ortodoxo, tradicionalista, e eu — o professor de filosofia tatuado, skatista, punk, com a mente fervendo de anarquismo e sociologia crítica. Eu era um "corpo estranho" naquele sistema.

Para os alunos, eu fui uma explosão. Eles nunca tinham visto nada parecido; eu falava a língua deles, trazia a realidade das ruas para dentro da sala de aula. Até hoje, esses ex-alunos me param na rua, me abraçam e lembram daquelas aulas que mudaram suas vidas. Mas para a direção, para as freiras, eu era um problema. Eu era o professor que não se encaixava no padrão, que questionava o status quo dentro de uma instituição secular.

Eu vivia em dois mundos: de manhã, eu sentia o peso da perda do Yuri e a sentença de infertilidade; à tarde, eu era o ídolo de uma geração de

adolescentes que viam em mim uma esperança de liberdade. Eu estava no auge da minha capacidade intelectual, ocupando um espaço que a sociedade dizia que não era para mim. Mas o brilho do meu sucesso no Laura Vicunha e a contundência do meu TCC sobre a violência estatal estavam criando uma tempestade perfeita. Eu estava ficando "visível" demais para um homem com as minhas convicções em uma cidade como Uruguaiana.

O PÁTIO COMO SALA DE AULA: O LEGADO DE 2004

Enquanto a maioria dos professores aproveitava o intervalo para se refugiar na sala dos mestres e reclamar do comportamento dos alunos, eu seguia um ritual diferente. Enchia minha xícara de café e partia para o saguão, para o pátio, para o meio do turbilhão. Ali, eu não era apenas o professor; eu era um enigma que eles queriam decifrar.

A curiosidade da gurizada era insaciável. Eles me cercavam para perguntar sobre as tatuagens, sobre a cultura do skate, sobre como era ter uma banda. Eu percebia que, naquele contato informal, eu estava quebrando barreiras que o quadro negro jamais alcançaria. Eu era o elo entre o mundo acadêmico e a vida real, a prova viva de que era possível ser um intelectual e um homem das ruas ao mesmo tempo.

O impacto dessa convivência em 2004 e 2005 germinou em frutos incríveis. daquelas turmas do Instituto Laura Vicunha, saiu a banda Paper Five, que mais tarde ganharia o Brasil como a Banda Tri, brilhando em palcos nacionais e na Rede Globo. Ver ex-alunos meus trilhando caminhos de sucesso na música, na arte e na comunicação é a confirmação de que a semente da liberdade foi bem plantada.

Hoje, mais de duas décadas depois, colho os abraços emocionados por onde passo. Encontro mulheres tatuadas e independentes que hoje brilham na moda, no jornalismo, no marketing e no design; encontro médicos, engenheiros e acadêmicos que ainda guardam na memória as provocações filosóficas que lancei naquele colégio de freiras. Muitos me dizem que fui o divisor de águas na formação deles, o "elo" que os permitiu enxergar a vida por uma lente mais crítica e autêntica.

Eu posso ter sido vigiado pela Irmã Zenilda, mas fui libertado pelo carinho e pela evolução desses jovens. No Laura Vicunha, a filosofia não estava apenas nos livros de 2004; ela estava nas conversas de pátio, no cheiro do café e na coragem de ser, diante de uma instituição secular, o mestre que ensinou uma geração a pensar por conta própria.

O Rebelde na Rede Salesiana: Tatuagens, Skate e Resistência

Minha entrada no Instituto Laura Vicunha foi um choque térmico cultural. Para os alunos, eu era um evento fenomenal; para a estrutura conservadora, eu era uma ameaça constante. Enquanto a Irmã Jacinta, com sua visão mais aberta vinda de Curitiba, me dava o suporte necessário para estar ali, a Irmã Zenilda representava o braço ortodoxo da vigilância. Ela chegava a ficar atrás da porta das salas de aula, tentando capturar em minhas palavras algum rastro de subversão.

O problema não era apenas o que eu ensinava, mas o que eu era. Eu me recusava a me fechar na sala dos professores para ouvir o coro de reclamações sobre os alunos. Minha xícara de café e eu tínhamos um destino certo: o pátio. Ali, entre um intervalo e outro, o currículo de filosofia ganhava vida. Os jovens queriam saber do skate, da música, das tatuagens e da vida real. Eu não estava apenas lecionando; eu estava quebrando paradigmas.

Levei o asfalto para dentro do mármore: organizei um campeonato de skate dentro do colégio. Mais do que isso, incentivei a arte. Foi sob minha influência que surgiu a banda Paper Five, que anos mais tarde, já como Banda Tri, chegaria ao palco da Rede Globo. Eu via naqueles jovens o que ninguém queria ver: potencial criativo puro, desde que não fossem sufocados por regras obsoletas.

Mas o sistema tem suas garras. No final de 2004, a "educação como mercadoria" mostrou sua face mais feia. Recebi ordens para aprovar alunos que já estavam retidos, inclusive em outras disciplinas. O lucro da mensalidade valia mais que o mérito acadêmico. A Irmã Zenilda tentou o terrorismo psicológico, ameaçando-me com processos judiciais movidos pelos pais influentes. Com os olhos marejados, mas a espinha ereta, eu não cedi. Minha ética de historiador e meu caráter forjado na rua não estavam à venda.

Em 2005, decidi não renovar. Saí do Laura Vicunha com o bolso vazio, mas com a alma cheia. O maior salário eu recebo até hoje, quando encontro um ex-aluno na rua que me abraça e diz: "O senhor fez a diferença no meu futuro". Eu fui o professor que Uruguaiana não esperava, mas que aquela geração precisava. Eu saía da escola, mas entrava definitivamente para a história pessoal daqueles jovens. Mal sabia eu que, ao fechar os portões da escola de freiras, eu estava prestes a abrir as portas de um inferno que testaria se toda aquela filosofia que eu ensinava se sustentaria na prática.

Atitude: O Pico das Tribos e o Aval do Patriarca

Depois de sair do Laura Vicunha, eu e a Simone tomamos uma decisão audaciosa. Olhamos para Uruguaiana e vimos um deserto: não havia onde colocar um piercing de qualidade, não havia onde comprar as camisetas das bandas de Hardcore Melódico e Emo-core que estavam explodindo, como Bad Religion, The Used, CPM 22 e Offspring. Decidimos, então, criar o nosso próprio espaço.

Com o apoio da Dona Eva, que acreditou em nós e buscou o recurso no Banrisul, partimos para São Paulo. Na Galeria do Rock, a Simone se profissionalizou como body Pierce no lendário Jack Tattoo. Enquanto isso, eu usava minha rede de contatos de anos de estrada para fechar com marcas que ninguém na fronteira tinha. Eu não era apenas um lojista; eu era um curador de cultura urbana. Mad Rats, Psico-Street, Serial Killer, Sick Mind, Supercharger, Diablo, Cherry Grrrl, Trauma decks, Estrondo HC, Stamp Rock Wear, Vans, Doce, Blunt, La Plata eram marcas que não tinham no Sul, você só encontrava na Atitude.

Abrimos a Atitude: O Pico das Tribos Urbanas em uma pecinha pequena no escritório do meu sogro, o Seu Silvio. E aqui preciso abrir um parêntese para o homem que foi meu maior mentor. O Seu Silvio, um homem negro que venceu a pobreza extrema do campo para se formar engenheiro e contabilista em Santa Maria, tornou-se meu grande amigo. Nossos churrascos eram rituais de aprendizado; ele me deu o toque final na técnica da carne e, acima de tudo, na técnica da vida. Ele nos deu um aviso: "Se suportarem cinco anos, será um sucesso".

Ele errou o tempo. Em apenas três meses, a "pecinha" no escritório ficou pequena demais. O salto foi astronômico.

A Loja Atitude virou um fenômeno. Eu unifiquei o Metal, o Punk, hardcore, o Hip Hop e o Skate sob o mesmo teto. Como eu era o vocalista, compositor e baterista da 100 Neurônios, a banda era o nosso marketing vivo. O público já existia, só precisava de um lugar para se encontrar. Eu viajava para São Paulo e Buenos Aires, trazendo o que havia de mais novo. Eu era o gerente de compras, o estrategista e o rosto de um movimento que estava mudando a cara dos jovens de Uruguaiana.

Em 2005, eu estava no topo: formado, dono de um negócio próspero, morando com a mulher que amava e respeitado pelo meu sogro. A Simone estava prestes a se tornar professora. Éramos o retrato do sucesso que veio da lama. Mas, como o Seu Silvio bem sabia, o sucesso rápido de um homem negro e contestador em uma cidade conservadora atrai olhares que não buscam apenas comprar uma camiseta de banda. A visibilidade da Atitude e a minha

postura crítica nos palcos e na universidade estavam incomodando as sombras da fronteira.

O Alvo na Vitrine: Ativismo e Perseguição

Em 2008, o cenário político em Uruguaiana e no Rio Grande do Sul endureceu. Com a eleição de Sanchotene Felice na prefeitura e o governo de Yeda Crusius no estado, ambos do PSDB, instalou-se um clima de conservadorismo punitivista. Eu estava exatamente no centro do alvo.

Eu morava no centro, trabalhava no centro e circulava pela cidade como uma figura impossível de ignorar. Eu era o Historiador que denunciava a violência policial no TCC; o músico que gritava contra o sistema no palco; o empresário que vestia a juventude com roupas de protesto; e o pai de família que mantinha o pé no asfalto do skate. Mas, para o aparato repressivo, eu era resumido a uma única etiqueta: "o maconheiro".

O fato de eu fumar maconha abertamente, dentro de um círculo social que via isso com naturalidade, foi a brecha que o sistema precisava. Eles não podiam me prender por ser inteligente, nem por ter uma loja de sucesso, muito menos por ser um historiador crítico. Então, passaram a usar o meu consumo como a ferramenta de desestabilização.

O trajeto da minha casa até a Loja Atitude tornou-se uma zona de guerra psicológica. Eu sentia os olhares. Os enquadro da Brigada Militar, que já faziam parte da minha vida desde os tempos da Rua João Manoel, agora tinham um componente novo: a tentativa de criminalizar o meu estilo de vida para invalidar a minha voz política.

Para a elite local e para o governo conservador da época, um homem negro, tatuado e intelectualmente superior incomodava mais do que qualquer bandido comum. Eu estava "na vitrine". Cada baseado aceso era vigiado, cada conversa no pátio da loja era monitorada. O sistema estava esperando o menor deslize para transformar o "Professor Or Dai" em um exemplo do que acontece com quem ousa desafiar a ordem estabelecida na fronteira. A liberdade que eu tanto pregava nas aulas de filosofia estava prestes a ser testada entre grades de ferro.

Yasmin e a Fortaleza de Grafite: O Ápice da Atitude

O ano de 2006 chegou com o maior milagre que a ciência tentou nos negar. Contrariando todos os diagnósticos e estatísticas genéticas, nasceu a Yasmin. Uma criança linda, forte e saudável. Para a Simone, foi a cura de uma ferida que parecia eterna; para mim, foi a confirmação de que o destino ainda tinha planos grandiosos para nós. A chegada dela transbordou a casa do Seu Silvio e da Dona Eva de uma alegria que há muito não se via.

Embalado por essa onda de renovação, decidi que a Atitude precisava de um corpo que correspondesse à sua alma. Saímos da pequena peça na 14 de julho e fincamos bandeira no coração da cidade: na Rua Tiradentes, próximo às minhas raízes, onde cresci ouvindo as histórias da tia Fani e da minha mãe.

Eu não queria uma loja comum. Eu queria um manifesto visual. Pinte a fachada toda de preto absoluto e cubri os fundos com um grafite laranja vibrante, cheio de desenhos que gritavam a cultura urbana. Era algo surreal para a Uruguaiana daquela época; quem passava pela calçada não conseguia ignorar. A loja era magnética.

Para completar o time, convidei o Jorge — que hoje é um barbeiro de renome, mas na época experimentava as agulhas da tatuagem — para trabalhar conosco como freelancer. A Atitude se transformou em um polo: ali se colocava piercing, se planejava a próxima tatuagem, se comprava o shape de skate e se discutia música.

Eu já não era apenas o proprietário; eu tinha me tornado um produtor cultural. Comecei a fomentar eventos de rock e campeonatos de skate, conectando a juventude da fronteira com o que eu via nas minhas viagens constantes para a Galeria do Rock em São Paulo. Eu trazia as tendências, as marcas e, principalmente, a atitude.

Nesse período, eu era o "Prefeito do Underground". Tinha uma filha maravilhosa, uma esposa que era minha sócia e parceira, um sogro que era meu mentor e uma empresa que era o "Pico das Tribos". Eu estava surfando a crista da onda, mostrando que um homem que veio da sanga, tatuado e punk, podia ser um empresário de sucesso e um intelectual respeitado. Mas, como em toda grande história, o excesso de brilho atrai a sombra. No centro da cidade, com uma loja grafitada e uma banda de protesto, eu estava "na vitrine" para o sistema — e o sistema estava apenas esperando o momento certo para tentar quebrar a minha engrenagem.

O Embate das Pistas e o "Lambe-Lambe": O Confronto com o Fascismo

Em 2008, a política em Uruguaiana ganhou contornos de ditadura. O prefeito Sancho Felice, com seu estilo autoritário, tentava centralizar uma emenda

parlamentar federal. O recurso previa quatro pistas de skate nos bairros periféricos — onde o esporte cumpre sua função social mais nobre — mas ele queria tudo no Parcão, para os olhos da elite.

Eu, como secretário da ASU (Associação dos Skatistas de Uruguaiana), confrontei. Defendi que a pista deveria ser na Pracinha Argentina, um local democrático que contemplaria o Street, o Vertical e o Longboard. Mas o sistema jogou baixo: cooptaram skatistas dissidentes, atraindo-os para o lado do PSDB e do vereador Rafael Alves. A divisão estava plantada. O skate, que sempre foi união, agora era usado como moeda de troca política.

Eu não fiquei calado. Usei minha bagagem de ativista e comecei a espalhar cartazes "lambe-lambe" pela cidade com uma frase que queimava como fogo: "Na Alemanha tivemos o Nazismo, na Itália o Fascismo, em Uruguaiana o Sanchotenismo".

Enquanto eu colava cartazes e escrevia sobre a violência policial no meu TCC, Felice montava o seu "tribunal de exceção". Ele trouxe para a cidade peças-chave que formariam o nó górdio contra mim: o delegado Jader na Polícia Civil, Marcelo Kihara no DEFREC, a juíza Cristina Lohrman e a promotora Daniele. Para completar o cerco, um Coronel da Brigada Militar com histórico polêmico em Porto Alegre assumiu o comando.

Eu era um professor de filosofia, historiador, dono de uma loja de underground e músico. Eu tinha a teoria de Marx e a prática do punk. Mas eu estava enfrentando uma máquina que unia o Executivo, o Judiciário e a Polícia. Eu tinha me tornado o inimigo número um do "Sanchotenismo". Eles não queriam apenas me vencer no debate sobre a pista de skate; eles queriam me apagar. E a ferramenta que usariam para isso não seria o debate de ideias, mas a força bruta de um sistema penal desenhado para encarcerar quem ousa pensar e agir fora do script da elite.

O GATILHO POLÍTICO: A AMEAÇA NAS URNAS E O GOLPE DE CENA

O cerco contra mim se fechou definitivamente quando a minha influência deixou de ser apenas cultural e passou a ser eleitoral. Entre 2008 e 2009, o PSOL chegou a Uruguaiana e a liderança do partido me procurou com uma proposta clara. Eles viam em mim — o historiador, o formador de opinião, o "diplomata libertário" que circulava entre punks, skatistas e acadêmicos — o nome perfeito para oxigenar a política local.

A estratégia era ousada: eu deveria concorrer primeiro a Deputado Estadual. O objetivo não era necessariamente a vitória imediata, mas consolidar meu nome em todo o estado para, na eleição seguinte, entrar com força total na disputa por uma cadeira na Câmara de Vereadores.

Foi nesse momento que os "donos do poder" sentiram o verdadeiro medo. Enquanto eu era apenas o professor anarquista ou o skatista barulhento, eu era um incômodo suportável. Mas o Mano Ordai como um candidato viável, capaz de dar voz institucional à periferia e à juventude, era um perigo que o Sanchotenismo não podia ignorar. Eu tinha o que eles não podiam comprar com verba pública: inspiração e legitimidade.

A reação foi imediata e covarde. Para me tirar de cena, não bastava o debate político — eles precisavam da aniquilação moral. Foi aí que o arquétipo formado por Felice, a juíza, os delegados e a promotoria entraram em ação. Eles traçaram uma estratégia de guerra para me criminalizar antes que eu pudesse me oficializar como representante do povo.

Eles não queriam apenas me prender; eles precisavam destruir o "diplomata libertário" para que sobrasse apenas a imagem do "criminoso" nos jornais. A minha prisão foi a ferramenta encontrada para neutralizar uma candidatura que prometia balançar as estruturas arcaicas de Uruguaiana. Tiraram-me de cena para que o status quo pudesse continuar dormindo tranquilo, sem o risco de ter um anarquista ocupando os espaços de poder que eles julgavam ser apenas deles.

O Bote: A Liberdade Entre Grades e Mentiras

Março de 2010. A Loja Atitude já era um monumento cultural em Uruguaiana, na Rua 15 de Novembro. Eu estava no auge, mas o "PM2" — o serviço de inteligência à paisana — já tinha o meu nome marcado. O agente Elton, movido pela promessa de ascensão política junto ao prefeito, foi o arquiteto da farsa.

O plano foi executado com uma precisão cirúrgica e covarde. Quando a Simone e a Yasmin, então com apenas três anos, cruzaram a porta para ir para casa, a sombra entrou. Eu estava no fundo da loja, cuidando do lixo, esperando o tatuador que vinha da Argentina para atender o Yuri. Pelo espelho estratégico que eu tinha instalado, vi o Elton invadir o meu caixa. Em segundos, a loja virou um campo de guerra.

Uma pistola foi colada na minha testa por um brigadiano fardado. "Cadê o assaltante?", gritavam eles. Uma mentira técnica para justificar a invasão sem mandado. Enquanto eu era rendido no fundo, o Elton "enxertava" a cena. Ele foi direto ao meu frigobar, no meu canto de leitura, onde eu guardava a maconha para o meu consumo pessoal. Ali, ele "plantou" a narrativa que precisavam.

O que se seguiu foi um espetáculo de horrores. O Yuri foi levado para os fundos e espancado sob a ordem de que me confessasse como traficante. Ele resistiu. Na frente da loja, o Coronel Filadelfo Rego tentava transformar a

minha tragédia em um palanque midiático. Ele queria a RBS, queria a Vigilância Sanitária, queria o escândalo. Mas a cidade sabia quem eu era, e as instituições se recusaram a participar daquele circo naquele momento.

O momento mais dilacerante foi ver o Seu Silvío, meu sogro e mentor, chegar e ser empurrado pelos policiais. Ver aquele homem íntegro quase cair ao chão enquanto tentava me defender foi uma facada na alma. Eu estava dentro da viatura, algemado com tanta força que o aço cortava o pulso a cada movimento, ao lado do Yuri, que tinha o rosto em brasa de tanto apanhar.

"A casa caiu!", eles gritavam. A angústia era absoluta, um mix de medo e revolta que me fazia sentir como se estivesse sendo pregado em uma cruz pública. O Coronel, frustrado pela falta de audiência, ordenou: "Fecha essa merda e vamos embora!". As sirenes foram ligadas. Não era um transporte de detidos; era um desfile de troféus. O professor, o historiador, o skatista estava sendo levado para a Polícia Civil para ser transformado, à força, no criminoso que o sistema precisava que eu fosse.

O TROFÉU E A SENTENÇA: A NOITE DE 20 DE MARÇO DE 2010

O dia 20 de março de 2010 foi o dia em que decidiram me tirar de cena. Após destruírem minha loja e fecharem as cortinas para que ninguém visse o que acontecia lá dentro, fui jogado no compartimento traseiro de uma caminhonete S10 da Polícia Civil, junto com o Yuri. Algemados, sentíamos cada solavanco da viatura, enquanto os policiais na cabine riam e faziam festa. Para eles, éramos troféus. O giroflex cortava a noite, iluminando o cenário da nossa humilhação enquanto cruzávamos a cidade até a delegacia.

As algemas, apertadas ao extremo, cortavam meus pulsos, mas a dor física era pequena perto do que estava por vir. Ao chegarmos, fomos separados. Yuri foi levado para o delegado Marcelo Kiara, e eu fui conduzido ao andar superior, para a sala do Delegado Jader. Lá, o policial Helton assumiu o papel de fotógrafo: tirou fotos minhas de todos os ângulos, exibindo-me como uma caça abatida.

Fui jogado em uma cela, obrigado a tirar os cadarços dos tênis, sentindo o peso do isolamento. Quando me tiraram de lá para o depoimento formal, a armadilha foi revelada. Antes de ser encarcerado, eu vi, com meus próprios olhos, a pesagem na balança: 98 gramas. Mas, na hora de assinar o papel, o escrivão leu o número adulterado: 198 gramas.

Eu relutei. O sangue ferveu. Eu sabia que aquela mentira era o prego no meu caixão e gritei que não assinaria aquela farsa. Foi então que o Delegado Marcelo Kiara, do DEFREC, desferiu um golpe violento na mesa e berrou com todo o ódio que guardava:

— Se você não assinar, eu mando prender a sua esposa agora mesmo por associação ao tráfico! Assina essa porra de uma vez!

Olhei para o lado. Através do vidro reflexivo, vi a Simone. Ela estava ali, do outro lado, sem saber que estava sendo usada como moeda de troca. Naquele milésimo de segundo, o rosto da nossa pequena Yasmin me veio à mente. Se nos levassem os dois, com quem ela ficaria?

Acuado, sob tortura psicológica, assinei. Aquela assinatura, arrancada sob coação, foi a minha sentença.

Fiquei naquela cela até as 23:00. O calor de março em Uruguaiana era sufocante, beirando os 40 graus. Quando finalmente me colocaram na viatura para o destino, o relógio marcava 23:30. Eu atravessava os portões da Penitenciária Modulada não como um homem que havia cometido um crime, mas como um prisioneiro político de um sistema que precisou mentir para conseguir me calar.

O asfalto da liberdade tinha ficado para trás; agora, o que me esperava era o concreto quente e o silêncio do cárcere.

A PORTA DO INFERNO E A FARSA DA TRIAGEM

Chegamos à Penitenciária Modulada por volta da meia-noite. Ao passar pelo portão principal, a viatura parou e finalmente tiraram minhas algemas. O agente penitenciário que me recebeu notou as marcas roxas nos meus pulsos e eu apenas confirmei o óbvio: "Foi a algema". Ali, começou o processo de ser despido de quem eu era. Tive que retirar meus alargadores de 22mm; as orelhas vazias eram o primeiro sinal da minha nova identidade de detento.

Momentos antes, em um esforço desesperado, a Simone tinha me entregado uma sacolinha com o básico: material de higiene e um pacote de biscoitos salgados. É bom que o leitor saiba: a "recepção" do sistema não é como nos filmes de Hollywood. Não existe uniforme limpo, travesseiro ou kit de boas-vindas. Se sua família não te socorre com o mínimo, você entra com a roupa do corpo e a dignidade ferida. O sistema não te entrega nada além de paredes frias.

Fui levado para uma sala chamada ironicamente de "Triagem". O nome sugere organização, mas a realidade era um depósito. Fui jogado ali com mais dois: um jovem viciado em crack, preso por furtar um aspirador de pó, e um senhor idoso, vindo do Uruguai, detido por carregar herbicida proibido. O velho quase não falava; o abalo dele era visível, um homem do campo perdido nas engrenagens da lei.

O calor típico de Uruguaiana, aqueles 40 graus sufocantes, tornava o ar irrespirável. Recebi o que chamam de "colchão" — que na verdade era uma esponja rala e curta, onde minhas pernas sobravam para fora. Como os beliches de concreto já estavam ocupadas, estiquei aquela esponja no chão, em direção à porta.

Lá fora, a liberdade; aqui dentro, o caos. Passei a noite sendo devorado por nuvens de mosquitos e observando as baratas que cruzavam o chão de cimento. Minha mente de filósofo e historiador tentava processar o absurdo, mas a ansiedade e o medo eram mais fortes. Não dormi. Entre cochilos breves e sobressaltos, vi as horas passarem lentamente até que a luz do dia 21 de março de 2010 iluminasse a cela. Eu já não era mais o professor Ordai; eu era apenas mais um corpo confinado no calor insuportável da Modulada.

A ENERGIA DO ABISMO: O PESO DO INVISÍVEL

Embora minha formação filosófica me diga que o inferno é um mito inventado pela Igreja para o controle das massas, ao cruzar os portões da Modulada, fui obrigado a confrontar um tipo diferente de inferno: o real. Se existe um lugar no mundo onde o conceito de sofrimento absoluto se materializa, esse lugar é a prisão.

Quando entrei, senti um peso insuportável esmagar minhas costas e minha mente. Não era apenas o cansaço ou o medo; era uma pressão atmosférica, algo denso e inexplicável. A cadeia possui um silêncio que não é de paz, mas de morte. É um frio que não vem do clima, mas da ausência de humanidade.

Senti meu coração apertado, como se uma mão invisível o esmagasse a cada batida. Ali, o que reina é o vazio. É um território onde a dor, o desespero, a angústia e a morte são os únicos governantes. Tudo o que existe de negativo no ser humano parece ser concentrado e amplificado por aquelas paredes de concreto.

Foi por causa dessa carga, desse ambiente onde a esperança parece ser proibida, que o sono se tornou impossível. Como fechar os olhos em um lugar onde cada fresta exala o sofrimento de tantos outros que ali passaram? Eu estava deitado sobre uma esponja rala, mas minha mente estava suspensa em um abismo. Se cheguei a dormir, não foi o descanso de um homem; foi o apagão temporário de uma mente que não aguentava mais processar tamanha negatividade.

A IRONIA TRÁGICA DA HISTÓRIA: DO TCC AO CÁRCERE

A história tem um senso de ironia que beira a crueldade. Em 2005, nos corredores da PUC, defendi meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para me tornar Licenciado em História. O tema? A história da violação dos Direitos Humanos em Uruguaiana. Era um estudo de caso sobre uma ação brutal da Brigada Militar, fundamentado nas teses de Michel Foucault em *Vigiar e Punir*. Eu falava sobre o suplício, sobre o controle dos corpos e sobre como o Estado exerce sua força para disciplinar e punir.

Em 2005, eu era o acadêmico que debruçava sobre processos amarelados para denunciar a violência. Em 2010, por uma ironia perversa do destino, eu me tornava o objeto de estudo. Eu não estava mais lendo Foucault; eu estava sendo vigiado e punido por ele.

Ali, no chão úmido da Modulada, compreendi que a história não é algo que se lê apenas nos livros; é algo que se sente na pele. Eu estava vivendo a materialização exata de tudo o que eu havia teorizado. O sistema, sentindo-se ameaçado por um homem negro que compreendia as engrenagens da luta de classes e do coronelismo fascista da fronteira, resolveu me transformar em estatística.

Aquele que um dia contou a história da violação dos direitos alheios, agora via seus próprios direitos sendo esfaqueados. Fui vítima de uma arquitetura de poder desenhada pelo governo de Uruguaiana, em conluio com o Ministério Público, juízes e as polícias, para provar que, no sul do Brasil, o "panóptico" de Foucault ainda funciona a pleno vapor contra quem ousa levantar a voz.

O enxerto de droga na balança e a coação na delegacia foram as ferramentas usadas para me jogar naquele inferno. O historiador agora era o prisioneiro político, e a minha cela era a prova final da tese que eu havia defendido anos antes: o sistema não quer justiça, ele quer silenciamento.

O ESPETÁCULO DA MÍDIA E O TRIBUNAL DAS RÁDIOS

Em Uruguaiana, no ano de 2010, a imprensa não era um poder independente; era um setor emparelhado ao gabinete do prefeito. Sanchotene Felice havia asfixiado ou fechado qualquer rádio ou jornal que ousasse contrariar seu governo. O que restou foi uma máquina de propaganda pronta para servir ao espetáculo policial montado pelo Delegado Jader e pelo policial Herton.

Eles tinham o hábito cruel e criminoso de estampar o rosto dos presos nas capas dos jornais *Diário da Fronteira* e *Jornal Cidade*, violando qualquer princípio de direitos humanos para alimentar o sadismo da opinião pública. Por alguma razão — talvez por eu ser uma figura conhecida e respeitada em outros círculos, ou por um lapso da edição — minha imagem não foi estampada. A

manchete, porém, buscava o assassinato da minha reputação: "Vendedor de maconha profissional é preso em Uruguaiana".

A ironia era berrante. Eu era o único "traficante" na história da cidade preso sem droga fracionada, sem balança de precisão, sem dinheiro trocado e sem uma única denúncia de venda. Eram 98 gramas inteiras, fruto de um enxerto e de uma armação política, mas para a rádio e para o jornal oficialista, o roteiro já estava escrito.

Enquanto os "donos do poder" comemoravam a retirada de um "perigo" das ruas, a cidade fervilhava. Minha família e minhas filhas sentiam o peso do falatório. Muitos amigos e pessoas que conheciam minha trajetória não acreditavam naquelas linhas impressas; diziam que logo eu estaria em casa, que aquilo não daria em nada por ser uma injustiça gritante.

Mal sabiam eles que, naquele sistema, a verdade era o que menos importava. A intenção não era aplicar a lei, mas tirar de circulação um historiador e filósofo que incomodava o status quo. A sentença já havia sido dada nos microfones das rádios e nas páginas dos jornais, muito antes de qualquer juiz bater o martelo. Eu estava sendo condenado por quem eu era, e não pelo que eu tinha feito. E como se não bastasse a farsa do tráfico, o sistema ainda preparava outra cartada: a acusação de "apologia", uma tentativa desesperada de criminalizar o meu pensamento e o meu estilo de vida.

O SAQUE E O ASSÉDIO: A GUERRA CONTRA OS MEUS

Enquanto eu enfrentava o peso do concreto na Modulada, o inferno aqui fora era terceirizado para a minha família. O Estado não se deu por satisfeito com a minha liberdade; ele avançou sobre o meu lar, sobre os meus bens e sobre a dignidade da Simone e das minhas filhas.

A polícia operou com uma mentalidade de pilhagem, alimentada pela estética de violência do filme *Tropa de Elite*, que estava no auge. Na "operação" dentro da nossa loja, o que se viu foi puro vandalismo: rasgaram sacas com facas, destruíram minha biblioteca e furtaram objetos pessoais. Anos mais tarde, vi o rastro desse crime: fivelas de caveira que pertenciam ao meu estoque brilhando no cinto de brigadianos pelas ruas da cidade. Levaram meu computador e minha tela LCD nova — não para investigação, pois não havia nada ali além de história, mas para apropriação indébita do Estado. Com aquele computador, perdi o registro da minha infância e a cópia original do meu TCC. O Estado condena o ilícito, mas se apropria dos frutos do seu próprio roubo sob o manto da lei.

Para a Simone, a tortura era diária. Ela trabalhava sob a sombra do medo, vendo viaturas passarem devagar em frente à loja, com policiais exibindo

sorrisos sádicos de vitória. O assédio era institucional e pessoal. No supermercado, ela era vigiada e abordada por PMs que faziam bicos de segurança, como o tal Sadi, que tentava se prevalecer da minha ausência para "cercar" uma mulher que ele julgava estar indefesa. Mal sabia ele da força que ela carregava.

Minha filha Malu, em plena adolescência, sentia o golpe da injustiça, mas foi amparada pelo matriarcado que me criou: minha mãe, Montserrat, e minha tia Fani e sua vó materna Dirce e seu vô Toco foram as colunas que impediram que ela desmoronasse.

Enquanto isso, meu círculo de amigos entrava em choque. A notícia cruzou as fronteiras de Uruguaiana. Quem me conhecia de verdade sabia ler as entrelinhas: aquilo era um "cala boca" político. O Mano Ordai, o homem que sempre botou a boca no trombone, estava pagando o preço por nunca ter baixado a cabeça para os donos do poder. A cidade estava dividida entre o espetáculo da mídia e a certeza de quem sabia que, no fundo, o que estava acontecendo era uma perseguição covarde contra um homem livre.

O TOQUE DO DESTINO E O GIRO DE 360 GRAUS

O domingo, 21 de março de 2010, amanheceu com o ritual de desumanização que o sistema impõe. Fui levado para "tocar piano" — sujar os dedos de tinta e carimbar minha identidade de preso no papel. Logo depois, começou a contagem das minhas tatuagens. Era quase cômico: os agentes começaram a enumerar uma a uma, mas quando chegaram na trigésima, desistiram. Riram e apenas anotaram: "inúmeras tatuagens". Ali, eu era um mapa que eles não conseguiam ler.

Mas a história reservava uma ironia das grandes. O vice-diretor da Modulada era o Nero, marido da minha ex-cunhada Amanda. Quando nossos olhos se cruzaram, não houve julgamento, houve reconhecimento. Ele balançou a cabeça com um misto de lamentação e revolta:

— “Bah, a gente já está sabendo o que fizeram contigo. Foi uma patifaria, uma injustiça sem tamanho.”

Ele me perguntou sobre inimizades ou rixas. Eu, que sempre fui do diálogo e do asfalto, neguei qualquer briga. Ele me garantiu que, na segunda-feira, me tiraria da triagem para um lugar "de boa", longe do perigo. Voltei para a cela de triagem, mas desta vez, o destino me queria sozinho. Fui colocado em uma cela isolada.

Foi naquela cela, no silêncio pesado daquele domingo de calor sufocante, que a minha vida deu um giro de 360 graus.

Até ali, eu era o homem da ciência, da história, da filosofia materialista. Mas algo surreal atravessou aquelas grades. Não foi algo que eu li ou que alguém me contou; foi algo que eu presenciei. Uma experiência sobrenatural que alguns chamam de Deus, outros de Jesus, mas que eu chamo de a Presença. Senti algo que a visão humana não alcança, mas que a alma não tem como negar. Foi um choque térmico no meu espírito, uma mudança de frequência que começou a moer o velho Mano Ordai para dar lugar ao homem que eu viria a ser.

Eu estava preso entre paredes de concreto, mas, pela primeira vez em horas, senti que algo em mim estava começando a se libertar. O que aconteceu ali dentro, naquela sala de triagem, é algo que não aceita mentiras. Eu senti. Eu vi. E a partir daquela noite, nada mais seria igual.

O SOM DA GRADE E O MENSAGEIRO DE SANTA MARIA

A tarde de 21 de março de 2010 era um teste de resistência. O calor de 40 graus em Uruguaiana transformava a cela de concreto em um forno. O "risoto" de domingo — que na verdade era um arroz ralo, saturado de ossos de frango para alimentar setecentos homens — chegou, mas eu não tive estômago. Minha fome era de outra coisa, algo que eu ainda não sabia nomear.

Busquei alívio em um banho gelado. Ali não havia chuveiro; as duchas viram moeda de troca no mercado do vício. O que restava era um cano seco e uma garrafa pet de dois litros para direcionar a água. Molhado e ainda sob o efeito do choque, deitei-me na "jega" — o beliche de concreto.

Olhei para o teto e para as paredes. O concreto estava escrito. Eram centenas de testemunhos de dor e esperança: "O Senhor é meu pastor", "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". Aquela cela de triagem era um pergaminho de infortúnios, onde cada homem que passou antes de mim tentou se agarrar ao sobrenatural para não enlouquecer.

Foi então que o silêncio da cela foi rompido por um sussurro que parecia vir de dentro das paredes, ou talvez de dentro de mim: "Jesus te ama".

O som começou baixo, como um sopro, e foi ganhando volume, uma batida rítmica e persistente no meu ouvido. Assustado, desci da jegas e fui até a porta. A voz se intensificou. Encostei o ouvido na chapa fria da porta de ferro e ouvi com uma clareza que arrepiou cada poro do meu corpo: "Jesus te ama".

Gritei para o corredor: "Quem está aí?".

Em minutos, um vulto apareceu na fresta da porta. Era o Jack. Mais uma ironia do destino: ele vinha de Santa Maria, a cidade que havia me moldado anos antes. Jack carregava no corpo as marcas da violência — cicatrizes de

queimaduras da época da FEBEM. Na hierarquia cruel da cadeia, ele era um "Perdigão", o cagueta, alguém marcado para morrer se pisasse nos módulos comuns. Por isso, vivia ali na triagem, sob a proteção dos agentes.

Mas o Jack que estava ali não era um sobrevivente comum. Ele me olhou e disse que sua permanência naquele lugar era uma "missão de Deus" para socorrer quem chegava ao fundo do poço. Enquanto conversávamos, ele se despediu por um momento: "Vou ali orar por um cara que está tentando botar uma corda no pescoço porque caiu na Maria da Penha". Ao fundo, eu ouvia o coro sádico dos outros presos gritando para que o homem se matasse.

Se existe um inferno na terra, é ali que ele se manifesta. Mas, entre os gritos de morte e o calor sufocante, o Jack voltou para a minha porta. E o que ele começou a me dizer através daquela grade de ferro foi o início de uma experiência que a razão não explica, mas que a vida confirma.

O CHÃO QUE FUGIU E O RIO DE LÁGRIMAS

Jack olhou para mim através daquela fresta de ferro e deu a ordem que nenhum livro de filosofia jamais ousou me dar:

— “Dobra teu joelho, Ordai. Pede perdão a Deus. Ele vai falar contigo, porque eu estou sentindo a presença d’Ele aqui, agora. Foi assim que aconteceu comigo. Vou ali terminar de orar pelo outro irmão e já volto.”

Tentei obedecer, mas o meu corpo parecia não responder à gravidade. Antes mesmo que meus joelhos tocassem o concreto áspero daquela cela, algo dentro de mim explodiu. Eu, que na luta pela vida do meu filho Yuri, em Porto Alegre, segurei o choro com um "ovo" atravessado na garganta para ser o pilar da Simone, agora não tinha mais onde me segurar.

As lágrimas não apenas corriam; elas jorravam. Eu desmoronei. Foi um choro soluçante, uma agonia que vinha das entranhas. Ali, entre o calor de 40 graus e o cheiro de cárcere, eu me debati em oração. Não era uma prece decorada de igreja, era um grito de socorro visceral.

— “Perdão, meu Deus! Me tira daqui! Eu nunca fiz o mal, eu só quis ajudar as pessoas, eu amo as minhas filhas, a minha esposa, a minha mãe... Eu não pertenço a esse lugar!”

Eu falava e soluçava ao mesmo tempo, num estado de entrega total. Toda a injustiça da perseguição política, toda a dor de ver minha loja destruída, todo o medo do futuro... tudo aquilo saiu em forma de lágrima. Eu orei com a sinceridade de quem não tem mais nada a perder, apenas a própria alma. Eu estava no ponto mais baixo da minha existência, no pó do chão da triagem.

E foi exatamente nesse estado de nudez espiritual, quando o Jack voltou e parou em frente à cela, que o sobrenatural decidiu se manifestar. O que aconteceu a seguir não foi fruto da minha mente cansada, foi algo que mudou as leis daquela cela.

O BATISMO DE FOGO E O REFRIGÉRIO DA ALMA

Jack voltou à porta. Ele abriu a pequena fresta de ferro — aquela por onde passavam o "risoto" de ossos — e sua voz não era mais a de um detento comum. Era a voz de um profeta do asfalto.

— “O Espírito Santo está aqui dentro desta cela, Ordai. Eu posso sentir. Deus está falando comigo e manda te dizer: a partir de hoje, a tua vida vai mudar. Creia nisso!”

Ele esticou os dedos por entre as frestas. Aproximei minha cabeça raspada e, quando ele encostou na minha testa, a realidade física de Uruguaiana desapareceu. Não foi um calafrio; foi um incêndio. Senti um fogo intenso brotar da planta dos meus pés e subir como uma onda de lava por todo o meu corpo, até atingir o topo da minha cabeça.

Mesmo de olhos fechados, a escuridão da cela deu lugar a um clarão ofuscante. Era uma luz que não vinha de lâmpadas, mas de dentro. Naquele exato instante, o céu de Uruguaiana respondeu. O calor insuportável de 40 graus foi partido ao meio por uma tempestade violenta que desabou sobre a Modulada. A luz geral caiu. O breu tomou conta dos corredores e o som dos geradores cortou o silêncio, enquanto as janelas de ferro batiam furiosamente contra as paredes.

Parecia uma cena de libertação espiritual, como nos filmes em que a luz vence as trevas após uma batalha exaustiva. E eu estava no centro desse furacão. Jack pulava do lado de fora, tomado por um fervor sobrenatural, gritando que Deus estava ali, que Ele ia me curar, me libertar e me dar uma vida nova.

Então, tão rápido quanto o fogo subiu, o ambiente mudou. A chuva lá fora amansou e, dentro da cela, o ar tornou-se glacial. Senti um frescor entrando pelos meus poros, como se cada célula do meu corpo recebesse uma dose de anestésico celestial. Foi um refrigério absoluto. A agonia, o medo e a revolta foram substituídos por uma calma profunda, uma paz que desafiava a lógica daquele lugar.

Parecia que me haviam injetado morfina na alma. Fiquei conversando com Jack, em uma comunhão inexplicável, até às 22h30. Quando me deitei naquela "jega" de concreto, o chão duro parecia o colchão da minha casa. Dormi o sono dos justos, um sono que eu não conhecia há anos. Só acordei na manhã de 22 de março, segunda-feira.

Eu ainda estava atrás das grades, mas o homem que acordou naquela cela não era o mesmo que havia sido preso no sábado. O "velho homem" tinha ficado naquele fogo; o que restava agora era alguém pronto para o que viria a seguir.

O PÁTIO DOS INJUSTIÇADOS E O NOVO OLFATO

A segunda-feira, 22 de março, começou com o cumprimento da promessa. O Nero, vice-diretor, apareceu não apenas com a ordem de transferência, mas com um gesto de humanidade: um saco de frutas, maçãs e bananas, um tesouro naquele deserto de nutrientes. Antes de me levar ao destino, fui colocado no pátio.

Ao pisar ali, o "Mano Ordai" foi reconhecido instantaneamente.

— “Bah, tu não és o skatista? Tu não és o Ordai?”

O pátio era um confessionário de horrores. Quando mencionei o nome do policial Helton, a reação foi em coro. Dois uruguaio, com os olhos carregados de dor, aproximaram-se para contar sua história sinistra. Havia sido abordados por Helton e sua equipe enquanto pescavam na Vila Tarragô — o cenário da minha infância. Por uma pequena quantidade de maconha, sofreram tortura medieval: marteladas nas mãos e na cabeça.

Eles faziam o contraste entre a barbárie do Choque local e a dignidade da Polícia Federal, onde, ao serem entregues por serem estrangeiros, receberam água e alimento. Ali, no pátio da Modulada, eu percebi que o meu "enxerto" não era um caso isolado, mas o modus operandi de uma polícia do espetáculo e da dor.

Foi então que aconteceu o primeiro sinal físico da minha transformação. Alguns presos me convidaram para fumar. Usaram a técnica da "Teresa" — queimar papel higiênico para disfarçar o cheiro com a fumaça do papel. Eu, que sempre tive o hábito, senti um enjoo súbito. Aquele cheiro, que antes era comum, agora me causava repulsa física. Recusei. Olhei para cima e vi o Nero e os agentes me observando da galeria superior. Eu estava sendo testado pelo sistema, mas minha resposta já tinha sido dada lá dentro, na cela de triagem.

Após o almoço com os uruguaio, o Nero enviou os agentes para me buscarem. Eu não pertenceria ao convívio comum. Fui levado para o Apoio B, o setor dos trabalhadores — a elite laboral da prisão, composta por eletricitas, encanadores e cozinheiros.

Fui instalado em uma cela com dois idosos que pareciam personagens de um livro de drama: o Argenor "Seu Metralha" preso por tráfico com sua esposa na COBEC e um ex-bombeiro seu Otero que tinha tido um AVC e fazia uso de

muletas para poder se locomover. Ali, o silêncio era diferente. Não havia o caos dos módulos; havia o peso do tempo de quem já tinha vivido muito. Naquela cela, entre o apoio técnico e a sabedoria dos velhos, eu começaria a entender qual seria o meu papel dentro daquele sistema.

A ENFERMARIA DO APOIO: O TIME DOS ÚTEIS

Cheguei ao Apoio B por volta das 17h. O local era uma antiga enfermaria improvisada como cela, onde as camas não eram de concreto, mas beliches adaptados para os trabalhadores. O clima era de fim de jornada: o cheiro de café passado pelo Seu Argenor e pelo Seu Otero preenchia o ar, um luxo que parecia vir de outro mundo.

Ao cair da noite, o time se completou com a chegada de mais dois "moradores". Um deles era o Magro Tony, que eu logo apelidei de Zeca Pagodinho pela semelhança física. Ele trabalhava na parte externa, cuidando dos suínos — um trabalho pesado, sujo, mas que garantia a ele o direito de respirar o ar de fora dos muros. O outro era um "alemão", um gringo que cuidava da manutenção elétrica.

Eles chegaram como quem traz um tesouro: duas garrafas de água congelada. No calor asfíxiante de Uruguaiana, onde o gelo não existe para o preso, aquela água era a diferença entre o tormento e o alívio. Naquela cela, havia até ventiladores, um privilégio conquistado pelo suor do trabalho deles.

Sentamo-nos para conversar. A pergunta era inevitável: "O que tu tá fazendo aqui, guri?". Conteí minha história enquanto eles enrolavam um baseado. O ritual da "Teresa" começou novamente no banheiro para disfarçar o cheiro. Eu entrei, acompanhei o grupo, cheguei a colocar o cigarro na boca por puro costume social, mas não dei o trago. A vontade tinha evaporado. O homem que fumava de manhã, de tarde e de noite tinha ficado para trás de alguma forma. A "morfina espiritual" que eu senti na noite anterior era mais forte do que qualquer substância.

Desta vez, minha "jega" era na parte de cima do beliche. Deitei-me ali e, pela primeira vez, vi o céu por uma fresta pequena na grade superior. Não era muito, era apenas um recorte de escuridão e estrelas, mas era o suficiente. Dormi com a alma leve.

Acordei na terça-feira, 23 de março. O sol nascia e eu sabia que aquele seria o dia de começar a entender a minha nova rotina. Eu não era mais o "visitante" da triagem; eu agora era parte do corpo técnico daquela prisão.

O PROFESSOR E O LIVRO: UMA NOVA EXEGESE NO CÁRCERE

Na manhã de terça-feira, a rotina do Apoio B se impôs. O Magro Tony e o eletricitista saíram cedo para a lida, abandonando o silêncio da cela-enfermaria. Após o café ralo das 7h30, restamos eu, o Seu Otero e o Seu Argenor — o "Metralha".

O Seu Argenor era a imagem da fragilidade humana sob o peso do Estado. Um homem negro, corpulento, que definhava em cima de uma jega após um princípio de AVC. Estava ali pela "misericórdia de Deus", sofrendo com o calor insuportável que parecia cozinhar o ar dentro da cela. Sua história era a de muitos na fronteira: caiu por tráfico junto com a esposa na região da COBEC, o pulmão logístico de Uruguaiana, onde o movimento dos caminhões no Porto Seco dita o ritmo da vida e do crime.

A televisão estava ligada no programa do missionário R.R. Soares. O som daquelas pregações preenchia o vazio. Em certo momento, eles me olharam com um respeito novo e perguntaram sobre a minha religião.

— "Não pertenço a nenhuma, seu Agenor" — respondi com a honestidade de quem ainda estava processando o fogo da triagem.

Mas eles queriam ouvir. Pediram que eu lesse a Bíblia para eles.

Ali aconteceu o encontro mais improvável da minha vida. Eu, o historiador formado pela PUC, que havia estudado a fundo as civilizações da Mesopotâmia, os Acádios, Sumérios e Babilônicos, me vi diante do Livro dos Livros com outros olhos. Na universidade, a Bíblia era um objeto de estudo acadêmico, uma fonte histórica fria sobre o passado da humanidade. Mas ali, naquela cela quente, com dois idosos doentes, a Bíblia deixou de ser História para virar Vida.

Pela primeira vez, eu não lia para analisar; eu lia para alimentar. Eu usava meu conhecimento sobre o contexto da antiguidade para explicar as passagens, e, enquanto eu falava, percebia que o "Professor" estava sendo usado por algo muito maior. Parecia que Deus me enviara para aquela cela-enfermaria para ser a voz que confortava o Seu Argenor em seus momentos finais, e, ao mesmo tempo, para que eu aprendesse a ouvir a voz que não vem dos livros. O intelectual estava se curvando ao espiritual.

O TRIBUNAL DOS HOMENS E O ABRAÇO NO PARLATÓRIO

Naquela terça-feira, minha identidade mudou definitivamente. Para o sistema, eu era um número; mas para aquela cela, eu era o Professor. O respeito era total: “Professor, leia isso”, “Professor, o que o senhor acha?”. O conhecimento que eu trouxe da universidade virou bálsamo para o Seu Agenor e o Seu Otero.

O Magro Tony, o “Zeca Pagodinho”, voltou do trabalho com o tesouro da água gelada. Ele me contou sua história, uma tragédia comum nas periferias de Uruguaiana: um pai da Vila do Marduque que, para defender a honra da filha contra um estuprador, tornou-se um justiceiro e, conseqüentemente, um detento. Era o retrato da nossa cidade: a violência gerando violência, e o Estado recolhendo os restos.

A quarta-feira amanheceu com a eletricidade da visita. O Seu Argenor, mesmo debilitado, arrumava-se com uma dignidade comovente para encontrar a esposa, também presa. O Seu Otero também se preparava. E eu, com o coração na boca, fui levado ao parlatório.

O reencontro com minha mãe e com a Simone foi um maremoto de emoções. Através do vidro ou das grades do parlatório, o choro veio antes das palavras. Perguntei pela Yasmin, tentei sentir o cheiro da liberdade nelas. Elas tentaram me blindar, dizendo que estava tudo bem, mas eu sabia que a loja estava em ruínas e que a perseguição continuava.

Minha família, num esforço hercúleo, juntou cada centavo, economias de uma vida da minha tia e da minha mãe, para contratar um advogado. No desespero, o advogado vendeu a ilusão do Habeas Corpus imediato. Mal sabíamos nós que as cartas já estavam marcadas.

Encontrei um advogado conhecido, o Ali Salami um palestino da cidade, me dava palavras de apoio dizendo que eu “sairia logo”, a máquina de Porto Alegre já havia preparado o meu destino. Meus documentos foram direcionados, em um concluiu silencioso, para uma das câmaras mais conservadoras do Tribunal de Justiça — um lugar onde o punitivismo era a regra e a misericórdia, uma palavra esquecida. Se existisse pena de morte no Brasil, aqueles juízes seriam os primeiros a assinar.

Eu estava no “Apoio B”, rodeado de respeito e frutas, mas no papel, eu estava sendo enterrado vivo por um sistema que não perdoa quem pensa por conta própria. Eu entendi, naquele abraço de despedida da minha família, que a minha batalha não seria apenas jurídica; seria uma guerra espiritual e mental para não deixar que aquele lugar me consumisse.

O ARREGO DA ALMA E O PESO DAS CARRASCAS

O reencontro com a Simone e com a minha mãe no parlatório foi um banho de esperança. Elas traziam a notícia que parecia ser a minha chave de saída: como eu era diplomado e não havia sentença transitada em julgado, eu tinha direito a uma cela especial. A Modulada não possuía essa estrutura, então o destino provável seria o Instituto Penal de Uruguaiana, no centro. A ironia do destino era quase poética: o IPU ficava na Rua 14 de Julho, exatamente em frente à Travessa Francisco Orsi, onde eu vivia com a Simone e os pais dela. Eu seria um prisioneiro que veria a própria janela de casa através das grades.

Naquela manhã, os agentes nos deram o que na gíria chamamos de "goela" ou "arrego". Em vez do vidro frio do parlatório, deixaram que ficássemos no corredor, perto da minha cela. Ali, o tempo parou. O "eu te amo" da Simone e as palavras de fé da minha mãe foram o combustível que eu precisava. Elas faziam o impossível lá fora para me tirar dali. "Em seguida tu voltas, meu filho", dizia minha mãe, enquanto a Simone garantia que a loja estava de pé. Elas me protegiam da verdade brutal da rua para que eu não desmoronasse.

Quando elas se foram, o silêncio da cela no Apoio B foi preenchido pelos relatos do Seu Otero e do Seu Metralha. Eles me chamavam de "Professor" com um carinho que misturava admiração e tristeza. Eles sabiam quem eram as donas do meu destino: a juíza Cristina e a promotora Daniele.

O relato do Seu Otero era de embrulhar o estômago. Aquele homem, um ex-bombeiro que já havia salvado vidas, tinha sofrido um AVC e não conseguia caminhar. O Magro Tony me contava, indignado, que o Seu Otero precisava se arrastar pelo chão para conseguir chegar ao banheiro. E mesmo diante dessa cena de degradação humana, a juíza negava a prisão domiciliar.

Ali eu entendi o tamanho do monstro que eu enfrentava. Não era apenas uma questão de provas; era um sistema punitivista alimentado por carrascas que não enxergavam seres humanos, apenas números e processos. Para elas, o pobre e o periférico não mereciam justiça, mereciam o castigo máximo, mesmo que estivessem morrendo. Eu estava cercado por doentes que o Estado preferia ver apodrecer no concreto a conceder um direito básico. Ali, no olhar do Seu Otero, eu vi que a minha luta não era só contra um "enxerto" policial, mas contra uma engrenagem de crueldade institucionalizada.

TÃO PERTO, TÃO LONGE: O EXÍLIO NA FRENTE DE CASA

Eu não olhei para trás. Quando o agente deu o comando, minha única vontade era chegar. Fui colocado no "Caveirão", o camburão escuro da SUSEPE usado para o transporte de presos. Quando a porta de ferro se fechou e o motor roncou, fui tomado por uma fobia que nunca imaginei sentir. Ali, naquele

cubículo de metal, segurando meu ventilador, meu pedaço de colchão e minha sacolinha, a escuridão parecia esmagar o peito.

Senti o solavanco da primeira marcha, o portão da Modulada se abrindo e o barulho dos pneus no cascalho. Quando o som mudou para o asfalto, meu mapa mental de historiador e morador da fronteira foi ativado. Eu conhecia cada curva. Sabia que estávamos passando pela PUC — onde me formei —, o mesmo caminho que leva à Barra do Quaraí. Mentalmente, eu via os quartéis, o trevo da cidade, a entrada na Duque de Caxias... até que senti a viatura dobrar na Rua 14 de Julho.

O motor desligou. Quando a porta abriu e a luz do dia bateu no meu rosto, a primeira coisa que vi foi a Travessa Francisco Orsi. A entrada da minha casa estava ali, diante dos meus olhos. Eu podia ver o lugar onde a Simone e a Yasmin dormiam. Era uma alegria imensa misturada com uma agonia surreal: eu estava a poucos metros da minha vida, mas ainda sob a custódia do Estado.

Fui revistado e levado para uma cela especial, uma "peça" de alvenaria com porta de ferro construída para quem tinha nível superior. Ali, o ambiente era outro. Encontrei dois novos companheiros: um advogado e o Beto, formado em Administração.

O Beto era um personagem trágico. Ele carregava o peso de ser o primeiro condenado na história do Rio Grande do Sul por dirigir embriagado sob nova interpretação da lei, após um acidente que resultou na morte de um agente penitenciário. Na Modulada, o Beto viveu uma ironia macabra: os presos o tratavam como um rei, um herói, acreditando que ele tinha matado um "agente" por vingança ou ideologia. Mal sabiam eles que era a história de uma tragédia, um acidente que destruiu duas vidas.

Naquela quinta-feira, no Instituto Penal de Uruguaiana, eu comecei a entender que a minha prisão no centro da cidade seria um exercício diário de resistência psicológica. Eu estava no coração da minha história, cercado por homens graduados, mas o horizonte ainda era feito de grades.

A LEI E O PERCEVEJO: A PRIMEIRA NOITE NA 14 DE JULHO

A chegada ao Instituto Penal trouxe um tratamento que, embora ainda fosse de reclusão, carregava uma camada de humanidade que a Modulada desconhecia. Fui recebido pelo Beto e pelo advogado na cela especial. Logo de cara, o advogado me estendeu um livro, como quem entrega um mapa de fuga intelectual:

— “Vou te dar de presente a LEP (Lei de Execução Penal). Mas tu tens que saber que aqui estão teus direitos, mas também teus deveres.”

Eu, o professor, aceitei o desafio. Comecei a devorar aqueles artigos na mesma tarde. Ali, entre livros de espiritismo, autoajuda e a Bíblia Sagrada, eu percebi que a minha defesa não seria feita apenas por advogados caros lá fora, mas pela minha própria compreensão da engrenagem que me moía.

A noite caiu na Rua 14 de Julho. Assistimos às notícias, tentamos manter a mente conectada ao mundo através da TV, e então veio o momento do descanso. Como não havia beliches para todos, estiquei meu "meio colchão" — aquela esponja rala que eu trouxera da Modulada — no chão, entre as duas camas.

Foi quando o Beto olhou para o meu corpo e deu o alerta: minha barriga e braços estavam tomados por picadas vermelhas, feridinhas que coçavam e queimavam.

— “Joga fora esse colchão agora, Professor! Isso tá empestado de percevejo. Eu também vim de lá com o corpo surrado por esses bichos.”

Chamei o agente. Pela primeira vez, fui atendido sem gritos. Ele abriu a cela, deixei que ele levasse aquele pedaço de sujeira e recebi uma esponja nova. Não era um colchão de mola, mas era limpo. Era o meu primeiro território conquistado no novo exílio.

Dormi o sono da transição. Do lado de fora, a poucos metros, minha família respirava o ar da liberdade. Do lado de dentro, eu me preparava. Eu não sabia, mas aquela sexta-feira que estava por vir traria uma nova reviravolta na minha história.

O CONCLAVE DOS GRADUADOS: ENTRE A LEP E O ANARQUISMO

A sexta-feira no pátio do IPU era o momento em que as máscaras sociais eram deixadas de lado para que a sobrevivência tomasse o lugar. Enquanto eu e o Beto saíamos para "rodar a cuia" e absorver o sol do centro da cidade, o Getúlio, nosso companheiro advogado, preferia o isolamento da cela.

O Getúlio era o retrato do trauma. Vindo da família Ancinello, um sobrenome de peso no arrozal gaúcho e com laços de parentesco que esbarravam na minha própria história familiar — os "primos" do Tio Delci esposo da Tia Fani —, ele era o exemplo vivo de que o sistema, quando quer, também morde a elite. Mas para ele, o tombo foi maior. O prestígio da advocacia e o sobrenome não o protegeram da humilhação do cárcere; ao contrário, tornaram o trauma mais profundo. Ele vivia encerrado em si mesmo.

No pátio, o Beto me dava o "serviço". Ele me ensinava o mapa das personalidades dos agentes, que trocavam de turno a cada quinze dias.

— "Te cuida, Professor. Hoje o clima está bom, mas tem uns que são carrascos." Ele falava da "Bruxa Keka" e o Rosalino Esposo da Kéka, do Sapo Zoiudo, Daniel e do "Temperinho"... apelidos que carregavam o medo e o respeito dos detentos. Eram agentes que viam no rigor a única forma de exercer o poder, contrastando com os mais antigos que, com a sabedoria do tempo, tentavam amenizar a dor da reclusão.

Voltamos para a cela às 11h30 para o almoço e o trancamento. Ali, o tempo se dilatava e o debate intelectual começava. Com a LEP na mão, eu questionava o Getúlio. Como anarquista e historiador, eu não conseguia ver aquelas leis apenas como regras de ordem, mas como ferramentas de opressão.

— "Olha aqui, Getúlio... o Estado cria o Direito e a Lei justamente para cercar quem eles consideram 'sobra' da sociedade", eu provocava.

Passamos horas em debates sadios. Falávamos da política de 2010, do cenário da fronteira, da religião e da filosofia. Era uma troca rica: a técnica jurídica dele, a vivência do Beto e a minha visão crítica de mundo. Naquela cela, o Estado nos mantinha presos, mas nossas mentes eram mais livres do que nunca.

Ao cair da noite de sexta, o cansaço do debate deu lugar ao silêncio. Antes de dormir, o Beto soltou uma informação que mexeu com a minha memória da triagem:

— "Professor, amanhã é sábado. Não tem tido cultos por aqui ultimamente, mas o boato é que amanhã a Igreja Universal vem aí."

Eu fechei os olhos pensando no Jack. Pensando na experiência sobrenatural que eu tivera dias antes. O sábado estava chegando, e com ele, talvez, uma nova confirmação do que eu vivera naquela cela escura da Modulada.

A FENESTRA DA ESPERANÇA E O ÓLEO DA UNÇÃO

O sábado amanheceu com uma urgência no meu peito. No pátio, enquanto a cuia de mate passava de mão em mão com o Beto, eu ousei fazer o que o protocolo não incentivava: caminhar até o limite da tela, onde os carros entravam. Ali, a ironia do destino se transformou em milagre visual.

Pela trama da tela, eu vi o mundo que me pertencia. Enxerguei o carro estacionado na frente de casa. Vi a Simone caminhando pela calçada. E, num relance que parou o meu coração, vi a Yasmin, minha filha. Era um jogo de esconde-esconde cruel e divino: eu espiava, abanava freneticamente para que elas notassem que eu estava ali, e logo recuava para não ser flagrado pelos agentes. Vi a Simone abanar de volta; senti, mesmo de longe, o peso das lágrimas dela ao me reconhecer naquele vulto atrás da grade. Eu estava a

poucos metros do meu lar, respirando o mesmo ar da 14 de julho, sentindo uma felicidade que transbordava pelos olhos, como o Beto bem notou.

O refrigerio da manhã preparou o caminho para o que viria às 14h. O boato se confirmou: depois de muito tempo sem assistência religiosa no Instituto Penal, a Igreja Universal atravessou aqueles portões.

Não era um culto de grandes espetáculos, mas de uma simplicidade profunda. Uma irmã nos recepcionava com uma mansidão que contrastava com a crueza do cárcere. Ela orava, falava do amor incondicional de Deus e ungiu nossas testas com óleo. Cada palavra dela era um eco do que o Jack havia profetizado na cela escura da Modulada: "Tu estás aqui temporariamente".

Parecia que Deus estava acompanhando o meu "mapa de transferência". Se eu tinha sede de conhecimento, Ele enviava os mestres. Eu, o anarquista historiador, agora me debruçava sobre a Bíblia e os livros de fé com a mesma fome com que estudei as civilizações antigas. Eu queria decifrar o código do Amor, do Universo e da Fé.

Ao final, contei à irmã que tinha acabado de ver minha família pela grade. Com uma compaixão genuína, ela quis saber onde moravam e prometeu visitá-los. Naquele 27 de março, as coisas começaram a clarear. A sentença de agosto ainda era uma sombra distante no calendário, mas dentro de mim, a luz já tinha sido acesa. Eu não era mais um preso esperando o julgamento dos homens; eu era um homem sendo reconstruído por uma força que nenhuma juíza carrasca poderia algemar.

A MINHA CLÍNICA DE RECUPERAÇÃO: O EXPURGO E A LEI

Muitos buscam a cura para a drogadição em fazendas de recuperação, sob o efeito de remédios que dopam os sentidos e transformam o homem em um espectro de si mesmo. Eu não. O meu processo foi bruto, natural e espiritual. Fui curado pelo Espírito, mas o corpo pagou o preço do expurgo.

Naquela cela especial do Instituto Penal, as noites eram de batalha. O Beto me contava, assustado, que eu rangia os dentes e roncava com uma força descomunal. Eu sentia dores de cabeça lancinantes, calafrios que subiam pela espinha e um mal-estar que parecia querer expulsar cada grama de substância que eu tinha consumido ao longo de anos de uso diário. Eu estava me limpando. Ali, no chão daquela cela, eu estava atravessando o deserto da abstinência sem nenhuma anestesia que não fosse a leitura.

A minha "medicação" era a literatura. Eu devorava tudo o que chegava às minhas mãos. Li o Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, buscando entender as causas e os efeitos da existência; mergulhei no Novo Testamento que minha mãe me deu, encontrando ali o refrigerio para as dores físicas; e li diversos

livros de autoajuda que narravam a vitória de homens que, como eu, tinham sido jogados no fundo do poço.

Mas havia uma outra leitura que me servia de munição: a LEP (Lei de Execução Penal). Mesmo sendo uma lei dos anos 80, com várias defasagens, ela me abriu os olhos para a engenharia do controle. Como historiador e anarquista, eu via através das linhas. Percebi que o Direito no Brasil é uma casta elitista: formado, executado e julgado por pessoas brancas, de elite e com dinheiro. A lei era o instrumento que essa elite usava para manter o pobre e o "indesejável" sob a bota.

Lendo a LEP, eu não estava apenas matando o tempo; eu estava me municiando. Eu estava entendendo como o sistema funciona para poder enfrentá-lo com as próprias armas que ele criou. Cada artigo que eu decorava era um escudo a mais. Eu estava me limpando das drogas e me preenchendo de Direito, Fé e História. A cela especial do IPU deixou de ser um lugar de castigo para se tornar o laboratório de um novo homem: o Luciano ordai que não precisava mais de fugas químicas porque agora tinha o conhecimento e a verdade como guias.

O DOMINGO DOS MILAGRES: MÚSICA, PUDIM E A PROFECIA

Se o sábado foi o dia da visão, o domingo, 28 de março de 2010, foi o dia da confirmação. A manhã no Instituto Penal começou com uma trilha sonora que eu jamais esqueceria. Chegou ao pátio o Pastor Sérgio, da Igreja Palavra da Fé, trazendo consigo um violão e uma canção do Lázaro: "Meu Mestre".

Eu, o skatista que só ouvia punk rock e rap, vi-me desarmado. Aquela letra — "Sinto que as mãos do meu Mestre estão sobre mim" — não apenas tocou meu ouvido; ela corroeu o meu coração. Olhei em volta e não era o único: homens e mulheres (separados apenas por uma cerca que dividia o alojamento feminino do nosso) choravam copiosamente sob o sol da manhã. Foi ali, naquele pátio, que o Pastor Sérgio me olhou e profetizou que Deus me transformaria e que eu sairia dali para pregar e falar para os jovens, salvando vidas. Naquela época, eu não dei tanta atenção, mas hoje, com o projeto Hip Hop nas Escolas, vejo que cada palestra minha é o cumprimento daquela profecia.

O meio-dia trouxe outro refrigerio: o almoço da família. A Simone me levou uma comida de verdade e o luxo supremo de uma Coca-Cola gelada. Aquele sabor trazia de volta a sensação de ser humano. Mas o melhor ainda estava por vir.

Às 14h, começou a "visita do povinho". Quando vi a Simone entrar com a Yasmin, de apenas 3 anos, eu não chorei; eu vibrei de felicidade pura. Para a Yasmin, mantínhamos a fábula necessária de que o papai estava "viajando". O abraço dela curava qualquer ferida. O pátio virou uma grande família, onde

provamos o famoso pudim de leite do Instituto — uma técnica sem leite condensado que os presos dominavam, o melhor que já comi.

Horas depois, chegava a minha mãe, Dona Mont Serrat. Com sua fé inabalável de católica fervorosa — ela que hoje é o pilar que organiza a estrutura para o padre na Catedral de Santana —, ela trouxe palavras de esperança e uma sacolinha com mantimentos para a semana. Sua presença era a minha própria catedral ali dentro.

Quando a visita encerrou às 17h30, eu estava cheio de força. O domingo terminou com o som do futebol na TV e o burburinho da cela, mas dentro de mim, o "Professor" já estava começando a entender que o conhecimento da Bíblia e da LEP seria a minha ferramenta para mudar destinos.

A COZINHA DAS DECISÕES E O TEMPERO DA SOBREVIVÊNCIA

No papel, eu ainda era um homem sem destino. Entrei no Instituto Penal (IP) em março e meu julgamento só ocorreria em agosto. No dicionário do sistema prisional, eu era um "nada": um preso provisório, sem condenação, sem direito a benefícios. Mas o "Pacto do Dia 21" continuava operando. No final de abril, o impossível aconteceu: fui convidado para trabalhar na cozinha.

Para um preso, sair da cela e ir para a cozinha é como ganhar um alvará parcial. É o lugar onde a vida acontece, onde o tempo corre diferente e onde a informação circula antes de chegar às galerias. Eles sabiam da minha passagem pelo Exército, no Hospital Militar, e viram em mim a disciplina que faltava. Mas o que eles não sabiam é que eu carregava comigo o DNA culinário da minha avó, Dona Mulata, e da Dona Virgínia.

O Milagre do Tempero na Escassez

A comida do sistema é desenhada para ser apenas combustível, nunca prazer. Sal contado, insumos minguidos. Entrei como auxiliar de arroz e feijão, mas a herança da minha avó falava mais alto. Comecei a tratar aquele rancho com dignidade. Em pouco tempo, os chefes da cozinha me entregaram a responsabilidade total. O sabor mudou. Onde antes havia um caldo ralo e sem vida, agora havia tempero, havia cuidado. Para os presos que não tinham carta de trabalho e passavam o dia inteiro confinados no pátio, aquela refeição era o único momento de humanidade no dia.

O Banquete da Hipocrisia

Foi da janela da cozinha que comecei a enxergar as entranhas podres do Estado. O paradoxo era violento: os agentes penitenciários recebiam vale-refeição para comer em restaurantes, mas preferiam saquear o estoque dos presos.

Eu via as frutas chegarem frescas toda quinta-feira. Elas ficavam guardadas, apodrecendo na despensa dos agentes, enquanto os presos só as recebiam quando já estavam passadas. Vi agentes tomando suco de laranja puro e natural, fazendo churrasco de salsichão, frango assado e salada de maionese com pudim de sobremesa — tudo com o recurso que deveria alimentar o coletivo.

Enquanto isso, para os 150 presos, o "banquete" de final de semana era um risoto feito com apenas três frangos. A conta não batia. A desigualdade era servida no prato. Eu observava tudo em silêncio. No sistema, o silêncio é a primeira regra da sobrevivência, mas o que eu via alimentava minha indignação de historiador. O Estado que falha com o cidadão era o mesmo que se banqueteara da sua miséria.

O Código de Ética e o Vocabulário do Cárcere

A cozinha era um campo minado de regras e malícias. As facas eram contadas e conferidas como munição de guerra ao final de cada turno. E havia o dialeto. No presídio, nada tem o nome que a gente conhece. O vocabulário é moldado por uma malícia perversa, quase pornográfica, que tenta desumanizar até o alimento.

Leite não é leite, é "derivado". Banana é "macaca". Pão com ovo é "pão com semente", cama é jega. Eu precisei aprender essa nova língua para não ser um corpo estranho ali dentro. Mas, mesmo imerso nesse submundo, eu mantinha meus laços de lealdade. Eu só retornava para a minha cela — ou melhor, para a peça que dividia com o Beto e o advogado — por volta das nove da noite. E nunca voltava de mãos vazias. Levava água gelada, um pouco de leite real e o que pudesse para aliviar a noite daqueles que dividiam o fardo comigo.

Eu tinha as chaves da cozinha, mas estava começando a forjar as chaves da minha própria liderança.

O PROFESSOR NO LABIRINTO DA MEMÓRIA

No sistema, eu não era apenas um número; eu era o Professor. Esse título, dado pelos próprios presos nas madrugadas da cozinha, selava meu papel ali. Eu saía às 6h30 para preparar o café, mas o que eu servia, além do pão com

semente, era conhecimento. Enquanto a água fervia, as dúvidas surgiam: eles queriam entender o mundo, e eu queria entender como a história se repetia naquelas paredes.

O TCC Vivo e os Fantasma de 95

Foi ali que o meu passado acadêmico colidiu com a realidade. Anos antes, na PUC, escrevi meu TCC sobre a Violação dos Direitos Humanos em Uruguiana, focando no massacre de 1995 na antiga Cadeia Pública — o exato local onde eu estava agora.

A ironia era brutal: a polícia que me forjou o flagrante levou meu computador com a pesquisa original, tentando apagar meu trabalho. Mas o destino me jogou na fonte primária. Encontrei dois sobreviventes daquela noite de 95. Eles me levaram até a ala desativada e apontaram: "Foi daqui que tiraram o Lau para a execução, Professor". Eu não estava mais lendo documentos; eu estava pisando no sangue da história que eu mesmo contei.

A Rotina do Semi aberto e o Cheiro da Rua

Enquanto eu passava o dia entre o fogão e os relatos dos presos, a dinâmica na nossa peça (como chamávamos a cela no IP) tinha um ritmo próprio. Em maio, o advogado que dividia o espaço comigo e com o Beto progrediu para o semiaberto.

Naquela época, sem tornozeleiras, a fiscalização era "no braço". Os agentes faziam rondas surpresas nos empregos para garantir que ninguém estava desviando o caminho. Ele saía às 7h30 e só retornava às 19h, na hora do "encerro". Ele trazia consigo o cheiro da rua e pequenos tesouros: um pacote de bolachinhas, um Nescau.

À noite, enquanto servíamos a janta para os que chegavam do trabalho externo, compartilhávamos esses "luxos". Era o momento de processar tudo. Ele trazia as notícias do mundo; eu, os relatos da barbárie que colhia lá dentro.

O Escrivão dos Esquecidos

Foi dessa mistura — o conhecimento da lei, a indignação pelo massacre de 95 e a convivência com a miséria — que nasceu o meu novo papel. Eu comecei a explicar para os "Parmalat" (presos por pensão) e para os condenados que a LEP (Lei de Execução Penal) ainda os protegia.

Muitos ali estavam apodrecendo. A tuberculose era um fantasma silencioso. Eu via homens tossindo a própria alma sem nenhum atendimento. Foi então que peguei papel e caneta. Se o Estado me tirou o computador do TCC, eu responderia com petições de próprio punho.

Eu sentava com aqueles homens e transformava suas dores em linguagem jurídica. Citava a Constituição, exigia o direito à saúde e à dignidade. Cada

folha de papel que eu preenchia era uma continuação do meu TCC, mas dessa vez, as páginas não iam para uma banca examinadora; elas iam para o balcão do juiz, tentando salvar vidas que o sistema já tinha dado como perdidas.

O BACHAREL DO PRÓPRIO PUNHO

No Instituto Penal, o conhecimento não era apenas status; era moeda de troca e ferramenta de sobrevivência. Quando o advogado saía pela manhã para o regime semiaberto, ele me deixava uma missão: "ordai, vê o que o pessoal precisa. Escreve de próprio punho que eu protocolo lá na VEC".

Eu não era advogado, mas era um historiador com a mente afiada. Eu me sentava com aqueles homens que o Estado tentava apagar. Lembro especialmente de uma peça onde vários presos aguardavam, sem carta de trabalho, amontoados em beliches. O som que dominava o ambiente era sinistro: uma tosse seca, coletiva, incessante. Era a tuberculose.

Abri a LEP (Lei de Execução Penal). Ali dizia que a dignidade humana e a saúde eram inegociáveis. Peguei o nome, o número do processo e o papel almaço. Como eu ainda não dominava a jurisprudência técnica, usei as armas que eu tinha: a filosofia. Minhas petições eram estranhas ao sistema, mas impossíveis de ignorar. Eu citava Michel Foucault e a estrutura das prisões para mostrar a desumanidade daquele descaso. O advogado completava com as leis e levava para a Vara de Execuções.

Quinze dias depois, veio o milagre: dois presos que estavam definhando em vida conseguiram a prisão domiciliar. Até a juíza Cristina Lohrman e a promotora Fabiane — conhecidas pela rigidez implacável — tiveram que "amansar". Contra a lei bem escrita e o relato da realidade, não há argumento.

O "Doutor" do Pecúlio e das Pensões

Meu "escritório" improvisado começou a atender de tudo. Muitos presos vinham de cidades como Itaqui, Alegrete ou São Borja. Suas famílias não tinham dinheiro para a passagem; eles não tinham nem um sabonete para tomar banho. Eu redigia os pedidos de pecúlio. Lutava para que o recurso que era deles por direito chegasse em forma de material de higiene. Quando o envelope chegava e os agentes compravam o que eles precisavam, eu via nos olhos daqueles homens um brilho que o sistema tentava apagar: o brilho de quem se sente gente.

Aos sábados, o público mudava. Chegavam os "Parmalat" — homens presos por dívida de pensão alimentícia. Eles entravam em choque. Não eram criminosos de carreira, eram pais desesperados, muitos com medo de serem

misturados com a massa carcerária. Eu era a primeira voz que eles ouviam. Levava uma palavra de calma, explicava como as coisas funcionavam e, entre uma orientação e outra, eu escrevia. Minha caneta não parava; as letras viravam música, versos de punk Rock e hardcore e petições de liberdade.

A Promoção Inesperada: A Cozinha dos Agentes

Em julho, o reconhecimento veio de onde eu menos esperava. Os agentes penitenciários, que antes eu observava de longe comendo o melhor do rancho, decidiram que queriam o meu tempero. Fui convidado para trabalhar na cozinha dos agentes.

Era o ápice da minha jornada no IP até então. Sair da cozinha dos presos para cozinhar para os "donos da chave" era um movimento tático fortíssimo. Eu passaria a ter acesso a outras informações, outros corredores e, principalmente, a um outro nível de respeito. O Professor agora alimentava quem o vigiava, mas sem nunca esquecer de onde veio e de quem ainda tossia lá no fundo das peças.

O CHEF DOS CARCEREIROS E O BANQUETE DO ESCÁRNIO

Em julho, a minha vida no Instituto Penal mudou de patamar. Fui "promovido" pelo próprio diretor, o Sr. Freidiane. Ele sabia que eu tinha o dom da culinária e decidiu que o meu talento seria mais bem aproveitado na cozinha dos agentes. O reconhecimento veio em forma de um desafio: ele comprou camarão, leite de coco e todos os ingredientes para um bobó de camarão.

Enquanto a massa carcerária lutava por um pedaço de carne, eu estava ali, preparando um prato sofisticado para quem segurava as chaves. O pessoal ficou impressionado. Ali, eu deixei de ser o preso perigoso — rótulo que nunca me serviu — para ser o homem que trazia sabor aos dias deles.

A Confirmação do Absurdo

À noite, quando o advogado retornava do trabalho e nos encontrávamos na peça, ele me alertava com um tom de ironia: "Agora que tu está lá, ordai, vai ver o escárnio de perto. Eles ganham vale-refeição, mas devoram a comida que deveria ser do preso".

E eu vi. Vi o suco de laranja que não podia ser batido com água — tinha que ser a fruta pura, espremida até o último gole de privilégio. Aos domingos, o cardápio era uma afronta: quilos de carne assada no forno, salsichão e salada de maionese. Eu trabalhava ali com a Cida, uma apenada que cuidava da limpeza e dos doces, mas a responsabilidade do fogão era minha. Eu era o encarregado de servir o luxo financiado pelo Estado para agentes que já eram pagos para comer fora.

Entre a Ética e a Grade de Tela

Trabalhar na cozinha dos agentes trazia um benefício psicológico: as visitas da Simone e da Yasmin eram mais tranquilas, eu estava em um ambiente menos hostil. Mas a mentira para a Yasmin continuava sendo o meu maior fardo. Ver minha filha de três anos e dizer que "o papai estava viajando e só voltava nos finais de semana" era uma faca de dois gumes. Eu estava ali, a poucos metros de casa, servindo bobó de camarão para agentes, enquanto minha vida real acontecia do outro lado da rua.

A cozinha dos agentes ficava em uma posição estratégica. Dali, o caminho para a rua era um convite silencioso. Não havia muros altos, não havia a segurança pesada da Modulada. Da porta da cozinha para a liberdade era uma "barbada". A tentação de simplesmente caminhar para fora, atravessar a Travessa Francisco Orsi e abraçar minha família sem mentiras era um pensamento que rondava as madrugadas.

Mas eu sabia que o meu "Pacto do Dia 21" não era sobre fuga física; era sobre a fuga pela porta da frente, com a dignidade intacta e a história escrita.

O DONO DAS CHAVES E O INVENTÁRIO DA FOME

No Instituto Penal, a hierarquia nem sempre é definida pela farda. Em julho, eu recebi uma responsabilidade que poucos presos na história daquele lugar tiveram: eu me tornei o dono das chaves da despensa.

Eu controlava tudo. O arroz, o feijão, o óleo, o sal e a carne. Havia um lugar para pendurar a chave, mas ela pertencia à minha mão. Eu era o elo entre a fome dos presos e o luxo dos agentes. De um lado, eu recebia as ordens do que os "donos da casa" queriam comer no banquete particular deles; do outro, eu tinha que lidar com a parte administrativa que ditava as gramas exatas de alimento que deveriam ser destinadas à massa carcerária.

A Logística da Sobra

De quatro em quatro meses, o caminhão de abastecimento estacionava na frente do Instituto. Era um evento. O descarregamento era uma operação logística que eu mesmo organizava. Eu subia no caminhão, coordenava os carregadores e arrumava os freezers.

Foi ali, organizando as caixas de coxa e sobrecoxa, que eu vi o mecanismo da injustiça por dentro. Ao final do mês, eu percebia as "sobras". Três, quatro pacotes de frango que não eram contabilizados, que deveriam estar no prato de quem passava o dia no pátio, mas que ficavam ali, no limbo da burocracia, à disposição do capricho de quem mandava.

O Pagamento do Rancho

Existia um cardápio oficial para a cozinha dos presos, mas o acesso à comida era um jogo de cartas marcadas. Os presos faziam a comida, mas não podiam entrar na despensa. Eu era quem "pagava" o rancho. Eu pesava a carne, separava o óleo e o sal conforme as cotas administrativas.

Naquele momento, eu entendi que o Estado não é apenas uma entidade abstrata; ele é feito de chaves, freezers e gramas de feijão. Eu tinha o controle administrativo, mas o peso moral era o que mais contava. Eu sabia exatamente o que estava sendo desviado para o churrasco dos agentes e o que estava faltando na panela do risoto dos cem presos. O Professor agora tinha os números na cabeça e a chave no bolso.

A CAÇA AO TESOIRO E O ANARQUISMO DO CUIDADO

O meu estereótipo no Instituto Penal confundia a todos. Eu não era o perfil que esperavam de um "criminoso". Depois de meses, meu cabelo tinha crescido, eu havia perdido muito peso e minhas tatuagens — marcas da cultura do skate, do punk e do hip-hop — contavam uma história de liberdade. Quando eu falava, usando o plural correto e a educação que nunca me abandonou, o choque era imediato. Os entregadores dos caminhões paravam para me ouvir como se eu fosse um alienígena naquele pátio.

Mas a minha verdadeira revolução não estava na fala; estava no que eu fazia com as sobras do banquete.

O Banquete Escondido

Na cozinha dos agentes, o desperdício era a regra. Antes de eu chegar, o que sobrava das frutas ia para o lixo ou era guardado para os próprios agentes. Eu não conseguia aceitar aquilo. Minha avó, a Dona Mulata, me ensinou que comida e água não se negam a ninguém. O meu anarquismo não era de teoria, era de prato cheio.

Eu comecei a agir. Pegava as sobras de carne, aquelas coxas e sobrecoxas que os agentes não queriam mais, e montava o que eu chamava de "Caça ao Tesouro". Eu colocava a carne no fundo de uma forma e cobria tudo com uma camada generosa de arroz. Por fora, parecia apenas um resto de acompanhamento, mas por baixo, escondia a dignidade que o sistema roubava deles.

Dignidade por Debaixo da Porta

No verão de Uruguaiana, onde o calor de 40 graus transforma as celas em fornos, eu levava a "encomenda". A porta das peças tinha um vão estreito por baixo. Eu chegava de mansinho e anunciava: "Gurizada, o rango tá na mão!".

Eu deslizava a forma pelo chão. Do outro lado, eu ouvia as risadas, os agradecimentos e o som dos talheres batendo. "Valeu, Professor! Consegue uma água gelada?". Eu já tinha o esquema: garrafas de dois litros congeladas no freezer da cozinha dos agentes. Eu levava a água, o leite (o "derivado") e as frutas que estavam guardadas.

Os outros presos me chamavam de louco. "Um dia tu vais te incomodar, ninguém nunca fez isso", diziam. Eu respondia com a LEP na mão: "Essa comida é deles por direito. O Estado paga, eles têm que comer. Estou apenas cumprindo a lei que os agentes ignoram". Eu não tinha medo porque a minha proteção era a minha retidão.

O Reconhecimento no Pátio

Essa rede de cuidado me transformou em uma figura quase mítica no IP. Nos dias de visita, o cenário era emocionante. Quando a Simone e minha mãe chegavam, os familiares dos outros presos vinham até mim para me apertar a mão. "Esse é o Professor que cuida dos nossos", eles diziam.

Ali, no meio do pátio, entre abraços de mães e esposas que eu nem conhecia, eu percebi que a minha prisão tinha um propósito maior. Eu estava devolvendo a humanidade a homens que o sistema queria tratar como bicho. Eu não era apenas o cozinheiro; eu era o homem que transformava o resto em banquete e o deserto de Uruguaiana em um lugar onde, pelo menos por um momento, a sede era saciada com água gelada e o respeito era a sobremesa.

CAPÍTULO: A ENGRENAGEM E A CANETA DE FERRO

Em julho de 2010, o mundo externo bateu à porta do Instituto Penal com uma data: agosto. A sentença estava marcada. Meu advogado, Hernani, trazia o otimismo que é o produto de venda de todo defensor, mas eu, com minha bagagem de Foucault e da criminologia crítica, comecei a enxergar através da cortina de fumaça.

Minha família esgotou todas as economias. Gastamos o que não tínhamos na esperança de um Habeas Corpus que nunca vinha. Ali eu entendi que o Direito não é uma balança cega; é uma ferramenta de manutenção de classe. Ele foi criado para proteger o capital e para moer quem está na base. Eu era o exemplo vivo dessa moenda.

A Segunda Câmara e a Mão de Ferro

Meus recursos subiram para Porto Alegre, mas o azar — ou o destino — me jogou na Segunda Câmara Criminal. Entre as sete câmaras possíveis, caí na mais conservadora, onde a absolvição era um milagre inexistente. Lembro-me da Desembargadora Laís Rogéria Alves Barbosa. Surpreendeu-me ver uma mulher negra naquela posição de poder, relatora, mas sua caneta era de ferro.

Ela me negou tudo. Ali, a percepção jurídica dela, moldada por um sistema punitivista, não deu espaço para a minha humanidade. Onde o advogado tentava emplacar o "consumo compartilhado", a Justiça via o crime hediondo. Comecei a entender que, para Brasília mexer um papel a seu favor, você precisa de um poder que eu não tinha. Eu tinha apenas a verdade, e a verdade, no tribunal, muitas vezes é irrelevante diante da forma.

O Ministério Público: O Arquiteto da Ruína

O Ministério Público, que nos livros escolares é vendido como o "defensor da sociedade", se revelou para mim como um carrasco implacável. Eles não queriam justiça; eles queriam a minha cabeça como troféu para selar o conluio político que me colocou ali.

Usaram contra mim agravantes que beiravam o absurdo, como a proximidade com escolas. Em uma cidade, qualquer lugar está a 100 metros de uma escola, mas o MP usa esse "carimbo" para inflar sentenças e destruir qualquer chance de ressocialização. Eles queriam que eu fosse o exemplo da "mão pesada" do Estado.

A Aceitação da Missão

Foi nesse período de negativas que algo mudou dentro de mim. Onde outros veriam apenas azar, eu comecei a enxergar uma missão de outra dimensão.

Comecei a aceitar que eu precisava estar ali. Eu precisava ser o "Professor" daquelas galerias, o bacharel de próprio punho que ajudava os tuberculosos e os "Parmalat". Se o sistema era uma máquina de violações, eu seria a falha na engrenagem, o corpo que sentia na pele a dor para poder contar a história por dentro. Eu não estava apenas preso; eu estava infiltrado na barbárie para poder denunciá-la ao mundo.

Agosto estava chegando. O dia do julgamento se aproximava como uma tempestade no horizonte de Uruguaiana. Eu estava magro, cabeludo, tatuado e pronto para encarar os meus carrascos.

O SILÊNCIO DOS ALGOZES E O PESO DO FERRO

Agosto, 14 horas. O Fiat Uno branco cortava as ruas de Uruguaiana levando não apenas um apenado, mas um historiador que observava o colapso da própria justiça. Ao chegarmos pelos fundos do Fórum, o cenário era de guerra: camburões da Modulada despejavam outros homens negros e pobres, uma linha de montagem de culpados.

Os agentes que me escoltavam tentavam ser o meu para-choque emocional. "Vai dar certo, Professor, a pena vai ser baixa", diziam, num misto de consolo e previsão. Mas o meu instinto, aquele que não falha, já sentia o cheiro da emboscada. Eu sabia que não estava indo para um julgamento, mas para a formalização de uma vingança política.

A Lei Descumprida na Frente da Juíza

Ao entrar na sala, a primeira violação foi simbólica e física: a Lei de Execuções Penais determina que o réu permaneça sem algemas, a menos que haja risco. Eu era um professor, um cidadão sem histórico de violência, mas a juíza ignorou o direito. Ela queria que eu me sentisse um bicho. E assim fiquei, com os pulsos presos, ouvindo o teatro começar.

"Não me recordo": O Refrão da Impunidade

O soldado Wellington, o P2 que articulou a invasão da minha loja, sentou-se para depor. A mentira dele era o alicerce de todo o processo: a história de um suposto jovem que teria jogado 50g de maconha e fugido.

Meu advogado, Hernani, foi para o ataque. Era uma pergunta simples, lógica, fundamental:

— Quais eram as características físicas dessa pessoa que o senhor viu fugir?

O silêncio do soldado foi ensurdecedor.

— Não me recordo — respondeu ele, com a voz de quem ensaiou a amnésia.

Hernani insistiu, subiu o tom, exigiu a verdade. Por três vezes o "não me recordo" ecoou na sala como uma confissão de culpa. A juíza, em vez de exigir clareza da testemunha do Estado, interveio para proteger o soldado. "Calma, doutor, eu faço a pergunta".

Depois veio o segundo policial. O mesmo roteiro, o mesmo apagão de memória, a mesma cara de pau. Eles não lembravam do rosto do suposto fugitivo porque ele nunca existiu. Ele era o "fantasma" criado para justificar a invasão sem mandato da minha loja.

O Retorno e o Escárnio

Na volta para o Instituto Penal, dentro do Fiat Uno, o clima era de indignação. Até os agentes penitenciários, acostumados com o sistema, estavam chocados.

— Que escárnio, Professor! Como os rapazes não lembram de nada? — comentavam.

Eles viram o que eu vi: a juíza e a promotora não estavam ali para julgar; elas estavam ali para chancelar o que a Brigada havia "arquitetado" no café da manhã.

Voltei para o IP, tirei a roupa "de sair" e vesti o avental. Fui direto para a cozinha preparar o jantar dos agentes. Mexer as panelas era o meu jeito de não deixar a mente ferver. À noite, na cela, o Beto e o Dr. Getúlio tentavam me dar esperança, falando em regime semiaberto, em pena mínima. Eu agradecia, mas o meu peito sabia.

Aquela noite, o sono foi um campo de batalha. Eu não dormia por medo do futuro; eu dormia com a certeza de que a verdade, em Uruguaiana, era uma mercadoria que o Estado não estava disposto a comprar.

O PESO DA SENTENÇA E A VOZ DAS CORDAS (FIM DE 2010)

A sentença finalmente chegou como um soco no estômago, mas um soco que eu já esperava: quatro anos e dez meses de reclusão. O regime inicial era o fechado. Como se não bastasse a injustiça do enxerto, o Ministério Público, movido por um punitivismo cego, apelou. Eles queriam mais. Queriam cinco anos e dez meses, alegando que a minha loja era perto de escolas e da biblioteca pública.

Foi aí que Porto Alegre — a segunda instância — trouxe um lampejo de lucidez para o processo. Eles entenderam o que a justiça de Uruguaiana se recusava a ver: a lei de agravantes foi feita para o traficante que alicia crianças na porta do colégio, não para um cidadão que reside e trabalha no centro da cidade, onde tudo é perto de tudo. A vitória na segunda câmara manteve a pena em quatro anos e dez meses. Parecia uma eternidade, mas eu já tinha um trunfo: a remissão. Cada três dias que eu passava na cozinha ou escrevendo petições, eu arrancava um dia das garras do Estado.

O Presente de Vladimir: O Violão da Liberdade

Com a sentença definida, eu precisava de um escape. Pedi ao Dr. Hernani que solicitasse à juíza a entrada de um violão. Usei a justificativa dos cultos de

sábado e domingo, uma "estratégia de sobrevivência" que funcionou. Para minha surpresa, a mesma mão que assinou minha condenação, autorizou a entrada da música.

O violão que chegou era um velho companheiro, presente do meu irmão Vladimir, o mesmo que vibrou nas cordas da banda 100 Neurônios. Agora, aquele pedaço de madeira e aço seria o berço das letras da Soldados de Deus e do Rap pampa Crew. Dentro da cela, o som do violão abafava o barulho das grades. Eu não estava apenas tocando; eu estava compondo a trilha sonora da minha resistência.

O Primeiro Natal: A Queda do Capitalismo Interno

O Natal de 2010 chegou. Pela primeira vez na vida, eu estava longe da ceia farta e das luzes da rua. Ali, dividindo a cela com o Beto e o Dr. Getúlio, eu tive a maior aula de filosofia da minha vida.

Fora das grades, o sistema capitalista nos escraviza com a obrigação do consumo, com a farsa das datas comerciais. Dentro da cela, sem o peru de Natal ou os presentes caros, eu entendi que o Natal é uma construção da mente. O que importava ali era a marmita dividida, o refrigerio trazido pela Simone e pela minha mãe nas visitas, e a lealdade dos meus companheiros.

Passei a virada para 2011 sentindo que, embora meu corpo estivesse confinado em 4 anos e 10 meses, a minha mente já tinha pulado o muro. Eu era um homem condenado, mas era um homem que compunha. E quem compõe, nunca está totalmente preso.

O REENCONTRO COM A ORIGEM: O PERDÃO QUE LIBERTA

Existe um peso que as grades não explicam e que os processos não registram: o peso do silêncio entre um filho e uma mãe. Durante anos, a minha relação com a minha mãe foi um território de sombras. Eu, criado pela minha avó, guardava um vazio que não sabia nomear. Não era ódio, não era raiva, era uma distância que impedia o "eu te amo" e o abraço apertado. Morávamos em casas separadas, com corações separados.

No primeiro Natal em liberdade, na casa da minha tia Fany, o destino preparou a mesa para o acerto de contas mais importante da minha vida.

O Choro que Lavou o Passado

Ali, entre as luzes de Natal e o cheiro da comida de família, o mundo parou. Minha mãe se aproximou e, em um gesto que quebrou décadas de gelo, me pediu perdão. Aquilo me atravessou como um raio.

— "Não, mãe, eu é que tenho que te pedir perdão", respondi, enquanto nos fundíamos em um abraço que parecia querer recuperar cada segundo perdido.

Ela carregava a culpa de ser uma mãe solo em uma época implacável. Carregava o fantasma do meu pai, que teve de fugir para não ser morto pelos meus tios sob a mira de um revólver. Ela achava que a minha queda — as drogas, o enxerto, a prisão — era o resultado de uma falha dela. Ela se via como a causa da minha dor.

A Leveza do Espírito

Naquele abraço molhado de lágrimas, algo físico aconteceu dentro de mim. Senti um peso bruto sair do meu peito, como se uma corrente de ferro que eu carregava desde a infância tivesse se partido. Eu fiquei leve. Pela primeira vez, eu não era o historiador, o músico ou o preso; eu era apenas o filho que voltava para o colo da mãe.

Ali eu entendi: para eu libertar os jovens nas escolas, eu precisava primeiro libertar a minha própria história. O perdão da minha mãe foi a meu verdadeiro alvará de soltura. O Estado me deu a liberdade vigiada, mas a minha mãe me deu a liberdade total. Eu estava pronto para o mundo, porque finalmente estava em paz com a minha origem.

O SOM DA LIBERDADE E O CAMINHO DO RECOMEÇO (2011 - 2012)

O ano de 2011 começou com um silêncio diferente na cela. O Beto e o Dr. Getúlio, meus companheiros de jornada, haviam progredido para o regime aberto domiciliar. Eu continuava ali, no regime fechado do Instituto Penal, mas já não era o mesmo homem que entrou na Modulada em março de 2010. Eu tinha o meu violão e uma caneta que não parava de produzir.

Minha cela virou um estúdio de resistência. Eu tocava nos cultos e via homens brutos, calejados pelo crime e pelo descaso, chorarem como crianças ao ouvir as notas de "Eu Estou Livre" e Levantar. Aquelas músicas eram um portal. Enquanto eu cantava, as grades sumiam. Eu estava compondo o futuro, guardando no caderno as letras que mais tarde seriam o grito do Rappa Crew.

A Estratégia do Narcóticos Anônimos

Em 2012, com a saída das carrascas — a juíza e a promotora que haviam montado o circo contra mim — o ar no Judiciário de Uruguaiana pareceu ficar menos denso. Um novo juiz assumiu e, estrategicamente, o Dr. Hernani e eu fizemos um pedido: que eu pudesse frequentar as reuniões do Narcóticos Anônimos (NA).

Minha intenção era dupla. Primeiro, eu queria ser um farol para quem estava perdido no vício, usando o meu testemunho para mostrar que a mente pode ser livre mesmo quando o corpo está confinado. Segundo eu precisava sentir o gosto da rua, respirar o ar de fora antes da liberdade definitiva.

O pedido foi aceito. Todos os dias, às 19 horas, eu cruzava o portão do IP. No NA, eu me recusava a usar a linguagem do sistema. Quando todos diziam "Eu sou um adicto", eu permanecia em silêncio. "Adicto" significa escravo, e eu já tinha quebrado minhas correntes há muito tempo. Eu estava ali para ajudar, não para aceitar um rótulo de derrota.

O Caminho de Volta: Seis Quadras de Vida

Aquela caminhada de seis quadras entre a reunião e o presídio era o meu ritual sagrado. Eu passava em casa, via o rosto da minha mãe, sentia o cheiro da comida de verdade. Eu ainda não podia falar com a Yasmin ou com a Simone, para manter a história de que eu estava "viajando", mas aquele contato rápido com o meu lar era o que me mantinha em pé. As pessoas na rua me paravam, surpresas e felizes por me verem caminhando. Eu estava voltando para o mundo.

A Carta de Emprego e a Loja Capeta

Entre outubro e novembro de 2012, a porta do semiaberto finalmente se escancarou com uma carta de emprego. Um amigo da Loja Capeta me chamou dando uma oportunidade de carta de emprego. Não fui para lá apenas como um funcionário; levei comigo toda a bagagem cultural do skate, do punk da cultura hip-hop e o conhecimento das marcas que eu tinha na minha antiga loja.

Das 9h às 19h, eu era novamente o Mano Ordai do skate, o mestre da cultura de rua. Às 19h, eu voltava para o Instituto Penal para dormir. O ciclo da injustiça estava se fechando, e o ciclo do protagonismo estava apenas recomeçando. Eu estava pronto para ser, de novo, o dono da minha própria história.

O PESO DA LIBERDADE E O VAZIO DO LAR (2013)

O primeiro dia na Loja Capeta foi um choque de realidade. Eu entrei com a cabeça baixa, os ombros pesados, sentindo como se houvesse uma placa invisível no meu peito dizendo "ex-presidiário". É a armadilha que o sistema planta na mente da gente: o rótulo de "criminoso" tenta se sobrepor ao de "professor". Eu olhava para a vitrine e, se alguém passava me encarando, eu pensava: Será que ele sabe? Será que ele me julga? Mas a recepção foi o oposto. Sorrisos, abraços e um respeito que começou a derreter aquela crosta de culpa que não me pertencia. Eu já tinha a "manha" do comércio; o tio Bira,

lá na época da Manos, tinha me ensinado que vender é, antes de tudo, entender a alma humana. O vendedor é um psicólogo do asfalto.

A Fênix do Comércio

Não demorou para o "Professor" se destacar. Eu não vendia apenas shapes ou roupas; eu vendia a cultura que eu vivia. Comecei a trazer marcas novas, a traçar estratégias, e a Loja Capeta virou uma potência em Uruguaiana. Batemos recordes. Ver os números chegarem a 1 milhão de vendas no Natal, ver minha comissão crescendo, foi a prova de que o sistema não tinha conseguido apagar o meu brilho profissional.

Com o dinheiro do suor, comecei a reconstruir meu mundo material. Realizei o sonho da moto Custom — uma Virago 535. Comprei ar-condicionado, móveis novos, mobiliando meu quarto na casa da minha tia e madrinha Fany, que residia no centro, depois que o tio Delci faleceu ela comprou um apto no centro da cidade ainda nos anos 90. Eu estava erguendo meu castelo tijolo por tijolo. Mas, enquanto as paredes de fora subiam, as de dentro desmoronavam.

O Golpe Mais Duro: A Separação

A liberdade veio acompanhada de um silêncio ensurdecedor. A Simone, a mulher que foi minha fortaleza, que encarou as humilhações da Modulada e do IP ao meu lado, pediu a separação. Foi um rasgo no peito. Eu não entendi na época, e talvez nunca entenda totalmente. Pressão da família, Traição, o desgaste de anos de sofrimento, o trauma do que vivemos... ela não aguentou o peso do pós-tempestade.

Eu relutei. Eu a amava. Mas tive que aceitar. O destino pregava uma peça cruel: eu tinha vencido as grades do Estado, mas perdia o convívio diário com a minha filha, a Yasmin. A história se repetia como um ciclo vicioso dos meus casamentos anteriores: eu, o homem que sempre proveu, o homem trabalhador e humilde, via a família se dissolver sem um motivo claro, sem violência, apenas pelo desgaste da vida.

Voltei para a casa da tia Fany. Ali, entre o ronco da Virago e o silêncio do meu quarto novo, eu entendi que a liberdade tem um custo alto. Eu estava conquistando o mundo de novo, mas precisava aprender a caminhar sozinho, transformando aquela dor em um novo combustível. O Mano Ordai estava livre, próspero, mas com o coração em carne viva, pronto para o próximo capítulo que a vida reservava.

O PROFETA DO ASFALTO E O SOM DA REVOLUÇÃO (2013)

A vida no regime aberto era um equilíbrio delicado. Houve aquele momento de tensão quando o sistema tentou nos arrastar de volta para o IP. O medo bateu na porta, mas a justiça teve que recuar. A lei dizia que eu tinha direito a uma cela especial e, como o Estado havia lotado o Instituto Penal a ponto de extinguir esse espaço, eles foram obrigados a me mandar de volta para casa. Era o universo dizendo: "Lá dentro você já cumpriu sua missão, agora sua voz é na rua".

Naquela época, eu alternava entre o papel de pai cinéfilo — recuperando o tempo perdido com a Malu e a Yasmin entre filmes de locadora — e o de estrategista cultural na Loja Capeta. Mas a inquietação ardia no peito. Eu via a gurizada no Parcão, muitos filhos de apenados, repetindo o ciclo de invisibilidade que o sistema adora. Eu sabia que, se nada fosse feito, o destino deles seria o mesmo que o meu: ou o ferro da grade, ou o frio do caixão.

Skatistas de Cristo: Sem Religião, com Espiritualidade

Montei a célula "Skatistas de Cristo" no Parcão. Não era uma igreja, era um quilombo urbano sobre rodinhas. Todos os sábados e domingos, eu levava a palavra, mas não a palavra engessada dos pastores. Eu falava de Foucault, de anarquismo, de sobrevivência no sistema e de como a espiritualidade podia ser a nossa armadura. Eu contava a verdade nua e crua da Modulada.

A semente foi lançada. Começamos a viajar, a patrocinar do próprio bolso as peças e as passagens da gurizada. Ver aqueles meninos, que o mundo já tinha descartado, tornando-se campeões gaúchos de skate em 2013 e 2014, foi o meu maior troféu. Eu era o coordenador, o técnico e o mentor, resgatando a energia dos anos 80, mas agora com a sabedoria de quem tinha sobrevivido ao inferno.

Soldados de Deus: Furando o Bloqueio Ortodoxo

Paralelo ao skatistas de cristo, nasceu a banda Soldados de Deus. E aí eu enfrentei um novo tipo de "carcereiro": o religioso fanático. Foi quase impossível recrutar músicos nas igrejas. Eles eram ortodoxos, engessados, escravos do medo e da culpa.

— "Isso não é de Deus", eles diziam ao ouvir o peso do Hardcore e do Punk Rock.

Eles não entendiam que Deus não é uma música sacra lenta; Deus é a força que te mantém vivo no pavilhão. Eu estava 200 anos à frente deles. Enquanto eles discutiam a "permissão do pastor", eu estava gravando os cliques de "Levantar" e "Andar de Skate com Jesus".

Quando os vídeos saíram, o impacto foi gigante. A formação sólida finalmente aconteceu. Nós não estávamos apenas fazendo música; estávamos entregando um manual de sobrevivência em forma de distorção de guitarra. Eu

não era mais um adicto, não era um escravo de dogmas. Eu era um homem livre, anarquista e cristão, usando o Hardcore para implodir as muralhas da ignorância.

O MISSIONÁRIO DO CAOS: SOLDADOS DE DEUS E O JCHC (2013-2014)

Enquanto eu cumpria minha domiciliar e brilhava nas vendas da Loja Capeta, uma nova revolução fervia no meu amplificador. A banda Soldados de Deus não era apenas um grupo musical; era um experimento sociológico. Eu, o professor que passou a vida estudando os povos antigos, finalmente tinha mergulhado na Bíblia — não com os olhos vendados da fé cega, mas com o rigor do historiador. Encontrei um Jesus revolucionário, anarquista, um homem que estava séculos à frente do seu tempo e que certamente não cabia dentro das quatro paredes engessadas das igrejas de Uruguaiana.

Entre a Cruz e o Coturno

Eu vivia em uma sinuca de bico. Meus antigos parceiros de "loucura", que ainda viviam no mundo das drogas e da bebida, me olhavam com desconfiança, achando que eu tinha virado um "crente" bitolado. Por outro lado, os pastores ortodoxos olhavam para o meu Punk Hardcore e tremiam.

— "Isso é coisa do diabo", diziam alguns, enquanto a juventude da igreja vibrava com a distorção.

Eu estava trazendo para a fronteira o movimento JCHC (Jesus Christ Hardcore), algo que nasceu na Califórnia e que eu só descobri que fazia parte quando o Eduardo Teixeira, de São Paulo, me conectou com essa cena. Sem saber, eu estava alinhado com um movimento global de resistência cristã underground. Eu não fazia música "gospel" — esse termo nunca coube na minha boca. Eu fazia música cristã de protesto.

Frutos da Revolução: Bruno Couto e os Clipes

A prova de que minhas sementes como professor tinham florescido veio na hora de gravar. O diretor dos nossos clipes foi o Bruno Couto, hoje uma referência audiovisual em São Paulo, mas que em 2005 era aquele meu aluno do Instituto Laura Vicunha. Ele era um dos jovens que teve os olhos abertos pelas minhas aulas de filosofia anos antes.

Gravamos o clipe de "Levantar" no casarão da Duque do Luizinho, anos mais tarde viria a se chamar Porto Alegre Bar, um cenário que exalava a crueza da nossa mensagem. Depois, gravamos "Andar de Skate com Jesus" na pista pública, sob um sol escaldante de 40 graus, reafirmando que a nossa igreja era o asfalto.

A Conexão Global

O som dos Soldados de Deus rompeu as fronteiras de Uruguaiana. Atravessamos a ponte para Passo de los Libres, onde os argentinos abraçaram o peso do nosso som. Fomos parar em coletâneas europeias, lançamos um cd com outros artistas como o Jesus Christmas Hardcore. Eu estava vivendo um novo protagonismo. O sistema tentou me calar com uma sentença de 4 anos e 10 meses, mas ali, em 2013, eu estava falando para o mundo.

Eu entendi que as denominações religiosas — Batista, Assembleia etc. — eram apenas mais um sistema de controle, tão limitadores quanto o sistema prisional. Eu não queria reformar a igreja; eu queria libertar as pessoas através do impacto do Hardcore. Eu era um anarquista cristão com um baixo na mão e uma história que ninguém podia apagar.

O RETORNO AO RONDON: A PROFECIA CUMPRIDA (2013)

A vida escreve roteiros que nenhum autor de ficção ousaria criar. Em 2013, o balcão da Loja Capeta recebeu um grupo de estudantes da Escola Marechal Cândido Rondon. Eles queriam entender o submundo das drogas e o sistema penal. Para os donos da loja, jovens de classe média que observavam a cena, aquilo era uma curiosidade antropológica; para mim, era o chamado.

Aqueles alunos levaram meu vídeo para a escola. Dias depois, o convite: eles queriam que eu fosse falar presencialmente.

O Déjà Vu no Auditório do Rondon

Entrar no Rondon foi como atravessar um portal no tempo. Aquela era a minha escola, o lugar onde fiz o fundamental, a escola que eu via da janela de casa na Vitorino. Mas eu não voltava como o menino que ali estudou, nem como o professor acadêmico da PUC. Eu voltava como o sobrevivente do inferno.

Quando olhei para aquele mar de jovens, um choque elétrico percorreu minha espinha. Déjà Vu.

Imediatamente, minha mente viajou para 2011, para o frio das paredes do Instituto Penal. Ouvi nitidamente a voz do Pastor Sérgio me dizendo: "Eu vejo que tu vais pregar para muitos jovens... tua experiência vai salvar muitas pessoas lá fora". Na época, preso e descrente, eu dei risada. Achei que era delírio de religioso. Mas ali, diante de centenas de olhos atentos, a profecia se materializava. Cada palavra que saía da minha boca era um tijolo daquele sistema que eu ajudava a derrubar na mente daqueles jovens.

O Abraço que Lavou a Alma

Contei tudo. Não escondi as algemas, não escondi o enxerto, não escondi a dor da minha mãe e das minhas filhas. Falei da injustiça como quem descreve uma ferida aberta, mas mostrei a cicatriz da superação. A comoção foi geral.

No meio da palestra, um braço se ergueu. Era um velho amigo do skate, um rapaz que tinha se perdido nas drogas e voltado a estudar para tentar se salvar. Ele não aguentou. Levantou-se, me abraçou e chorou um choro de quem encontra terra firme após um naufrágio. Naquele momento, não era só ele que chorava. Muita gente se desabou em lágrimas.

Aquelas lágrimas lavaram a minha alma. Toda a sujeira da Modulada, o peso da condenação de 4 anos e 10 meses, o rótulo de traficante que a juíza tentou me pregar... tudo aquilo foi dissolvido naquele pátio. Eu saí dali não como um ex-detento, mas como um rei que retomava o seu trono: o trono da educação e da palavra.

O Jack tinha razão no dia 21 de março na cela de triagem. O Pastor Sérgio tinha razão no pavilhão do Instituto Penal na hora do culto aos domingos. A minha prisão não foi um erro de percurso; foi o meu treinamento para a guerra que eu estava começando a vencer. Eu não era mais um "problema social" de Uruguaiana. Eu era a solução que eles não esperavam.

O ECO DA VOZ: DAS ESCOLAS AO COMÉRCIO (2014 - 2019)

Depois do Rondon, as comportas se abriram. Eu já não era mais o ordai presidiário; eu era o homem cuja história todos queriam ouvir. Mas nada me preparou para a tarde na Escola Castelo Branco.

Fui convidado para palestrar sem saber que o destino armaria mais uma das suas. Eu falava para os alunos, mergulhando fundo na dor da perda do meu filho prematuro, o Yuri, e na brutalidade da prisão. No meio do relato, a sala foi tomada por uma onda de soluços. Foi quando meus olhos encontraram, num canto discreto, a Simone. Ela era professora ali, e eu não sabia. Ver a mulher que segurou a minha mão no inferno, agora derramando lágrimas ao ouvir a síntese da nossa dor pública, me fez travar. Tive que parar. O silêncio que se seguiu não era de vazio, mas de um respeito sagrado. Ali, no Castelo Branco, a nossa história pessoal virou uma lição de literatura viva para centenas de jovens.

O "Dono" da Capeta

Enquanto isso, na Loja Capeta, eu vivia o auge. Eu não vendia apenas mercadoria; eu entregava cultura. Eu me tornei tão intrínseco àquela loja que a cidade mudou o meu nome. "Lá vai o dono da Capeta", diziam as pessoas na rua. Minha filha Malu dava risada: "Imagina se fôssemos donos, pai!". Mas, na

prática, eu era o dono da identidade daquele lugar. Levei o skate, a música e a minha bagagem intelectual para trás do balcão. Transformamos a loja em uma potência que batia recordes de faturamento, tornando-a a maior referência do setor na fronteira.

O impacto das minhas palavras começou a transbordar os muros das escolas. Quando recebi a proposta para ir para a Sapatolândia Esportes em 2015, a proprietária me pediu algo inusitado antes de eu assinar o contrato: uma palestra motivacional para os funcionários.

Ali, vi que minha missão era universal. Falei para vendedores, para gente do comércio, para pais e mães de família. E a reação era a mesma: lágrimas. As pessoas não choravam por pena; choravam porque se viam nas minhas quedas e buscavam a força que eu tive para levantar. Eu já não era mais apenas o historiador das escolas; eu era o palestrante da vida real, transformando o balcão do comércio em um púlpito de resiliência.

As palestras foram se multiplicando, uma atrás da outra, num ritmo frenético, construindo um legado de autoridade e respeito que só seria freado pelo silêncio global da pandemia.

O NÔMADE DO ASFALTO: DA FÁBRICA ÀS PRAIAS (2017 - 2018)

Em 2017, a estrada me chamou. O convite do Moto Clube Coyotes foi o gatilho que eu precisava para deixar a poeira de Uruguaiana baixar. Mas antes de partir, o "Tino" de gestor falou mais alto na Barbearia Baroni. O Juliano viu que minha força não estava apenas na tesoura, mas na liderança, e me tornou uma espécie de gerente. Quando ele partiu para a Califórnia, eu segurei o leme, mas o horizonte de Novo Hamburgo já me esperava.

A Qix e a Engenharia do Skate

Em Novo Hamburgo, vivi uma imersão técnica. Fui trabalhar na Qix, uma marca que eu já admirava. Ali, o ciclo do skate se fechou: eu, que vendia o tênis no balcão e gastava a sola na lixa, agora aprendia a "fazer" o calçado. Da cola à costura, do design ao acabamento. Foi uma experiência maravilhosa ver a construção de um sonho do zero, na mesma Rua Antonina onde, nos anos 90, eu tinha competido como skatista. Eu estava "dentro da máquina", aprendendo a estrutura do que eu sempre amei.

O Choque em Balneário Camboriú

Em 2018, segui o rastro do litoral até Balneário Camboriú. Voltei para a cozinha, o meu antigo refúgio do Instituto Penal, agora como auxiliar em um cenário de luxo. Mas a beleza das praias de Santa Catarina escondia um contraste amargo.

Aquele era o ano da eleição de 2018. Balneário se revelou uma cidade de um conservadorismo sufocante, um reduto de extrema-direita onde o fascismo não se escondia. Como um homem negro, historiador, anarquista e livre-pensador, eu era um corpo estranho naquele paraíso de concreto e preconceito. Eu não me adaptei àquela vibração de intolerância. Lá o gaúcho é explorado até a última gota de sangue.

A "viagem" que comecei em 2010 como uma injustiça e que me levou a cruzar estados como um homem livre, estava me trazendo de volta para casa. No final de 2018, entendi que o meu lugar de luta era onde minhas raízes estavam fincadas. Voltei para Uruguaiana com a bagagem cheia de experiências técnicas, mas com o espírito pronto para a batalha final: transformar a minha cidade através da política e da cultura.

O TEMPERO DA RUA E A BATIDA DA MISSÃO (2019 - 2021)

Voltei para Uruguaiana em 2019 com a mochila cheia de mundo. Fui direto para a cozinha do Ferrovía, onde a minha missão era aprimorar o hambúrguer na brasa. Ali, entre a fumaça da lenha e o sabor da carne, eu era um "Chef de Baixa Gastronomia". Eu colocava a minha história nos molhos, na maionese artesanal, no ponto da carne. O balcão era o meu novo palco, revendo amigos e sentindo o pulso da cidade.

Pouco depois, o convite do César De Véia (Alemão) me levou para a esquina da minha casa: o Bar do Alemão. Quando a sociedade da cozinha deles rompeu, eu não vi um problema; vi uma oportunidade. "Alemão, vamos criar um X com a tua cara que vai dar certo", eu disse. E deu, hoje é um dos melhores cheese da cidade de Uruguaiana, o bar trocou o nome para caixa2 posteriormente.

A Pandemia e a Sobrevivência do "X"

Então, o mundo parou. A pandemia de 2020 trancou as portas de Uruguaiana. As palestras silenciaram, o contato físico morreu, mas a fome da cidade continuou. Foi o nosso "X" que nos salvou e a cerveja artesanal. Trabalhando de portas fechadas, focados no delivery, mantivemos a chama acesa. Mas, no silêncio do isolamento, o caderno de letras voltava a queimar na minha gaveta. Eu precisava de mais do que gordura e pão; eu precisava de rima.

O Encontro de Destinos: Mano Ordai e Mano Will

Em 2021, quando as restrições começaram a baixar, encontrei o Mano Will no calçadão, vendendo seu artesanato. O Will era um artista da resistência. Eu

lancei o desafio: "Will, vamos fazer rap? Tenho as letras, baixo uns beats na internet e, quando tivermos dinheiro, gravamos num estúdio de verdade."

Nascia ali o Rap Projeto. Mas o Will ainda não conhecia o meu lado "palestrante". No dia em que ele me viu em ação dentro de uma escola, ele ficou em choque. "Ordai, eu também tenho uma história para contar", ele me disse.

A Aliança das Cicatrizes

O Rasta Rap Projeto virou algo muito maior que uma dupla de MCs. Era a união de duas trajetórias de dor e superação. Eu trazia o peso das grades físicas, do enxerto e da luta contra o sistema penal. O Will trazia a história do sonho que virou pesadelo: o jovem que saiu para ser hippie e acabou como morador de rua, invisível nas calçadas de São Paulo.

Juntos, voltamos para as escolas. Já não era apenas uma palestra; era um espetáculo de hip-hop pedagógico. Cantávamos a liberdade e falávamos das "grades espirituais" que aprisionam a juventude. Enquanto a pandemia ia perdendo força, a nossa mensagem ganhava fôlego. Uruguaiana estava prestes a ver o nascimento de uma política pública que ninguém poderia ignorar.

O OLHAR DA LENTE E O SOM DA VITÓRIA (2021 - 2022)

No auge da pandemia, quando as ruas de Uruguaiana pareciam um cenário de filme de ficção, eu decidi que era hora de dirigir o meu próprio roteiro. Fiz um curso de audiovisual pela Fundação Satélite Prontidão e, como projeto final, o Rasta Rap (o projeto com o Mano Will) virou o protagonista.

Com a câmera no chão e ângulos ousados, inspirados na crueza dos Beastie Boys dos anos 90, transformamos os pontos históricos de Uruguaiana no nosso set. Eu não era apenas o MC; eu era o diretor, aplicando os planos de filmagem que estudei. Mas antes da imagem, veio o som. No quarto do Nero, na Vila Cidade Nova, dentro da Sublime Rec, o Rap de Uruguaiana ganhou corpo. Gravamos "Meu Rincão", uma homenagem à nossa terra, feita no improviso, mas com a alma de quem conhece cada palmo desse chão.

A Vitrine de Itaqui e o Salto de Fé

A oportunidade bateu à porta com um edital em Itaqui, Mostra Itaquense de Inovação Cultural. Era época de restrições, sem público, mas eu sabia que o tesouro ali não era o aplauso imediato, era o portfólio. Convenci o Nero a gravar sete canções em um único fim de semana, na base da confiança. Entramos no estúdio na sexta, saímos no sábado e no domingo estávamos

diante das câmeras profissionais da Marquise 51 no teatro Prezevodovisky. Saímos dali com imagens e som de cinema. O Rasta Rap agora tinha uma vitrine de luxo.

A Consagração em Alegrete: A Letra que Fez História

Em 2022, o destino nos levou ao FAC (Festival Alegretense da Canção). Inscrevi três músicas, incluindo "Sobrevivendo" e "Eterna Mãe". Mas foi "Lanceiros", a canção que resgata a memória da Batalha de Porongos e o sacrifício dos negros na Revolução Farroupilha, que abalou as estruturas do festival.

Ver o Rap, um ritmo marginalizado, ser selecionado em um festival tradicionalista e chegar à final foi uma quebra de paradigma. Mas a glória maior veio quando anunciaram: "Lanceiros", de Luciano Ordai do Rasta Rap, eleita a Melhor Letra do Festival.

Naquele momento, em Alegrete, o protagonismo negro que Uruguaiana e a fronteira tanto tentaram sufocar, explodiu. Eu não era mais apenas o "ex-detento" ou o "vendedor"; eu era o premiado poeta da resistência negra. A partir dali o respeito mudou de patamar. O Rasta Rap não era apenas música de rua; era patrimônio cultural, era história viva sendo contada por quem sobreviveu para narrar.

A QUEDA DO COMPLEXO E O RECONHECIMENTO DO REI (2022)

Ganhar o prêmio de Melhor Letra no Festival Alegretense da Canção (FAC) com "Lanceiros" foi um choque de realidade. Ali, no coração do tradicionalismo gaúcho, o Rap — a música da periferia, do negro, do excluído — foi coroado. As pessoas vinham nos apertar a mão, gente da lida, do campo, dizendo: "Vocês tiveram a coragem de falar o que a gente nunca teve". Ver crianças pedindo autógrafos e fotos não era apenas vaidade; era a prova de que a nossa mensagem tinha atravessado as gerações.

O Fantasma da Fronteira: O Complexo de Inferioridade

Uruguaiana tem uma característica cruel: ela muitas vezes ignora os seus talentos até que eles brilhem lá fora. O "complexo de inferioridade" é uma sombra que persegue o artista local. A gente cresce achando que o nosso som não é bom o suficiente, que a nossa cultura é menor.

Olhei para a história e vi que eu não estava sozinho: Serginho Moah (Papas da Língua), João Chagas Leite, César Passarinho, Bebeto Alves... todos os gigantes tiveram que partir para serem gigantes. Uruguaiana parecia pequena demais para a grandeza deles. E nós estávamos presos nessa mesma armadilha, com medo de cantar, achando que ninguém nos daria oportunidade.

O Divisor de Almas

Alegrete foi o nosso divisor de almas. Ao cruzar a ponte de volta para Uruguaiana, não éramos mais a mesma dupla. O jornal estampava a manchete: "Dupla de Uruguaiana coloca o Rap em protagonismo". Aquele reconhecimento externo foi o combustível que faltava para a gente se olhar no espelho e finalmente ver, sem sombras, os artistas que éramos.

A cidade, que antes nos via com desconfiança ou silêncio, agora tinha que nos ouvir. O protagonismo não era mais um sonho; era uma realidade sólida. Nós tínhamos a melhor letra, tínhamos a história e, agora, tínhamos o respeito. O complexo de inferioridade tinha ficado para trás, no asfalto da estrada entre Alegrete e Uruguaiana. Estávamos prontos para reivindicar o nosso lugar no trono da cultura da fronteira.

A RESISTÊNCIA DO VERSO PRÓPRIO: REMANDO CONTRA A MARÉ

Uruguaiana padece de um mal comum às cidades que param no tempo: a ditadura do cover. Aqui, o tapete vermelho é estendido para quem mimetiza os artistas já consagrados, para quem toca a música dos outros e mantém o público em uma zona de conforto anestesiada. O "artista de cover" é o herói de uma cultura que tem medo do novo. Mas eu e o Mano Will nunca aceitamos esse papel. A gente nunca quis ser sombra; a gente nasceu para ser luz própria.

Sempre nos incomodou essa facilidade de reproduzir o que já existe em troca de um aplauso fácil. Nós tínhamos urgência de falar das nossas histórias, das nossas cicatrizes e das verdades que só o Rap Pampa Crew poderia narrar. Quando chegamos com as vitórias no Festival Alegretense da Canção e começamos a aprovar projetos em diversos editais, estávamos dando um recado: a arte original de Uruguaiana tem pedigree, tem força e tem mensagem.

A Simbiose Perfeita: Música e Palestra

O fenômeno mais incrível aconteceu quando levamos o nosso som para dentro das escolas. Não foi algo planejado em laboratório; foi uma conexão espiritual. As nossas canções se encaixaram nas nossas histórias de vida de forma orgânica. Quando eu parava de falar sobre as grades e a batida do Rap começava, a música não era um intervalo — era a continuação do depoimento.

As letras falavam do que vivemos, do que sofremos e do que vencemos. Essa é a nossa essência: o "fio" que nos liga à verdade. Enquanto muitos artistas se escondem atrás de letras alheias, nós nos despimos diante dos alunos através das nossas rimas. E os jovens sentem isso. Eles reconhecem o que é autêntico. Eles não querem o brilho artificial do cover; eles querem o impacto real do Rap que nasce da sobrevivência.

Remando contra a Maré

Sabemos que a cidade ainda não está preparada para valorizar plenamente quem cria, quem compõe e quem ousa ser original. Uruguaiana ainda olha com desconfiança para o novo. Mas nós não ligamos. Seguimos remando contra a maré, cientes de que o nosso propósito é maior que o reconhecimento de um bar ou de um evento oficial. O nosso palco é a mente dos jovens que despertam ao ouvir uma rima nossa. A nossa missão é mobilizar, fazer raciocinar, provocar o sistema. E, mesmo contra o vento, a nossa história continua sendo escrita com tinta própria, porque sabemos que a originalidade é a única coisa que o tempo não consegue apagar. Ainda vamos ganhar muita coisa, porque a nossa vitória não é um cachê de cover, é a transformação de uma vida.

O ALVARÁ DA HISTÓRIA: DO CÁRCERE AO PATRIMÔNIO (2024 - 2025)

A semente plantada na dor começou a dar frutos que nem o asfalto mais duro de Uruguaiana pôde segurar. O Hip Hop nas Escolas e o Rap pampa Crew transbordaram os muros das instituições e chegaram às mídias. Foi então que o telefone tocou: era o Thiago Assessor do Vereador Egídio Carvalho, um homem de direita, conservador, integrante do PP convidando-nos para uma entrevista na Rádio Líder.

O Choque de Realidade na Rádio

Eu sabia que o Egídio esperava encontrar dois "funkeiros" que falavam de ostentação. Ele estava pronto para o embate. Mas, ao abrir o microfone, ele encontrou o Professor. Expliquei a diferença entre o Funk comercial e a profundidade pedagógica do Rap. Falei de transformação, de revolução mental e de inquietude social.

O vereador ficou pasmo. A cidade parou para ouvir. O que era para ser uma "emboscada" virou uma plataforma. Ali, percebi que a política era o próximo tabuleiro. Sugeri a ele a criação do Dia Municipal do Hip Hop, conectando o 12 de novembro (Dia Mundial) com o Mês da Consciência Negra. O projeto foi aprovado por unanimidade em 2024. A cultura que tentaram prender agora tinha um dia oficial no calendário.

A Consagração: Patrimônio Imaterial

Mas eu queria mais. Como anarquista, eu sabia que leis podem ser passageiras, mas o patrimônio é eterno. Já consolidados e fazendo parte da Nação Hip Hop Brasil, eu e o Mano Will procuramos o Vereador Luiz Fernando Brait. O desafio era audacioso: tornar o Hip Hop Patrimônio Cultural Imaterial de Uruguaiana.

Em novembro de 2025, durante uma plenária pública na câmara de vereadores, eu subi na tribuna. Olhei para aqueles vereadores — muitos dos quais representavam o sistema que um dia me trancafiou — e falei sobre as oficinas nas vilas Salvador Faraco e João Paulo. Falei da esperança de que o grafite e a rima levavam onde o Estado só levava o camburão.

O resultado veio em novembro de 2025 numa sessão pública na 48 Feira do Livro Internacional de Uruguaiana foi uma vitória acachapante: aprovado por unanimidade.

O PREÇO DA ESSÊNCIA: A LUTA QUE NÃO CESSA

Tornar o Hip Hop Patrimônio Cultural Imaterial de Uruguaiana não foi um desfile de vitórias; foi uma guerra de trincheiras. Foram anos de luta solitária, que ganharam corpo e alma quando o Mano Will se somou a mim. Mas, para nossa surpresa, o inimigo nem sempre veste farda ou terno; às vezes, ele está dentro do próprio movimento.

A Pureza contra a Autodestruição

Hoje, enfrentamos a resistência de grupos que se dizem do Hip Hop, mas que se recusam a somar com a Nação Hip Hop ou com o coletivo Pampa Crew. Nas batalhas de rima, onde a juventude deveria estar despertando, vemos o consumo aberto de drogas. Eles nos criticam, dizem que nosso trabalho não é "legítimo". Mas o que é legitimidade para quem nunca sentiu o peso de uma grade fechando ou o frio de uma calçada em São Paulo como o Will sentiu?

Nossa postura é inegociável: somos antidrogas. O nosso Hip Hop nas Escolas é uma advertência severa. Nós sabemos — porque sentimos na pele — que o crime e o vício têm apenas três destinos: a cela, o caixão ou a destruição total da dignidade. Estarmos limpos hoje, depois de atravessarmos as armaduras do sistema penal, do racismo e da miséria, nos dá uma autoridade que incomoda.

A Missão de Ser Espelho

Uruguaiana ainda tem pessoas que criticam a nossa chegada ao topo, que questionam as leis que conquistamos com o Vereador Egídio e o Vereador Luiz Fernando. Mas essas críticas são o eco de quem não compreende a urgência da nossa missão. Nós lutamos pela essência, pela base. Lutamos para que o jovem da vila não precise ter a mesma "força bruta" que nós tivemos para sobreviver, porque muitos não terão.

Eu, Mano Ordai, e o Mano Will, não nos curvamos aos olhares tortos de quem acha que o Hip Hop é apenas estilo ou ostentação. Para nós, o Hip Hop é uma ferramenta de salvamento. Bebemos na fonte da ancestralidade e da dor para oferecer um caminho de volta. Se o preço de manter a essência é ser criticado por quem ainda está cego pelo vício ou pelo ego, nós pagamos com prazer. O título de Patrimônio Imaterial não é um enfeite; é um escudo para proteger a próxima geração.

O SELO DA VITÓRIA: ALÉM DAS FRONTEIRAS E DAS SOMBRAS

Tornar o Hip Hop Patrimônio Cultural Imaterial em Uruguaiana é o selo de uma luta que muitos tentaram invisibilizar. Mas, mesmo com o troféu na mão, a frieza nos olhares persiste. Sinto essa distância vinda de onde deveria haver braços abertos: o movimento negro local. Em Uruguaiana, a militância muitas vezes se fragmenta, perdendo-se no brilho passageiro do Carnaval ou nos muros da religiosidade, esquecendo que o povo preto está morrendo nas esquinas, nas celas e nas filas do desemprego.

A Luta contra o Racismo Estrutural e Interno

É triste perceber que, quando fazemos eventos ou celebramos o Mês da Consciência Negra, as cadeiras do movimento negro oficial muitas vezes ficam vazias. Existe um racismo estrutural e um clientelismo histórico que prefere o "conforto" das alianças políticas ao confronto necessário que o Rap propõe. Mas nós não ligamos. Minha trajetória e a do Mano Will provam que nós já estivemos no fundo do poço — e quando não havia mais para onde descer, nós começamos a cavar para o lado, para a saída, para a luz.

Nós somos a prova viva de que a sobrevivência é o maior ato de rebeldia. Se hoje o Hip Hop nas Escolas é lei e patrimônio, é porque não nos vendemos.

De Uruguaiana para o Mundo

O Hip Hop nas Escolas não cabe mais em uma única cidade. Em 2025, rompemos as fronteiras do Rio Grande do Sul. Levamos nossa voz para Criciúma, em Santa Catarina, junto ao coletivo Flor e Ser. O que nasceu na

periferia de Uruguaiana agora é uma ferramenta de transformação que atinge o Brasil e mira o mundo.

Nosso papel é a transformação social do povo preto, pobre e periférico. É o combate direto à necropolítica e ao extermínio da nossa juventude. Se os nossos irmãos e irmãs do movimento local ainda não abriram a cabeça para entender que o Rap é a linha de frente da luta antirracista, eles terão que aceitar os fatos: o Hip Hop é patrimônio, é dia municipal e é, acima de tudo, a voz de quem não se calou.

O Veredito de uma Vida

Cravamos nossa bandeira. O reconhecimento oficial apenas chancela o que o asfalto já sabia. A história de Luciano Ordai e Mano Will é a história de quem venceu o impossível. Seguimos firmes, pela equidade, pela cooperação e pela vida de cada jovem que, ao ouvir nosso beat, decide que o crime e a droga não serão o seu fim, mas que a arte será o seu começo.

EPÍLOGO: O MULTIVERSO DE UM HOMEM LIVRE

Quem olha para o Luciano Ordai de hoje enxerga muito mais do que um sobrevivente; enxerga um arquiteto de futuros. Se tentaram me afundar no poço em 2010, esqueceram que eu trazia comigo a força ancestral da minha avó Virgínia, a Dona Mulata. Mas foi em 2020 que a maior de todas as transformações aconteceu: o meu letramento racial.

Apesar de ter vivido a pele negra desde o nascimento, foi no GEREN Grupo Estudo Resgate Empreendedorismo Negro que eu me descobri, de fato, um homem negro. Entendi que as mazelas que sofri não eram apenas "má sorte", mas o peso de um sistema que eu agora combato como Agente Territorial de Cultura e especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais. Hoje, minha missão é garantir que os jovens que vêm atrás de mim não precisem esperar décadas para entender o valor da sua própria cor.

O Legado nas Telas e nas Ruas

O Hip Hop nas Escolas, que nasceu de uma rima no pátio de uma cadeia pública, tornou-se imortal. Em 2026, o documentário "Hip Hop nas Escolas", aprovado pela Lei Paulo Gustavo, levará para as telas a essência do que estas páginas narram. Como Produtor Cultural, vi meus projetos abrirem portas não só para o Rap, mas para comunidades indígenas e PCDs, provando que a cultura é o maior instrumento de equidade que existe.

Nas ruas, sigo sendo a Lenda do Skate da Velha Guarda, a referência que ensina que o equilíbrio sobre o shape é o mesmo que precisamos para a vida. No audiovisual, uso a lente para focar no que a sociedade insiste em ignorar.

A Gastronomia e a Sala de Aula

A "Baixa Gastronomia" continua sendo o meu contato direto com o povo. Na minha Food Trike, entrego aquele que os uruguaianenses batizaram como o melhor cachorro-quente da cidade. É ali, no balcão da rua, na praça central da cidade que eu sinto o pulso da fronteira. Mas é no Curso Meta que eu preparo as armas para o futuro: como professor, oriento jovens para o Enem, ensinando que o conhecimento é a única alforria que ninguém pode revogar.

O Veredito Final

Eu não morri. Eu renasci em mil versões. Saí das grades para libertar mentes dentro do sistema, no Narcóticos Anônimos e em cada escola que piso. Sou o anarquista que acredita na cooperação, o historiador que honra o passado e o homem negro que projeta o amanhã.

A minha história não é sobre um erro judicial; é sobre a impossibilidade de se manter um espírito livre em cativeiro. Eu sou Luciano Ordai. Eu venci as grades, venci o silêncio e, hoje, sou o patrimônio vivo da minha própria liberdade.